



Sumário

PREFÁCIO	4
INTRODUÇÃO	5
OS FANTÁSTICOS CASOS DO DR. NANDOR FODOR	18
PRIMEIRO CASO	19
SEGUNDO CASO	21
MARECHAL QUADROS: UM PIONEIRO NOS REGISTROS MEDIÚNICOS	25

EWERTON QUADROS	25
PRIMEIRO CASO	25
SEGUNDO CASO	27
ADMIRÁVEL CONVERSA	30
O FANTASMA DA FOTO	31
O MISTÉRIO DOS RELÓGIOS	32
SEGUNDO CASO	34
TERCEIRO CASO	34
QUARTO CASO	35
QUINTO CASO	36
CAMPAINHAS FANTASMAS	37
PRIMEIRO CASO	37
REVELAÇÃO PELA CAMPANOFONIA	39
UMA PERTURBAÇÃO DE DEZOITO MESES	40
A CAUSA REAL DO FENÔMENO	42
UM CASO DE CAMPANOFONIA EM LONDRES	43
AS CAMPAINHAS DO HOSPITAL DE GREENWICH	44
CADEIRAS DE BALANÇO QUE SE MEXEM SOZINHAS	45
SONS DO OUTRO MUNDO	49
UM IMPRESSIONANTE CASO DE ASSOMBRAÇÃO POR VOZ DIRETA	53
OS SONS ESPIRITUAIS	56
AS CRIANÇAS E AS APARIÇÕES	60
A VISÃO DE ESPÍRITOS POUCO DEPOIS DA MORTE	64
CASOS INTRIGANTES DE APARIÇÕES	68
OS FENÔMENOS DAS CASAS ASSOMBRADAS	72
A CLASSIFICAÇÃO DE CESARE LOMBROSO	79
AS ASSOMBRAÇÕES DE VERSAILLES	79
NOSSA EXPERIÊNCIA EM VERSAILLES	83
YVONNE A. PEREIRA	85
UMA HISTÓRIA NORDESTINA DE ASSOMBRAÇÃO	89
OS FANTASMAS DA CASA BRANCA	93
FANTASMAS FEMININOS	93
O MAIS ASSÍDUO	94
HARRY TRUMAN ADMITIU A PRESENÇA DO FANTASMA DE LINCOLN NA CASA BRANCA ..	95
TREM-FANTASMA	95
AS SESSÕES NA CASA BRANCA	96

ROOSEVELT E A VIDENTE JEANNE DIXON	97
A MORTE TRÁGICA DE JOHN KENNEDY	97
AS EXPERIÊNCIAS DA DRA. ELISABETH KÜBLER-ROSS.....	98
A LUZ NA ESPIRITUALIDADE	99
SE O SOL NÃO VOLTAR?	100
O MEDO DOS MORTOS.....	103
A CIÊNCIA DOS ESPECTROS	105
RESENHAS DA SOCIEDADE DE PESQUISAS PSÍQUICAS.....	109
A SIMBOLOGIA DA MORTE EM OUTRAS ÉPOCAS	116
RETROSPECTO HISTÓRICO.....	116
A DOCTRINA DOS MIASMAS.....	118
AS REFORMAS CEMITERIAIS.....	118
ERA VITORIANA	119
CEMITERADA - REVOLTA PELA SALVAÇÃO	120
A DESTRUIÇÃO DO CEMITÉRIO	122
OS SEPULTAMENTOS NAS IGREJAS E A SAÚDE PÚBLICA	123
O COMÉRCIO DA SALVAÇÃO	125
OS MESMOS ANSEIOS DE SALVAÇÃO CONTINUAM.....	126
PASSAGEM PARA OUTRA DIMENSÃO.....	126
O EXTRAORDINÁRIO VIDENTE ANDREW JACKSON DAVIS	130
A ALMA SAI DO CORPO PELO CRÂNIO.....	134
A MORTE APARENTE - O PERIGO DE SER ENTERRADO VIVO	136
OS SINAIS SEGUROS DA MORTE - AS EXPERIÊNCIAS DA “QUASE MORTE” - AS PESQUISAS DE PSICÓLOGOS - A MORTE DE LEON DENIS	138
A TRANSIÇÃO: PESQUISA KARDECIANA	148
O PRINCÍPIO DA CONCORDÂNCIA.....	150
PROVAS DE ESPÍRITOS EM OUTRA DIMENSÃO	155
AS DECLARAÇÕES DE ALEXANDRE AKSAKOF	161
AS EXPERIÊNCIAS DO DR. ENRICO IMODA	162
OS SERES ESPIRITUAIS DA NATUREZA ECOLÓGICA	163
A PESQUISA DE CONAN DOYLE	164
NOVAS FOTOGRAFIAS DAS FADAS.....	166
FRANCES E ELSIE ENTREVISTADAS	169
A BAHIA E SEUS MISTÉRIOS ASSOMBROSOS.....	170
A VINGANÇA DO ESPÍRITO	180
AS PESQUISAS DO GRUPO AMBROISE PARÉ	182

AS MATERIALIZAÇÕES DO ESPÍRITO “NOIVA”	189
A MATERIALIZAÇÃO PARCIAL DE AMBROISE PARÉ.....	190
A CONVERSA DOS ESPÍRITOS	194
O DIA EM QUE A AGÊNCIA DE PUBLICIDADE PAROU.....	195
O FAZENDEIRO QUE ATIROU NUM FANTASMA	202
O RESTAURANTE ASSOMBRADO	206
E O ESPÍRITO LEVOU O CARTÃO POSTAL PARA O ALÉM.....	212
BIBLIOGRAFIA	213

PREFÁCIO

APARIÇÕES são aparências supranormais sugestivas da presença real de alguém distante ou morto. A percepção é visual, na maioria das vezes espontânea; porém, em alguns casos pode ser experimentalmente induzida. O estado do percipiente pode ser normal (acordado ou em estado de sonho) ou anormal. O agente pode ser vivo ou morto.

A primeira enquete sistemática sobre a realidade das aparições fantasmais foi instituída pela Sociedade para Pesquisas Psíquicas - SPP, em 1882. O resultado foi englobado em “PHANTASMS OF THE LIVING” por Frederick Myers, Frank Podmore, Edmund Gurney. Foi publicada, esta obra, em 1876, considerada um dos mais notáveis trabalhos em seu gênero, sendo até hoje consultada.

Os motivos que levam um morto (ou vivo) a aparecer diante de pessoa ou pessoas, em sua forma fluídica, têm as seguintes características: mensagem urgente de extremo perigo, preocupação, doença ou morte iminente. É um aviso dirigido ao percipiente ou à pessoa de sua família ou a ele ligada por laços de amizade. O aviso pode se destinar a alguém que tenha ligação com o próprio agente.

Quando se trata de aviso vinculado à pessoa do agente, este se mostra perturbado e confuso. O fantasma pode andar pela casa e alarmar seus habitantes com sua presença súbita ou pela produção de ruídos (raps). A proposta quase nunca é suficientemente clara e a aparição pode voltar mais de uma vez, para ter certeza de que a informação do fato anunciado foi devidamente entendida. A dificuldade maior é que as pessoas (mesmo parentes ou conhecidos do agente), não estando preparadas para o inusitado evento, saem como loucas do recinto e/ou da casa, abandonando-a porque a considera mal-assombrada. A frustração do agente é muito grande; não esperava essa refratária recepção. Quer ajudar, livrar alguém do perigo, e não o permitem. No íntimo, deverá se lembrar que, quando encarnado, procedia da mesma forma - negava, sem base, a sobrevivência da alma. Então, compreende o porquê da atitude assumida quando um fantasma aparece: é um verdadeiro Deus nos acuda!

INTRODUÇÃO

É muito comum, em várias partes do Planeta, e, também, no Brasil, ouvirmos falar em casos de assombração, ou simplesmente, de fenômenos que não podemos entender, dentro das nossas limitações. Quem nunca escutou histórias de casas assombradas, onde objetos se movimentam sozinhos, portas que se batem, sem nenhuma explicação? Casos de gente que enxerga fantasmas de pessoas mortas? Neste século, a literatura, e principalmente o cinema, trataram de fantasiar, mais ainda, tais fenômenos, criando, muitas vezes, uma espécie de pânico, sem sentido, nas pessoas. Para distinguir de vez o que é verdadeiro e o que é fruto da nossa imaginação hollywoodiana, tentaremos, através de OUTRAS DIMENSÕES - O ENIGMA DAS APARIÇÕES, explicar a natureza de tais fenômenos, que, na realidade, não passam de manifestações espirituais, independente de qualquer motivo.

Na verdade, a presença dos seres invisíveis entre nós, sempre foi encarada de uma forma folclórica, fantasiosa, e, sobretudo mística. O interessante é que muitos têm medo de fantasma, mas pouco acreditam em fantasma. Lembro-me das histórias fantásticas contadas por minha avó, nas noites quentes da velha cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. E como ela sabia contar histórias! As personagens, os fantasmas, povoavam os meus infantis pensamentos e os de meus irmãos. Ninguém queria dormir sozinho - espremíamos-nos, os quatro, numa só cama de casal, cobertos dos pés à cabeça. Não consegui descobrir de onde minha avó tirava tantos e espetaculares casos de assombração. O enfoque sempre pitoresco daquelas histórias não comprometia a sua autenticidade. Senti isso mais tarde. Ela poderia ter escrito um livro sobre as atividades dos Espíritos, tanto à noite como durante o dia. Sim, porque eles também agem depois que o sol nasce. Muita gente imagina que, ao surgir do sol, espantando as sombras, os fantasmas somem, vão para algum lugar no mundo espiritual. Não é bem assim que as coisas funcionam. Havendo condições, os Espíritos podem provocar fenômenos em qualquer lugar. O problema é que as pessoas estão fortemente condicionadas a admitir que os fantasmas (como os vampiros) saem apenas à noite, como se procedessem a um ritual. Ou por outra, como se valessem da escuridão para causar pânico aos vivos. Deve-se esclarecer que os Espíritos, pelo menos a maioria, não pretendem assombrar quem quer que seja. Eles simplesmente aparecem ou fazem barulhos caso exista, no ambiente, um médium de efeitos físicos (situação que será devidamente esclarecida no conteúdo do livro). Pode se tratar de alguém que faleceu e retorna, por exemplo, à casa onde viveu. Caso ele seja identificado, isto é, visto por um dos membros de sua família (ou ex-família) “E um Deus nos acuda!”. Promovem-se exorcismos, rezas, e coisas que tais, na tentativa de afugentar o pobre e incauto que ousou perturbar a tranqüilidade daquela que fora, no passado (às vezes não muito distante), a sua querida família.

E, creiam, algo de profundo constrangimento e de frustração para aquela criatura cujo único erro é estar morta. E, estando morta, não deveria voltar, nem mesmo em visita, ao mundo dos vivos. Mas, onde deveria estar o “de cujos?”. Descansando eternamente? Gozando das delícias do Paraíso? Torrando-se no inferno? Onde estaria o defunto? Eis aí um problema a ser resolvido. Este livro tenta resolvê-lo, de forma pacífica, sem preconceitos, sem contrariar dogmas cristalizados pelo tempo. A intenção é bem outra. Cabe ao leitor tirar as suas próprias conclusões sobre o que se escreveu nas páginas que se seguem. Acreditar ou não, é uma questão de foro íntimo, muito pessoal. Seja lá como for, leia com atenção, devagar, sem pressa. E um convite à reflexão.

A primeira parte de OUTRAS DIMENSÕES é dedicada a uma série de casos espantosos de manifestações espirituais, devidamente comprovadas. Considerou-se necessário tecer alguns comentários sobre os “proceedings”, atas da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres, fundada em 1882, e, até hoje, em atividade, onde se encontram registrados episódios de assombração examinados pelos mais eminentes pesquisadores filiados àquela instituição científica. Dela fizeram parte ilustres personalidades inglesas e de outras nacionalidades, tais como: Frederick Myers, autor do clássico “Human Personality and its Survival of Bodily” (A Personalidade Humana e sua Sobrevivência após a Morte, 1903); Edmund Gurney, um dos autores de “Fantasmas of the Living” (Fantasmas de Vivos), Sir William Crookes. Sir Oliver Lodge, Sir William Barret, Henri Bergson, William James, William Me Dougall, Sigmund Freud. Carl Jung, Charles Richet, Marie Curie, Camille Flammarion e outros expoentes da ciência moderna.

As pesquisas que se realizavam para resgatar os fenômenos provocados pelos Espíritos do rol das lendas e das superstições, eram agora

vistos sob prisma diferente - científico, embora não se lhes considerassem os aspectos ético e filosófico. Interessavam aos investigadores, apenas, a nível experimental. A preocupação de tantos e eminentes homens de ciência pela fenomenologia psíquica, causou viva impressão na Sociedade da época, além de motivar franca refutação por parte dos religiosos ortodoxos e intelectuais retrógrados. Mas as pesquisas continuaram, em meio a todo um tumulto de “disposições em contrário”. Tudo isso aconteceu entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, contribuindo, de certa forma, para que a crença na imortalidade e sobrevivência da alma se tomasse assunto razoavelmente conhecido.

No Brasil, País espiritualmente predestinado, segundo informam as entidades superiores que se comunicam através de médiuns reconhecidamente idôneos, as pesquisas, conquanto não fossem em grande número, serviram para demonstrar a veracidade das manifestações ostensivas dos Espíritos, observadas em várias partes do mundo. Destacam-se, entre nós, as extraordinárias faculdades mediúnicas de Carmine Mirabelli, de Peixotinho e de Ana Prado. Esses medianeiros nada ficavam a dever aos médiuns italianos, franceses, ingleses, poloneses, alemães e norte-americanos. Ana Prado, por exemplo, realizou memoráveis sessões de efeitos físicos e de materialização em sua residência em Belém do Pará. Dois a três Espíritos se apresentavam, tangíveis, à reduzida e assombrada assistência. Essas sessões realizadas no início do século XX, dariam lugar a violentas reações na sociedade paraense, especialmente entre os religiosos.

(vide: “Afinal, Quem Somos?”, de Pedro Granja, prefaciado por Monteiro Lobato). O fato é que as materializações do Pará, como ficou conhecido o trabalho de Ana Prado - ultrapassaram das fronteiras do Brasil.

A Primeira Parte de OUTRAS DIMENSÕES é concluída com as pesquisas da Dra. Elizabeth Kübler-Ross, notável cientista suíça, radicada nos Estados Unidos, que se dedicou a estudar os fenômenos ligados ao processo de quase-morte ou morte aparente. Pacientes que estiveram no estado de total inconsciência, vivenciaram extraordinária experiência. Alguns se sentiram tão bem que tudo fizeram, em vão, para não retornarem aos seus corpos. As pesquisas da Dra. Kübler-Ross provocaram intermináveis discussões, a vários níveis (ético, psicológico, clínico etc) resultando na realização de seminários onde se analisou o problema. A partir de então, inúmeras pessoas se apresentaram como protagonistas de casos típicos de quase-morte, referendando as observações da Dra. Kübler-Ross (e mais tarde as levadas a efeito pelo psiquiatra norte-americano, Dr. Raymond Moody). Na maioria dos casos o paciente experimenta um momento de serenidade quando percebe que está “morto”. Muitas vezes ouve ruídos ensurdecedores, sente estar abandonando o corpo e dirigindo-se para uma luz branca brilhante. Às vezes, tem uma visão instantânea (visão panorâmica, estudada pelo Prof. Ernesto Bozzano, de Turin, Itália) de fatos relativos à vida que vai deixando. Neste ponto, porém, é comum interromper-se a experiência, pois o paciente retorna, automaticamente, a seu corpo ou alguém (um Espírito) lhe diz para voltar. Como sempre, tentaram, por todos os meios (alguns não muito lícitos), desacreditar as pesquisas da doutora suíça, embora encontrassem, aqui e ali, grande apoio de investigadores sérios e sem preconceitos anacrônicos.

O certo é que o trabalho desenvolvido pela Dra. Kübler-Ross levantou graves questionamentos não apenas sobre a morte e o morrer, mas, sobretudo, sobre a sobrevivência da alma, fato implicitamente incluído no contexto das próprias pesquisas. Outros investigadores do fenômeno de quase-morte, como o Dr. Michael Sabom, cardiologista da Escola de

Medicina da Universidade de Emory, na Georgia, e sua assistente a Dra. Sara Kreutziger, começaram, em março de 1976, a entrevistar pessoas que tiveram experiência de morte clínica. Sessenta e um por cento dos consultados vivenciaram os trâmites da quase-morte, parecidos com os relatados pela Dra. Kübler-Ross, e, depois, pelo Dr. Raymond Moody. “Os detalhes desses sessenta e um encontros perto da morte foram surpreendentemente coerentes”, afirma o Dr. Michael Sabom. Durante a experiência, todos os pacientes notaram uma sensação de “flutuação do corpo”, oportunidade em que puderam observar o seu invólucro carnal em todos os detalhes.

Procedeu à idêntica pesquisa o Dr. Kenneth Ring, da Universidade de Connecticut, conseguindo catalogar mais de uma centena de casos de sobreviventes de quase-morte. Mas, os relatos da maioria dos pacientes sobre as sensações agradáveis que experimentaram durante o tempo em que ficaram fora do corpo físico não se constituem regra geral. Há exceções: pessoas outras que experimentaram fenômeno de desprendimento, do que os ocultistas chamam de duplo e os espíritas de perispírito, sentiram profundo medo. Ao saírem do transe compulsório, afirmaram que estiveram no “inferno”, onde viram seres extravagantes, grotescos, após terem percorrido, em estado de pânico, escura caverna. Quem colheu tais informações foi o Dr. Maurice Rawlins, cardiologista do Tennessee, Estados Unidos que, no livro *Beyond Death's Door*, N.Y., 1978 (“Além da Porta da Morte”), admitiu a existência efetiva do inferno, diante desses relatos, envolvendo a fé pura e simples com a pesquisa científica, comprometendo, aos olhos frios e racionais da comunidade científica americana, fatos de tamanha envergadura para o conhecimento do próprio ser. Na verdade, os pacientes do Dr. Maurice Rawlins não estiveram no inferno; eles foram projetados à dimensão que lhes era moralmente

específica; o que existe do “outro lado” é fruto de um processo, ainda insondável, de idioplastia, que tem, como fonte, o consciente e/ou o inconsciente do Espírito. Com o transcorrer do tempo, as experiências de quase-morte passaram a ser objeto da preocupação de psiquiatras, psicólogos, terapeutas, principalmente aqueles que convivem, diariamente, com pacientes terminais ou vítimas de distúrbios cerebrais espontâneos ou provocados por acidente violentos, cardiopatias ou outros incidentes que levam o paciente à inconsciência ou ao coma.

A Dra. Elizabeth Kübler-Ross vivenciou uma extraordinária experiência, que fortaleceu a sua convicção na sobrevivência da alma. Uma de suas pacientes apareceu-lhe, materializada, durante a noite e, o mais incrível, escreveu, diante da estupefata pesquisadora, um bilhete para uma amiga comum, evidenciando um raro fenômeno de “escrita direta”, estudado, ao correr das pesquisas psíquicas, pelos mais categorizados homens de ciência.

A Dra. Kübler-Ross e seus eminentes colegas conseguiram, não sem luta e muito trabalho, levar para o ambiente científico aquilo que andava, com desenvoltura e sem qualquer compromisso, pela estrada da superstição e do misticismo. Os contos de assombração ou aparecimento de pessoas mortas e VIVAS (desprendidas, de ordinário, inconscientemente, de seus corpos físicos por qualquer tipo de transe, de modo especial o sono) começaram adquirir um relevante significado. Os fantasmas que antes ciam considerados seres apartados da Humanidade, espécies de andróides ganharam personalidade, voz e vez, não somente nos recessos dos laboratórios, hospitais e gabinetes de terapeutas, mas no âmbito da sociedade humana. Afinal de contas, eles, os fantasmas, são indivíduos que não perderam a sua identidade, os seus caracteres morais e intelectuais, as suas preferências, impulsos de generosidade ou degenerações. São

idênticos a nós outros, neste considerado “vale de lágrimas”, sem tirar nem pôr. Por que, então, tratá-los de forma tão discriminada? Por que o medo-pânico que as pessoas têm deles, mesmo que se tratem de seus entes queridos? Por que, finalmente, a absoluta rejeição a essas criaturas que representam, em última análise, a sobrevivência após a morte, revelando a razão-de-ser da própria existência? A presença dos Espíritos em nossa dimensão é a prova irrefutável de que a vida não se esgota na solidão tenebrosa do túmulo, ultrapassa-o em direção a um estado existencial conhecido desde remotas eras pelas grandes e sofisticadas civilizações.

A Segunda Parte de “Outras Dimensões” trata de casos de assombrações verificadas na Cidade do Salvador e das materializações do Espírito “Noiva”, no Círculo de Pesquisas Ambroise Paré, dirigido por mim e pela minha esposa, Lúcia Loureiro. Este grupo se constituiu há uns dez anos, objetivando realizar investigações sobre a fenomenologia espiritual. Vários médiuns se submeteram à pesquisa do grupo, conseguindo-se reais e alvissareiros resultados.

Em 1986, iniciaram-se os trabalhos com o médium José Medrado. Em princípio, nada aconteceu de extraordinário. Dir-se-ia que a sua faculdade mediúnica não permitiria obtenção de qualquer fato digno de nota. Mas, com o passar das sessões, os fenômenos, embora tímidos, foram ocorrendo em ritmo surpreendente. Apresentou-se, ao lado de Ambroise Paré, uma equipe de Espíritos constituída de conhecidos espiritistas já falecidos, que desejavam colaborar com o empreendimento. A ajuda dessas entidades espirituais foi notável. Sentimos não revelar, aqui, os seus nomes, evitando-se qualquer tipo de contratempo com as suas famílias, algumas não-espíritas.

Inicialmente, foram obtidas pequenas ocorrências de “raps”, ou

batimentos, através dos quais processou-se um rudimentar intercâmbio entre ambas as dimensões - a física e a transfísica. Estabeleceu-se, pois, um método de comunicação: uma batida, sim; duas batidas, não; três batidas, não sei. Era um começo, que exigia muita paciência. E paciência não faltou um só momento, graças à determinação do Grupo.

Cora o transcorrer das sessões, estabeleceu-se uma efetiva (e afetiva) interação entre os componentes da equipe encarnada, o médium e os Espíritos. Os fenômenos se intensificaram, atingindo um estágio impressionante. Não se podia, por orientação dos Espíritos, divulgar o que acontecia em nosso pequeno laboratório. A reação seria de flagrante rejeição. Não aceitariam a idéia de que conseguimos estabelecer contato, ostensivo com os seres de outra dimensão, tal como aconteceu no passado distante e recente, tanto no Brasil como na Europa e nos Estados Unidos.

Guardada algumas proporções, a competência dos Espíritos que trabalhavam com o Círculo Ambroise Paré, nada ficava a dever à que fora demonstrada durante as experiências com os mais renomados médiuns daquelas plagas. Aliás, eles chegaram ao requinte de “construir” uma alavanca ectoplasmática de dois metros e oitenta centímetros, em cuja extremidade surgiu uma espécie de tenaz, que segurava, com absoluta firmeza, qualquer objeto leve ou pesado.

Essa “alavanca psíquica”, [(denominação do Professor W.J. Crawford, que realizou notáveis experiências de ectoplasmia com o Círculo Goligher, na Irlanda, que resultou na feitura do livro “Experiments In Psychological Science”)] era formada pela saída, simultânea, do ectoplasma, do nariz, da boca e dos ouvidos do médium José Medrado. Essa substância, que tem, normalmente, uma tonalidade levemente acinzentada, já fora objeto de exame histológico, determinando-se, assim, a sua composição: E uma

substância constituída de células vivas do organismo do médium. Após os trabalhos, os controladores espirituais da sessão fazem-na retornar ao corpo do médium, escoimando-o dos fluidos fornecidos pelos presentes. Esses fluidos os Espíritos chamavam de “lixo ectoplasmático”. Exalava um odor parecido com o do esperma humano, causando uma certa náusea na maioria dos integrantes do Círculo. Deve-se esclarecer que a palavra ectoplasma foi criada pelo médico e fisiologista francês, ganhador do prêmio Nobel de Medicina de 1913, Dr. Charles Richet.

Há quem afirme, todavia, que o ectoplasma já era conhecido na Biologia para designar determinada substância no protoplasma. Segundo o Barão Albert Schrenck-Notzing, destacado pesquisador alemão [(realizou extraordinários experimentos com os médiuns irmãos Schneider, de que participaram Jim e Thomas Mann, vide: “Les Phénomènes Physiques de la Mèfiumnité”, edição de 1925)] já em 1898 Rhumbler, com base no movimento da incessante transformação inversa do ectoplasma em endoplasma, apresentou, em suas obras, uma explicação mecânica completa do movimento das amebas. Enquanto isso, Sir William Barret, um dos fundadores da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres, declara que o vocábulo ectoplasma é adaptação que Frederick Myers, pesquisador e professor em Cambridge, fizera de uma palavra que lhe fora sugerida pelo Dr. Julian Ochorowicz, Prof, de Psicologia na Universidade de Lemberg e Co-diretor, a partir de 1907, do Instituto de Psicologia Geral de Paris.

Continuemos com o relato das experiências ocorridas no círculo Ambroise Paré.

Certa feita ocorreu surpreendente fenômeno de transporte: um cactus de mais de um metro e meio, com raízes e terra (como se fora arrancado das

entranhas da terra, naquele instante), “desabou” bem no centro do aposento, causando profundo espanto em todos os presentes.

As sessões seguintes transcorreram sem muitas novidades. Ultimavam-se os preparativos do enigmático processo em que os Espíritos se apresentam revestidos do ectoplasma, como se estivessem realmente vivos. A pele das entidades espirituais materializadas nada difere da pele humana. É igual: macia, com pelos, e a temperatura é normal. Nada daquele aspecto transmitido pelo cinema e nela literatura de terror. O ser espiritual não tem aquela aparência horrível, monstruosa, aterradora! Graças a esse tipo distorcido de propaganda, o medo que se tinha dos Espíritos aumentou sensivelmente. Há quem prefira morrer a encarar uma assombração. Já houve casos de morte, por enfartos, avista de um habitante de outra dimensão! Vejam, caros leitores, que absurdo: morrer porque viu um Espírito! Tudo isso seria desmistificado se concedessem espaço para uma divulgação séria, nos meios de comunicação. Mas, como ultrapassar os inúmeros obstáculos que se encontram à frente do divulgador idôneo e estudioso das manifestações espirituais?...

Finalmente, chegou o dia tão ansiosamente esperado. Tudo já estava pronto para a materialização de um Espírito. Naquele dia, -confesso, -não consegui fazer nada com o equilíbrio de sempre. Acordei profundamente emocionado. Acordei, diga-se abem da verdade, de um sono fugaz, quase nenhum. Sentia-me, desde a véspera, como que em estado de êxtase.

Perguntava a mim mesmo: por que nós? Eu e a minha esposa? Tantos ilustres pesquisadores baianos, e nos escolheram para realizar o que viria representar a revivescência dos áureos tempos das históricas sessões de materialização em países do primeiro mundo. Numa noite, do mês de agosto de 1988, o Círculo Ambroise Paré se encontrava reunido desde às

20 horas; o médium já em estado de profundo transe.

Entra, suavemente, no ambiente fracamente iluminado por uma lâmpada vermelha, um espectro envergando um lindíssimo vestido de noiva. O coração, como se diz, veio-me à boca. Fiquei paralizado diante da aparição, ali, tangível! Ela se aproximou do grupo, dirigiu-se a mim, estendeu os braços e levantou-me como se eu fosse uma pluma. O coração não parava de bater descompassadamente. Alguns companheiros choravam, emitindo fracos soluços. O Espírito trouxe-me para debaixo da luz vermelha e pude, então, ver-lhe o semblante. Extremamente surpreso, verifiquei que ele não possuía olhos, nariz e boca. Era como se uma máscara feita de borracha escondesse esses componentes físicos.

As entidades controladoras dos trabalhos explicaram, depois, que a entidade comunicante estava se preparando para apresentar-se completa, porém não estava, ainda, em condições de fazê-lo, pois não se recordava da própria fisionomia. Notei, também, que as mãos apresentavam a ausência de alguns dedos. Tudo isso fortalecia, sem dúvida, a veracidade do fenômeno.

Na sessão seguinte, “Noiva” outra vez veio ao meu encontro, conduzindo-me à claridade fraca da luz vermelha. Dois componentes do Círculo tiraram várias fotografias, eternizando aquele raríssimo e grandioso momento do encontro entre os seres das duas dimensões da existência - a corpórea e a incorpórea! Depois, o Espírito chamou minha esposa e tiramos, os três, outras fotografias. Jamais esqueci aqueles momentos. Parecia que sonhava; que iria acordar e constatar que tudo não passara de pura ilusão. Mas, a realidade se configurou ao serem reveladas as fotografias.

A terceira e última apresentação de “Noiva” foi marcante. Ela pediu de presente um cartão postal com a efígie de Allan Kardec que se

encontrava sobre um móvel da cabine onde estava o médium. E ela o levou para outra dimensão, utilizando-se do um mecanismo que ainda é um mistério. Esse cartão fora adquirido no Cemitério Père Lachaise, em Paris, quando lá estive, com Lúcia e meu filho Marcelo Adriano, em visita aos túmulos de Kardec (um lindo dólmen de origem céltica) e de Gabriel Delanne, um dos mais talentosos investigadores da fenomenologia espiritual.

Por questões de natureza pessoal, o amigo e companheiro José Medrado resolveu parar com a pesquisa de sua faculdade mediúnica especial.

Mais tarde, eu e Lúcia tivemos a feliz oportunidade de motivar-lhe uma faceta de sua sensibilidade mediúnica: -a espiritopictografia, isto é, a pintura de belíssimos quadros realizada pelos mais importantes e geniais virtuosos da pintura, tais como: Picasso, Renoir, Rembrandt, Portinari, Di Cavalcanti, Tarcília do Amaral e outros.

Espero que esta obra possa lançar alguma luz sobre o momentosíssimo fenômeno de intercâmbio entre as esferas corpórea e incorpórea da existência.

Leiam com atenção o que revelo nestas páginas e creiam que tudo que vivenciei, em contato efetivo com os habitantes do “outro mundo”, abriram-se-me, de par em par, as portas da percepção e do esclarecimento, fazendo-me sentir que a vida, como muitos supõem, não se esgota, sem mais nem menos, na solidão aterradora do túmulo. Ela o transcende e se projeta em **OUTRAS DIMENSÕES!**

Salvador, Bahia, setembro, 1993

OS FANTÁSTICOS CASOS DO DR. NANDOR FODOR

Foram muito os fantásticos casos de aparição pesquisados pelo Dr. NANDOR FODOR, autor da Enciclopédia de Ciência Psíquica.

Por volta de 1937, ele foi incumbido, oficialmente, pelo “The International Institute for Psychical Research” de estudar a questão das “casas assombradas”.

Escreve, o pesquisador, que existem na Inglaterra centenas de casas assombradas por fantasmas, visíveis ou invisíveis, cuja presença, às vezes, torna a vida impossível. Compra-se ou aluga-se uma casa - naquele País - que parece convir sob todos os aspectos e o comprador ou inquilino instala-se nela ignorando que é assombrada.

Pouco depois, ouvem-se ruídos insólitos, cuja proveniência não se consegue determinar, tais como: pancadas nas paredes, no teto, nos móveis; roçaduras e passos de pessoas; campainhas tocando por si; portas que se abrem e se fecham sem que se saiba por quem; arrastamento de cadeiras; raramente aparecimento de fantasmas só visíveis para certas pessoas.

Aqueles que não acreditam em fantasmas e, menos ainda em casas assombradas, afastam-se dos que crêem. Os incrédulos consideram os crentes como alucinados e comprazem-se em os meter a ridículo. Só existe um meio para formar uma opinião segura: certificar-se, pela observação, de que as manifestações produzidas não são obra de farsantes vulgares, e que têm por origem a presença de uma alma desencarnada, geralmente sob a influência de um sofrimento moral (a tormented soul). Em seguida, procurar entrar em contato com ela (ou com elas) tentando demovê-la (ou

demovê-las) de seus intentos.

Para tanto é preciso dispor de um bom médium de transe que, com o investigador, deve entrar na casa assombrada. Depois de o médium cair em transe, pedir o auxílio dos mentores espirituais que se incumbirão de “descobrir” o fantasma, a causa do seu sofrimento e o hão-de compelir a incorporar-se (interpenetração psíquica, segundo J. Herculano Pires) no médium.

O experimentador interroga, então, a entidade comunicante, procedendo a todas as diligências, no sentido de que ela compreenda que sua presença na casa é motivo de uma série de distúrbios, que a casa deixou de ser sua, por ela não pertencer a este mundo. “Se a entidade não acreditar”- orienta o Dr. Nandor Fodor - “põe-se-lhe um espelho diante do médium e pede-se-lhe que veja a imagem refletida. O choque que deverá sentir ao ver-se num corpo estranho, tirar-lhe-á a ilusão”. E prossegue o investigador húngaro: “Explique-se-lhe que ela é vítima de um erro de imaginação; que deve renunciar a qualquer idéia de vingança (o que é o caso mais freqüente); que peça aos mentores espirituais que o guiem no Mundo Espiritual. Se o obsidiado for incapaz de fazer o pedido sozinho, o experimentador deve orar juntamente com ele”.

PRIMEIRO CASO

Passou-se no velho solar do Condado de Surrey (Inglaterra).

O fantasma andava pela casa toda; era barulhento e de visibilidade tão real que na primeira vez que apareceu, os proprietários da casa - mulher e marido - o tomaram pelo vagabundo que pouco antes lhes entrara em casa. Quando verificaram que se tratava de uma aparição tangível (visão estereológica), a emoção do marido foi tão intensa que ele perdeu os

sentidos e caiu pesadamente ao chão. A mulher, para não cair, teve que se agarrar à ombreira da porta, em frente da qual se conservava, impassível, o fantasma. Aterrorizada saiu em desabalada carreira.

Com estas informações, o Dr. Nandor Fodor, acompanhado de um bom médium (a famous transe médium), passou três noites no solar, à espera do aparecimento do fantasma. Este não tardou “em dar o ar de sua graça”. A fisionomia do médium, no estado de transe profundo, sofreu uma transformação terrível (transfiguração): as faces cavaram-se; o queixo distendeu-se; o rosto contorceu-se, tomou-se hediondo. O médium tomara o aspecto de um homem cujos tormentos lhe tivessem apagado a razão. O experimentador fez sinal aos dois proprietários para se aproximarem. Um deles - o homem - profundamente emocionado, declarou que o rosto do médium era tal qual o fantasma, e a mulher, ao vê-lo, esteve prestes a desmaiar.

Depois de muito interrogada, a entidade incorporada no médium articulou algumas palavras ininteligíveis, após o que caiu de joelhos e pediu perdão. Agarrou a mão do Dr. Nandor e apertou-a com tanta violência que o doutor a teve inchada durante dois dias. Usando uma linguagem estranha, difícil de seguir, o Espírito comunicante contou a sua história pouco a pouco: havia sido traído por Buckingham - portanto há 400 anos; tinha sido preso, torturado e morto. Desde então, nunca mais pensara senão em se vingar de Buckingham. Por muito tempo, o Dr. Nandor discutiu com ele, conseguindo, por fim, encaminhá-lo, com os mentores espirituais, a tratamento específico na esfera invisível. A veracidade da história não fora averiguada; entretanto, a paz reinou naquela casa. Nunca mais o fantasma voltou a assombrá-la.

SEGUNDO CASO

Uma família moradora de uma antiga casa de campo solicitou a presença do Dr. Nandor Fodor. Tratava-se de umas velhas campainhas que só era possível fazer tocar se puxados, com bastante força, os fios metálicos a que estavam ligadas. Entretanto, tais campainhas, durante cinco dias sucessivos, soaram com intermitências, sem que se pudesse saber quem as fazia vibrar.

Dois dias depois das campainhas terem tocado, duas criadas, sem que uma soubesse da outra, viram uma aparição fantasmática: uma forma de mulher a olhar e a debruçar-se sobre um antigo berço.

Depois de ter ouvido estas explicações e de verificar que a casa era habitada por pessoas inteligentes, sãs de espírito e equilibradas, o Dr. Nandor certificou-se de que nada havia de anormal no funcionamento das campainhas. Interrogou os cinco criados e, tendo-se convencido de que estava, realmente, em presença de um mistério, voltou àquela casa de campo acompanhado por um reputado médium.

Dr. Nandor esperava ter que enfrentar uma alma do outro mundo, mas grande foi sua surpresa ao verificar, com auxílio do médium, que tinha que se haver com três entidades diferentes. Uma delas, uma mulher, era constantemente atraída para um berço pertencente a seu filho que lhe fora tirado abruptamente, caso que fora levado aos tribunais. Meteram-na em uma prisão, donde só saía morta, sem que desse por isso. Desde então ela andava, constantemente, à procura do filho.

A segunda entidade era uma mulher que devia ter vivido na casa, onde envenenara o marido e onde matara, também, o filho.

A terceira entidade era um rapaz aleijado, disforme, em consequência

de uma paralisação do desenvolvimento físico. Era ele quem fazia tocar as campainhas.

À medida que os Espíritos incorporados no médium desvendavam sua origem, o seu estado mental transformava-se. O véu de obscuridade que os envolvia dissipava-se pouco a pouco.

O rapaz aleijado teve a visão de que o pai e a mãe lhe faziam sinal para se juntar a eles. Uma enfermeira, solícita, pertencente às falanges socorristas do plano imponderável, veio ver a mãe que perdera o filho.

A envenenadora, depois que se fez uma fervorosa prece, rogando o auxílio do Alto, acalmou-se, pouco a pouco, atingindo um estado de quase serenidade, chegando a escrever o seu nome quando o Dr. Nandor deu um lápis e papel à médium.

De regresso a Londres, o Dr. Nandor entregou esse papel a uma senhora muito conhecida pelas suas excelentes faculdades mediúnicas. Sem o ler, levou-o à testa e, tendo entrado em estado de transe, forneceu numerosas indicações, acompanhadas de frases entrecortadas, inteiramente desprovidas de senso para ela, mas que tinha perfeita coerência com a história contada pelo Espírito comunicante, validando, assim, o fenômeno.

O Dr. Nandor Fodor, um quase desconhecido pesquisador espírita, desenvolveu, em verdade, um extraordinário trabalho em torno da fenomenologia mediúnica, contribuindo para o enriquecimento do acervo das investigações.

A REVISTA DE ESPIRITISMO, janeiro-fevereiro de 1930, órgão oficial, à época, da Federação Espírita Portuguesa, transcreve da “International Psychic Gazette”, de Londres, um caso realmente importante

para a compreensão da presença dos Espíritos entre os encarnados.

A “International Psychic Gazette” conta um caso curioso passado com um sapateiro de Londres, Richard Crydd, de 50 anos, que habitava uma pobre casa composta de dois compartimentos no andar superior, que lhe serviam de quartos, e dois no pavimento térreo, cubículos de que fazia oficina e a cozinha.

Posto que esse homem fosse um sensitivo, não acreditava em fenômenos espíritas. Entretanto, vivia inquieto porque, havia uma semana, ouvia ruídos singulares em casa e pancadas cuja origem não sabia explicar. Estes fenômenos se davam entre as oito e meia e nove e meia da noite. Certo dia, a essas horas, foi visitado pelo redator da “International Psychic Gazette” que descreve o caso, incumbido que foi, pela Revista, de averiguar as causas do fenômeno.

Sentando-se com o sapateiro e a mulher na cozinha, que estava apenas iluminada pelo fogo da lareira, aconselhou-os a entoarem um cântico que estabeleceu um ambiente de paz e harmonia, propício aos fenômenos psíquicos. Os filhos dormiam sossegadamente num dos quartos do andar superior. Daí a pouco ouviu-se um ruído singular, como que o arrastar de móveis, acompanhado dum murmúrio de palavras. O investigador descalçou-se, subiu aos quartos e viu que as crianças se encontravam dormindo tranqüilamente. Desceu e foi à oficina, percebendo, então, que o ruído vinha da cozinha. Lá chegando, ouviu, distintamente, o nome “Peggy”.

Parecendo destacar-se da obscuridade a figura de uma mulher macilenta, aparentando uns 60 anos, se dirigiu para um armário que havia à esquerda da chaminé, procurando nas prateleiras qualquer coisa que não encontrava.

Voltou-se para a lareira tristemente e retirou-se quando lhe foi sugerido, mentalmente, que ficasse. Tendo-se-lhe perguntado o que procurava, olhou aterrada para o investigador e, sem responder, agitou desesperadamente a cabeça. Ante a insistência deste, conseguiu fazer compreender que buscava, sem o encontrar, um documento escondido no armário ou junto da chaminé. Ao prometer que iria procurar o tal documento, o fantasma sorriu agradecido e desapareceu na escuridão.

O sapateiro e a mulher afirmaram nada existir no armário a não ser o que neles tinham posto. Todavia, no dia seguinte, despejado por completo o armário, viu-se, na última prateleira, uma fenda entre o armário e a parede, na qual se encontrava um papel que foi retirado com uma certa dificuldade. Era uma apólice de seguro no valor de dez libras pagável por morte de Margareth Jones, pelo que é de supor que fosse ela própria que se mostrou. O sapateiro fez várias indagações e soube que uma filha de Margareth Jones morava perto, entregando-lhe a apólice, ao saber que era única herdeira da pobre velha, cujo funeral tinha sido feito por conta da paróquia, por não ter sido encontrada a apólice, que assegurava o pagamento do enterro. A Companhia de Seguros pagou à filha de Margareth Jones, em face da apólice, as dez libras, que foram recebidas como uma dádiva do céu, visto o genro da falecida estar, ao tempo, desempregado.

Na casa considerada assombrada não se tomaram a ouvir os ruídos que, diariamente, perturbavam os seus moradores.

Eis, aí, um fato presenciado por um investigador autorizado. Ele não deixa nenhuma dúvida quanto à sobrevivência do ser após a morte. Qualquer argumento em contrário pode levar o seu autor às raias da ignorância e do puro e injustificável preconceito.

Não foi sem motivo, pois, que Pascal sentenciou:

“É uma doença natural no homem julgar que possui diretamente a verdade, donde resulta o estar sempre disposto a negar o que não compreende”.

MARECHAL QUADROS: UM PIONEIRO NOS REGISTROS MEDIÚNICOS

EWERTON QUADROS¹

Na Revista “PENSAMENTO”, Ano II - Agosto de 1909, número 21, o Marechal Ewerton Quadros relata dois importantes casos de aparição de Espíritos, cujos trâmites revelam a autenticidade da intervenção dos invisíveis no plano corpóreo, segundo vem pregando a Doutrina Espírita desde 1857. Eis alguns casos.

PRIMEIRO CASO

Em 1888, no “Messenger de la Paix”, Sr. Reader contou o seguinte, por ele ouvido à mesa do célebre bispo Wilberforce, de Winchester, um dos mais altos dignitários da Igreja Anglicana, “sábio respeitado em toda parte onde se conhece a língua inglesa. Algum tempo antes, tinha sido o bispo convidado para um jantar em uma estância retirada; e, ao entrar no salão, por haver chegado um pouco antes da hora, só encontrou sentado no divã um sacerdote católico, lendo um grande livro. O bispo saudou-o e ele, retribuindo a saudação com a cabeça, continuou a ler. Depois, dirigindo-se aquele para outra sala onde, em companhia de outros convidados, se achava a dona da casa, perguntou a esta quem era o padre que estava no salão. A

¹ O Dr. Francisco Raymundo EWERTON QUADROS, Marechal do Exército, nasceu em São Luiz, Capital do Maranhão, a 17 de outubro de 1841 e faleceu no Rio de Janeiro aos 20 de novembro de 1919. Espírita desde 1872, participou da fundação (1881) do Grupo Espírita Humanidade e Fraternidade, bem como da fundação da Federação Espírita Brasileira, e foi eleito seu primeiro presidente (1884-1888). Colaborou no “Reformador”, órgão da FEB e em outros órgãos da imprensa espírita. Deixou as seguintes obras publicadas: “História dos Povos da Antiguidade”; “Os Astros”; “As Manifestações do Sentimento Religioso Através dos Tempos” e outros.)

senhora empalideceu e ele, supondo haver cometido uma inconveniência, pediu-lhe desculpas, ao que ela respondeu: “Não; não há inconveniência nenhuma. O que ali está não é um homem, mas um ente sobrenatural. Eu e meu marido já o temos visto, e se nada dissemos a respeito, foi para não passarmos por visionários; mas, uma vez que Y.Rvma. O viu, eu lhe rogo que o faça retirar-se desta casa.

Pedindo que ninguém o acompanhasse, o bispo Wilberforce foi ao salão, onde encontrou o padre na mesma posição em que já o havia visto; dirigiu-se-lhe afoitamente, mas sentiu-se muito abalado quando o interpelado fitou-lhe os olhos em que transluzia a profunda tristeza de uma alma abatida por fundo sofrimento. Podereis dizer-nos - indagou o bispo a causa do seu sofrimento e motivo que o trouxe?

- Há oitenta anos - respondeu o fantasma - morava nesta casa, que me pertencia. Então ouvi em confissão uma dama e foi tão grave o que ela me disse que, contrariamente aos preceitos da minha igreja, eu tomei apontamentos de tudo o que tinha acabado de ouvir, e que vinha comprometer a muitas pessoas recomendáveis por sua posição social.

Depois, tendo de fazer uma viagem de recreio, coloquei os meus apontamentos dentro de um livro e fui encerrá-lo em um esconderijo, que mandei fechar para que ninguém o encontrasse.

Parti e morri de uma queda de cavalo; desde então aqui venho em busca de uma pessoa que se preste a destruir esse documento. Far-me-ia esse favor?

O bispo aceitou o encargo.

Dê-me a sua palavra, -tornou o manifestante, -de queimar esses papéis

sem os ler nem consentir que alguém os leia?

Eu lhe prometo, -disse o bispo.

Então venha comigo.

Seguiram através de vários aposentos, desceram várias escadas, e afinal o padre, parando e apontando para um ponto da parede, disse – É aqui.

O bispo chegou-se para ver melhor e quando se voltou, não viu mais o seu companheiro.

De volta à sala, ele contou o que se havia passado e todos, cheios de admiração e de curiosidade, acompanharam-no até o lugar. Um pedreiro atacou a parede. Encontrou-se a cavidade e o próprio bispo dali retirou um grande livro mofado, dentro do qual estavam os papéis que, em cumprimento de sua promessa, foram queimados, sem que alguém os lesse.

Nunca mais o Espírito tornou àquela casa.

SEGUNDO CASO

Algum tempo depois do falecimento do cura (sacerdote) de uma aldeia próxima da cidade do Porto (Portugal), foi a população, por várias vezes, à alta hora da noite, despertada pelo toque de sino, chamando os fiéis para a missa. Muitas pessoas corriam ao templo para certificar-se do que estava - acontecendo e, apenas, encontravam a igreja aberta e iluminada, mas nenhum sinal do celebrante.

O pânico apossou-se dos habitantes do lugarejo e o novo cura ofereceu uma certa quantia a quem descobrisse a autor daquilo que ele

considerava uma brincadeira de mau gosto.

Aconteceu, então, que três estudantes de Coimbra, pernoitando na aldeia, foram informados do ocorrido, e resolveram conhecer o que havia de verdade no que lhes contavam. Foram para a igreja e ocultaram-se no coro. Eles não eram ateus e elevaram a Deus seus pensamentos, pois o medo lhes invadia as almas, enquanto esperavam.

Pela meia noite, ouviram barulho no corpo da igreja e, firmando a vista, viram surgir do solo um vulto, que se dirigiu, lentamente, para a escada, em direção à torre. Ele tocou o sino depois desceu, acendeu as velas do altar e encaminhou-se para a sacristia. Nesse ínterim, dois dos estudantes, muito aterrados, tinham fugido, ao passo que o terceiro, sentindo-se dominado de uma coragem que ele bem compreendia que não era sua, ficou e, animado de forte crença, seguiu também para sacristia, onde reconheceu que o vulto era um sacerdote que se estava preparando para oficializar a missa. Ele se aproximou e começou a desempenhar as funções de acólito e, seguindo o padre, ajudou-o a dizer a missa. (É muito comum o Espírito retornar aos lugares onde passou a sua existência, exercitando, como no caso do cura, as suas atividades profissionais, religiosas etc)

Voltando à sacristia, o sacerdote, depois de despir os paramentos, disse ao estudante: - “Meu filho, eu te agradeço o serviço que me prestou. Eu sou o Espírito do ex-cura desta aldeia, falecido há já alguns anos. Na véspera da minha morte, deram-me o preço de uma missa que eu não pude celebrar por ter deixado a Terra inesperadamente; e a não satisfação desse compromisso me mortificava no além e eu vinha todas as noites em busca de alguém que tivesse a coragem de me auxiliar.”

O Espírito, ainda fortemente condicionado a coisas e fatos da vida

terrena que deixara há anos, só encontrou tranqüilidade interior quando satisfeita a ação que ficara inconclusa em virtude da desencarnação. Pelos dogmas religiosos específicos da crença que pregou, durante largo período, o cura da aldeia portuguesa deveria, após o decesso, estar gozando das delícias do paraíso ou então, em última instância, paralizado, Deus sabe onde, aguardando o “juízo final”, a realizar-se sob o comando do Todo Poderoso, em futuro ignoto.

Este caso do ilustre ex-presidente da Federação Espírita Brasileira vem demonstrar a realidade vivenciada pelos Espíritos egressos deste plano de provas e expiações, sejam eles sacerdotes ou exerçam quaisquer outras atividades no seio das sociedades terrenas. Não há privilégios para quem quer que seja, mesmo para aqueles que se consideram representantes de Deus entre os seus companheiros de lides reencarnatórias.

“TWO WORLDS”², de 1960, relata o caso seguinte, reproduzido pela “Revista International de Espiritismo”- RIE, daquele mesmo ano.

Marjorice Preston Logan narra a História, originalmente, em “Nursing Mirror”. Ela disse que para o enfermo nada mais podia ser tentado, apenas algumas semanas de vida, mas trataram de ocultar-lhe a verdade. Ela acrescenta:

Certa tarde, sua família pediu permissão para transportá-lo a sua casa, pois tinham tomado as providências para assisti-lo até o fim. Foi marcado o dia de sua saída do hospital. Na noite anterior, fui designada para banhá-lo. Enquanto eu o lavava, conversamos sobre coisas triviais. Estava eu enxugando seus pés, quando de súbito ele me disse: -”Enfermeira, desejo

² [Semanário Espiritualista de Manchester, fundado por Emma Harding Britten, tendo, como editor, Ernest W. Oaten].

contar-lhe um maravilhoso sonho na noite de terça-feira”.

ADMIRÁVEL CONVERSA

O meu tempo era escasso, mas tão sincero parecia ele que me mostrei interessada. Respondi que, com prazer, ouviria o relato do sonho.

“Bem, -disse ele, -na noite passada estava eu deitado nesta cama, quando entraram no quarto meu pai e minha mãe. Eles se aproximaram de meu leito e ficaram em pé, um do lado direito, outro à esquerda. Ambos se apoderaram de minhas mãos. Eles estão mortos há muitos anos, enfermeira, e todavia parecia-me que nunca estiveram longe de mim. Tivemos uma conversa admirável. Então, parecia-me ter despertado, e ambos saíram. Eu sei que tudo não passou de sonho, mas tão real era que os senti junto a mim. Desde então tenho a sensação de não estarem eles longe.

Senti-me abalada com o relato, pois eu sabia que pouco depois, ele estaria junto dos pais; mas não dei maior importância à nossa conversa. Não passava de um sonho...

No dia imediato, fui incumbida de arrumar a sua cama e assim fazendo, o paciente do lado oposto chamou-me para junto de si. Perguntou ele:

O homem que saiu do hospital era alguma pessoa importante? -Não era, respondi. Aqui ninguém tem mais regalias do qualquer outro. Por que o senhor pergunta? - bem, respondeu ele. - a noite passada acordei já bem tarde. Duas pessoas, um homem e uma mulher estavam de pé ao lado da cama dele. De novo eu adormeci e assim não percebi a retirada de ambos, mas fiquei pensando por que lhe permitiram ter visitas em hora tão avançada?

Em que noite foi isso? -perguntei, procurando não manifestar surpresa.

Ah, foi terça-feira à noite - bem me lembro.

Que motivo levou os pais do moribundo a visitá-lo, em forma tangível? E claro que motivava, a ambos os Espíritos, o amor, corolário da fraternidade.

A desencarnação iminente daquela criatura sensibilizou aqueles que foram seus pais na última encarnação. E ali, no hospital, as suas presenças foram registradas graças à curiosidade de um companheiro de infortúnio. Não fora um sonho, como supusera o paciente terminal, mas a pura e translúcida realidade, a realidade da sobrevivência da alma!

O FANTASMA DA FOTO

Franz Niesert publica no já referido Semanário “TWO WORLDS”, um pequeno e singular artigo acerca de um grupo fotografado de três irmãs, no qual apareceu um irmãozinho falecido.

O fotógrafo era um trabalhador germânico que tinha o seu emprego em Tarutino, na Bessarábia, uma região russa do sudoeste, e lidava com livros, instrumentos musicais e fotografias.

Enquanto trabalhava, foi chamado pela mulher de um lavrador para tirar uma fotografia de suas três filhas. Claro que ele não incluiu o garotinho no grupo. Não o podia ter feito, simplesmente porque não estava lá, visto ter falecido algum tempo antes.

O amigo fotógrafo tirou a fotografia das três meninas, sem tomar qualquer disposição especial, como quando executava trabalhos desse gênero. Mesmo quando revelou a chapa, nada de extraordinário encontrou na fotografia. E porque o havia de encontrar? Além do mais, ele era fotógrafo profissional que devia ter tirado muitos grupos semelhantes

durante os anos que dedicara ao assunto, e não havia razões que o levassem a lembrar pormenores.

A fotografia seguiu o seu destino: foi enviada aos pais das crianças. Só quando estes a receberam é que notaram o estranho e espantoso fato.

Os pais ficaram surpreendidos! Primeiro, queriam rejeitar a foto. Estavam horrorizados, porque o outro que aparecia no grupo era o seu filho mais novo que morrera há algum tempo.

Tanto a foto como a ocorrência foram examinados por técnicos e pesquisadores, nada se encontrando que pudesse levantar qualquer suspeita de fraude.

O MISTÉRIO DOS RELÓGIOS

Antônio Cardoso, redator da revista portuguesa “Estudos Psíquicos”, de julho de 1951, realizou interessante e original pesquisa sobre casos de relógios que param ou começam a tocar inesperadamente, sem que qualquer causa visível concorra para isso, dando-se estes fatos precisamente no momento em que alguém, distante ou perto, desencarna, ou outro fato importante sucede.

O Sr. Garnier, citado pelo Astrônomo Camille Flammarion, conta a este respeito o seguinte fato: Numa noite de maio de 19..., toda a família S..., composta então do casal e da filha Maria (havia outra, casada, em Corbies) tinha-se deitado às 21 horas. O quarto da jovem Maria era contíguo ao dos pais e continha duas camas, isto é, a dela e a da irmã. O quarto do casal tinha, apenas, o leito comum, cuja cabeceira ficava encostada ao tabique que separava os quartos. Entre a beirada da cama e a parede, havia um espaço livre, da largura mais ou menos de um metro, de

sorte que o leito podia ser contornado por três lados. Correspondendo aos pés da cama, no ângulo esquerdo, uma cômoda com prateleiras encostadas à parede. Sobre esta cômoda, estava um pequeno pedestal de madeira, no qual se apoiava um pequeno relógio de salão, sempre regulado e funcionando admiravelmente. Pouco distante e fronteando o meio da cama, também encostada à parede, via-se uma poltrona deixando um vão de 70cm entre ela e a dita cômoda. Isto posto, para melhor compreensão do sucedido, voltemos aos três ocupantes ali acomodados.

A jovem não podia dormir, muito angustiada, e soluçava convulsivamente, de quando em quando. Depois de procurarem acalmá-la com palavras carinhosas, os velhos começaram a adormecer quando um grito estridente, inarticulado, como de alguém que estivesse sendo estrangulado, a todos sobressaltou. Mairia exclamou: -“Papai, mamãe, ouviram?!”

“Ao mesmo tempo, ouviu-se, a queda como de um corpo pesado sobre almofadas. O Sr. S... ligou a luz. A primeira coisa com que deparou foi o relógio, ainda há pouco isócrono em seu tic-tac, de pernas para o ar, no assento da poltrona. Os ponteiros parados marcavam justamente 11 horas 30 minutos! O Sr. S... levantou-se e examinou toda a casa, nada encontrando de anormal; nem gato, nem cachorro e, muito menos, viva’lma que pudesse ter emitido o longo gemido simultaneamente ouvido por todos. Imediatamente, após esses fatos extraordinários, a jovem Maria sentiu dissipar-se-lhe a angústia, concluindo logo que o noivo havia falecido naquele momento.

Resumindo: quem deu aquele gemido lúgubre? Quem atirou o relógio à distância de um metro? Verificou-se que, de fato, Luís Gamier havia falecido nessa noite!

SEGUNDO CASO

No Congresso Internacional de Investigações Psíquicas reunido na Cidade de Copenhague, capital da Dinamarca, de 28 de agosto a 2 de setembro de 1921, o Dr. Albert Schrenck-Notzing relatou alguns estranhos fatos que puderam ser verificados pela própria polícia. Em Harpurgarten, perto de Weimar, morava um relojoeiro casado pela segunda vez.

Do primeiro consorcio, nascera um rapaz que, por sinal, se dedicava ao estudo do Ocultismo. Um dia, quando fora visitar a madrasta, encontrou-a doente. Resolveu minorar seus sofrimentos com tratamento hipnótico.

No dia 17 de fevereiro, isto é, 7 dias depois de ele ter começado o tratamento, a madrasta piorou. Nessa noite, por volta das 23 horas, ouviram-se rumores no seu quarto, nas portas, mesas etc. Como os rumores, devido à sua frequência, perturbassem os moradores da casa, estes se queixaram à polícia, e esta, muito zelosa dos seus altos deveres, tratou logo de tentar descobrir o autor daquela brincadeira. Mas apesar da vigilância feita, a brincadeira continuou, e os agentes, vendo vários objetos a movimentarem-se sem ninguém os tocar, não tiveram outro remédio, senão dar o braço a torcer, afirmando serem os fatos inexplicáveis.

O que deste caso nos interessa é que um relógio que não se encontrava com qualquer defeito, parou, também, misteriosamente, às 23 horas, no mesmo momento em que a madrasta do jovem hipnólogo desencarnava...

TERCEIRO CASO

H. Faber, engenheiro agrônomo em Bissen (Luxemburgo) conta que numa ocasião seus pais se encontravam com outros amigos à cabeceira de um doente agonizante, esperando a qualquer momento, que a vida desaparecesse daquele corpo frágil.

De repente, o relógio da parede, que há muitos anos se encontrava parado, começou a bater desordenadamente, fazendo um grande barulho, como se encontrasse ali alguém a bater em uma bigorna. Pouco depois o enfermo dava o seu último suspiro, transladando-se para a esfera imponderável.

QUARTO CASO

Na Vila de Silver, no norte do Canadá, um fenômeno análogo intrigara, à época, a polícia, que, por mais investigações que procedesse, não conseguiu explicar o mistério.

O caso conta-se em poucas palavras.

Por quatro vezes já, sem que ninguém tivesse influído para isso, o relógio da torre da igreja da localidade começava a dar badaladas, numa louca disparada, especialmente quando o templo estava fechado e, portanto, sem qualquer pessoa lá dentro.

O mais curioso do caso é que essas badaladas iniciavam, exatamente quando alguém morria na comunidade!

O número de fatos assombrosos em igrejas e templos de outras religiões é incontável. Poder-se-ia escrever um livro que tratasse, especificamente, desse estranho assunto. E por que os Espíritos assombram tais lugares considerados “sagrados”? Simplesmente porque eles “sopram onde querem”. E este é um preceito de ordem evangélica. Não nos deixemos levar por informações imprecisas e improváveis, muitas vezes divulgadas pelos meios de comunicação de massa, formadores, não raro, da própria opinião pública. Assim posto, os Espíritos podem, com total desenvoltura, provocar fenômeno nos templos religiosos, como os provocam onde quer que se lhes ofereçam propícias condições.

QUINTO CASO

O Jornal “A República”, de 21 de abril de 1951, conta-nos que no Palácio da Justiça de Santo Estevão, na França, sucedeu um fato extraordinário.

Um advogado, antes de iniciar a defesa de um réu, prestou homenagem a um seu colega, Valette, que horas antes havia morrido num desastre de automóvel. Ora, precisamente no momento em que pronunciou o nome do morto, o relógio do Tribunal, há dois anos parado por se encontrar avariado, deu 12 horas seguidas, que a todos lembrou o dobre de finados.

Eis os comentários, muito lúcidos, do jornalista Antônio Cardoso sobre os casos relatados:

“Não julguem os leitores que os Espíritos tenham predileção especial pelos relógios, e, portanto, só desta forma se acostumem a manifestar em efeitos físicos. O que acontece é que eles vêem que os relógios representam a maneira mais fácil de fazer pensar aos da Terra sobre o caso. De fato, se fosse um objeto que caísse ao chão, o que muitos poderiam argumentar? Que estava mal colocado, que não estava seguro no sítio onde se encontrava etc. Ao passo que relógios que param sem motivo plausível, relógios que começam a dar horas sem qualquer razão, precisamente no momento em que alguém desencarna, faz pensar os homens com maior interesse nas causas do fenômeno. E quanto maior for o interesse, maiores e melhores serão os resultados”.

Deve-se ressaltar que os autores dos fenômenos, naturalmente os

Espíritos, não admitiam (pelo menos a maioria esmagadora) a sobrevivência da alma. Consideravam-na, muitos, como fruto da fantasia ou da ignorância. Todavia, ao se verem do “outro lado, vivos”, raciocinando (porque preservam todos os seus caracteres morais e intelectuais), querem, a todo o transe, anunciar essa verdade aos que neste “vale de lágrimas” permaneceram, pelo menos por algum tempo. Então, eles, quando podem ou têm permissão, provocam vários tipos de fenômenos rotulados de “efeitos físicos”, largamente estudados por eminentes pesquisadores do século XIX, a partir do trabalho revolucionário de Allan Kardec, e das primeiras décadas do século XX. Este escriba, por exemplo, realizou, com a esposa e filhos, com a colaboração de um grupo de honestos companheiros trabalhos surpreendentes de efeitos físicos e de materialização de Espíritos, contando com o concurso do médium e tribuno José Medrado, hoje internacionalmente conhecido como orador e médium de espíritopictografia (nome correto para a faculdade mediúnica de pintura). Essas pesquisas foram realizadas entre 1986 e 1988.

CAMPAINHAS FANTASMAS

CAMPANOFONIA é a manifestação de Espíritos através da campainha. Há uma série de casos, a respeito, na obra do pesquisador Robert Dale Owen (1801-1875).³

PRIMEIRO CASO

A manifestação começou a 2 de fevereiro de 1934, na casa de

³ Robert Dale Owen era filho do reformador social inglês Robert Owen, considerado, por Engels (companheiro de Karl Marx), “um dos homens mais inteligentes da História”. Dale Owen, espirita convicto (como o pai), realizou memoráveis sessões com o famoso médium Daniel Douglas Home, escrevendo várias obras, entre as quais destaca-se “Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro”, objeto de nossa consulta. O que mais lhe chamou a atenção nas manifestações dos Espíritos foi o fato de que as suas ações obedeciam a um impressionante critério de concordância e de generalidade, embora os casos ocorressem em locais variados com pessoas estranhas umas às outras.

residência do major Edward Moor, no Condado de Suffolk. Na tarde desse dia, que era domingo, durante a estada do major na igreja e quando só se achavam em casa um criado e uma criada, sem motivo aparente a campainha da sala de jantar tocou três vezes. O tempo estava calmo. O barômetro marcava 29°. Não se dava qualquer alteração sensível na atmosfera.

No dia seguinte, a mesma campainha vibrou muitas vezes, ainda sem causa aparente.

No terceiro dia, cinco das nove campainhas suspensas em um recôncavo da casa, vibraram fortemente e muitas vezes, sem que pudesse saber que força atuava nelas, produzindo e fazendo cessar as vibrações.

Depois, todas as campainhas da casa, em número de doze, excetuando-se a da porta da rua, repetidamente tocaram do mesmo modo, quase sempre cinco de cada vez. Os cordões das campainhas eram visíveis em toda sua extensão, salvo quando por pequenas aberturas passavam através do soalho ou da parede.

O fato reproduziu-se em todos os dias de fevereiro e março.

As campainhas soavam de modo mais ruidoso que o comum “Nenhum empuxão, diz o Major Moor, seria capaz de produzir tão violentas vibrações” Puxando-se para baixo o cordão horizontal, as campainhas só emitiram um som fraco. O major diz ainda que o movimento das campainhas e suportes espiralados e flexíveis, quando produzido pela mão, era comparativamente lento, tomando-se perceptível; ao passo que no caso observado, era demasiado rápido para poder ser visto distintamente.

Naturalmente, esses prodígios surpreenderam muito o Major Moor; e

tanto ele como os criados e amigos empregaram todos os esforços para dar-lhes uma explicação natural, porém, tudo inutilmente. Então, ele publicou uma narração do fato no “Ipswich Journal”, de 1º de março de 1834, descrevendo a colocação das campainhas e dos arames que se lhes prendiam, na esperança de que alguém lhe sugerisse alguma explicação, mas, que não se limitasse a atribuí-la ao embuste, ali reconhecido impossível. Respondendo a alguns investigadores, que provavelmente buscaram indicar-lhe a causa procurada, ele declarou que a sua residência não era infestada de ratos nem tinha macacos.

A última vez que o fato se reproduziu foi a 27 de março de 1834. E de toda evidência, à vista do livro do major Moor, que ele não poupou trabalho durante as sete semanas e meia em que a manifestação estranha se deu, para descobrir que artifício fraudulento poderia ser possível em tais circunstâncias. E afirma: “As campainhas tocavam na ocasião em que ninguém passava junto do edifício ou no terreno vizinho. Eu ficava na cozinha, com todos os criados, por ocasião de dar-se o fato, não podendo nenhum deles ocultar-se à minha vista. Mas, então, que era isso? Nem eu, nem os criados, nem outra pessoa qualquer podia ser autor do fato pasmoso, que eu e mais de dez outros observamos.” Finalmente, o major declara: “Estou perfeitamente convencido de que esses fenômenos não foram produzidos por ação humana”

REVELAÇÃO PELA CAMPANOFONIA

No livro do major Moor, lemos que a sua comunicação ao “Ipswich Journal” compunha-se de cartas contendo a descrição de quatorze diferentes exemplos de misteriosos toques de campainhas, todos inexplicáveis, todos acontecidos na Inglaterra, nos condados de Norfolk, Suffolk, Kent, Derby, Middlesex, ou nas proximidades das cidades de Chelmsford,

Cheltenham, Chesterfield, Cambridge, Bristol, Greenwich, Windsor e Londres. Todos eram de data comparativamente recente e a maioria deles atestada pelas assinaturas dos que os testemunharam, com a permissão de publicar seus nomes.

Ele recebeu mais três comunicações, revelando outros mistérios.

Cumprir notar que os quatorze exemplos pertencem todos a uma fase particular de manifestações, fase bastante rara, segundo as minhas observações. Possuo notas sobre uma semelhante, sucedida nos Estados Unidos, em uma casa da Pine Street, em Filadélfia, durante os cinco dias da semana que mediam do dia de Natal ao Ano Novo, em 1857.

Dessa rara fase de manifestações, porém, podemos imaginar que nos quatorze exemplos apresentados no “Bealings Bells”, não temos mais que uma pequena parcela de casos similares ocorridos na Inglaterra. Poderia o número de casos ser maior; entretanto, muita gente prefere silenciar sobre tão inusitada questão, não só no País de origem de Robert Owen, mas em qualquer outro, especialmente no mundo ocidental, onde a ação sistemática da religião, refratária à sobrevivência da alma, funcionou, a bem da verdade, como uma espécie de “lavagem cerebral”.

UMA PERTURBAÇÃO DE DEZOITO MESES

Em uma casa vizinha de Chesterfield (Inglaterra), pertencente ao Sr. James Ashwell, longos e repetidos toques de campainha se produziram durante dezoito meses, a começar de 1880. Os detalhes são fornecidos, em parte, pelo próprio Sr. Ashwelle, e em parte por seu amigo o Sr. W. belkin, de Nottingham.

Segundo o Sr. Felkin, todas as campainhas da casa tocavam em horas diferentes, mas nunca antes das cinco da manhã, nem depois das onze da

noite. A oscilação era semelhante a um pêndulo, sem nenhum decréscimo.

Uma campainha, em uma tarde de sábado, adiantou-se separada do suporte e tocou cerca de meia hora. Outra que havia caído e fora colocada em um quarto retirado, aí se conservou quieta por algumas semanas, mas, fixada depois a uma fita de bronze flexível entre um caibro e a parede em que estava pregado, começou a tocar. Elas tocavam sem parar, com muita força e por longo tempo. Algumas vezes, quando a vibração era muito forte, o Sr. Ashwell segurava uma delas e forçava-a a conservar-se quieta. No entanto apenas a soltava, começava ela a oscilar e a tocar como uma desesperada.

Todas as campainhas estavam colocadas fora do alcance da mão. Fabricantes de campainhas foram chamados a prestar auxílio, mas nada puderam encontrar nelas ou nos fios e suportes, que explicasse o fato.

Uma vez, enquanto o operário estava reatando os fios, depois de longo silêncio, uma das campainhas começou a tocar junto mesmo da sua cabeça. O homem precipitou-se da escada e, abandonando a ferramenta, partiu correndo e gritando que Satanás estava nas campainhas e que não mais tocaria nelas.

A casa onde isso se passou era tão solidamente construída, suas paredes tão espessas, os alicerces tão profundos, que podia resistir à fúria dos mais fortes ventos. “Cada uma das partes dessa vasta casa, diz o Sr. Felkin, foi por mim examinada com o maior cuidado e não pude encontrar a causa natural do que estava havendo.”

Falando de James Ashwell, dono da casa, afirma o Sr. Felkin: “Ele é o inverso do homem supersticioso: - Ilustrado, filósofo, infatigável

investigador”. O Sr. Ashwell fez várias experiências com eletrômetros e outros instrumentos de prova, e falou sobre o assunto com muito homens de ciência, mas tudo sem resultado. Nunca o Sr. Felkin ouviu o amigo atribuir ao acaso o fato que se deu em sua casa. De vez em quando, realmente, foram feitas tentativas, tanto pela família como pelos visitantes, para descobrir a influência oculta, quer quando as campainhas estavam presas às linhas, quer com as linhas cortadas; circunstância que não produziu nenhuma alteração aparente na disposição das campainhas para tocar.

Esses fenômenos desnorream os mais perspicazes investigadores.

Esse toque tão persistente de campainhas causava grande excitação, não só na casa, mas, por sua divulgação, na vizinhança. Os criados andavam assustados e abandonaram os seus empregos. Os meninos tinham muito medo, mas acomodavam-se por lhes dizerem que as campainhas estavam doentes.

A CAUSA REAL DO FENÔMENO

Havia um atalho perto da porta do Sr. Ashwell, mas os viandantes preferiam fazer volta a passar por ali. Outra observação que é mencionada em relação a esse caso, para nós bastante inteligível, mas, que sem dúvida ora um enigma para o major Moor, que escrevia num tempo em que ainda não se ouvia falar de SENSITIVOS e MÉDIUNS.

As comadres da vizinhança notaram, relativamente a uma jovem que residia com a família do Sr. Ashwell, que os fatos só se davam quando ela ali estava, cessando quando se ausentava.

UM CASO DE CAMPANOFONIA EM LONDRES

Entre as numerosas cartas recebidas pelo major Moor, havia uma da Sra. Milnes, procedente de Islington e com data de 17 de maio de 1834. Dizia a missivista: “Na segunda quinzena de fevereiro de 1825, voltando de um passeio (ela residia então em Earl Street, nº9, Westminster) às quatro e meia horas da tarde, aproximadamente, encontrei minha família muito assustada por terem as campainhas da casa vibrado, sem motivo aparente. A primeira campainha que soou, foi a do quarto das crianças, presa a um arame cuja ponta eslava colocada ao fundo da casa, sem ligação nenhuma com os outros. Tocou por muito tempo, antes das outras começarem a fazê-lo. Depois seguiu-se a da sala de jantais, a esta a da sala principal, e, afinal, as outras. Às vezes tocavam todas juntas, como se umas incitassem as outras, outras vezes cada uma a seu turno, mas sempre violentamente.

“Assustei-me e comuniquei o fato ao Sr. Milnes, que, esperando descobrir a causa do distúrbio, fez examinar os arames. Não achando usual o caso, ele colocou uma pessoa com uma luz em cada sala, ficando ele com um candeeiro, de modo a poder observar o fio que ia ter às campainhas. Não lhe foi, porém, possível achar a menor explicação desse estranho repique de campainhas que durou duas horas e meia”

Temos um incidente dependente da intervenção de algum médium inconsciente. O Sr. Milnes diz:

“Foi surpreendente o efeito que isso produziu em uma de nossas criadas, jovem mulata. Mais que qualquer outra pessoa da casa, ela, desde o começo, mostrou-se aterrada e na última manifestação caiu com violentas

convulsões, a ponto de se precisar do esforço de muitos homens para contê-la. Essas convulsões continuaram pelo tempo de dezesseis horas, e foram seguidas de uma insensibilidade e de um torpor que persistiram durante uma semana, sendo inúteis todos os meios empregados então para restituir-lhe a saúde. O mais singular é que, desde que ela caiu com esse ataque, as campainhas cessaram de vibrar.

AS CAMPAINHAS DO HOSPITAL DE GREENWICH

As campainhas começaram a tocar a 30 de abril de 1834, no quarto do hospital ocupado pelo tenente Rivers e continuaram por quatro dias. Entre os toques davam-se intervalos que duravam de cinco a dez minutos, às vezes quatro campainhas ao mesmo tempo.

“Certa vez, informa o tenente, perto das oito da noite, atei os badalos das campainhas e, enquanto o fazia, notei que elas eram muito agitadas e sacudidas violentamente. Pela manhã, quando os soltei, começaram a tocar”. Examinaram as campainhas com extremo cuidado; nada encontraram de suspeito. Puseram pessoas vigiando-as; elas, “ignorando” a presença dos vigias, tocaram por um bom tempo.

O mistério continuava indecifrável, porque também, como já se elucidou linhas passadas, não se conhecia a mediunidade ou, mais exatamente, a participação de um médium na realização do fenômeno.

Aí estão contados fatos ocorridos mais de duas décadas antes da Codificação do Espiritismo. Esses e outros fatos, considerados misteriosos, extraordinários, eram e sempre foram realizados às expensas da faculdade mediúnica de efeitos físicos. A verdade é que o século XIX ficou marcado,

especialmente na Europa e nas Américas, pela intensidade dos fenômenos provocados pelos invisíveis, provavelmente preparando, de algum modo, o terreno para a sementeira espírita. Não foi sem razão que o próprio Kardec (vide “OBRAS PÓSTUMAS”) declarou a sua iniciação no Espiritismo, muito embora tenha sido ele o autor do vocábulo, um neologismo na belíssima língua de Voltaire.

CADEIRAS DE BALANÇO QUE SE MEXEM SOZINHAS

“Jornal do Brasil”, do Rio de Janeiro (a edição não é citada) publicou um artigo da escritora brasileira Maria Eugênia Celso, sobre uma misteriosa cadeira de balanço. Este artigo foi reproduzido na Revista portuguesa “Estudos Psíquicos”, de Lisboa, nº 5, maio de 1951, então dirigida por Isidoro Duarte dos Santos.

A notícia chegou de Muscattine, Estado de Iowa, nos Estados Unidos. Tratava-se de uma cadeira de balanço que o telegrama classificava de “misteriosa”, pertencente ao casal Floyd-Holliday. Tinha ela a singular propriedade de balançar-se sozinha.

A princípio a coisa era discreta. Um ensaio de balanço que era como a continuação de quem nela se houvesse balançado, com o correr do tempo, emancipou-se, por assim dizer, de todo impulso exterior. Adquiriu movimento próprio. Ao susto crescente de seus proprietários, a cadeira punha-se a balançar sozinha, estivesse ela em qualquer aposento. Para fazê-la parar, o casal Holliday empregou vários truques - Amontoou-lhe grande peso sobre o assento; amarrou-lhe o espaldar; emperrou-lhe a mola. Mal se apanhava solta, porém, a cadeira recomeçava com força, numa represália de silenciosa indignação.

Não é preciso dizer que o mistério da cadeira se prendia ao fato de ter

ela pertencido a um cunhado da Sra. Holliday, chamado Floyd Brossart, falecido há tempos, justamente sentado nela. Esta circunstância faz com que a cadeira de balanço ficasse horrivelmente mal vista, não só pela família Holliday, como por toda a vizinhança, conhecedora do misterioso acontecimento. Os filhos do casal, Kenneth, Clyde e Jack, confirmando as asserções dos pais, não se acanharam de confessar que tinham pavor da malfadada cadeira.

Uma cadeira de balanço, que se balançava sozinha, não podia ser, evidentemente, uma cadeira normal, nem, sobretudo, bem intencionada... A estranha força que a impulsionava, devia vir de algum secreto fluido sobrenatural, provindo do seu defunto primeiro ocupante. Assim pensava, apavorada, a família Holliday e não estarão longe de pensar, o mesmo, os leitores. E uma cadeira mal-assombrada, dirão eles. Uma preciosidade para os investigadores dos fenômenos espirituais. Um espantalho para a maioria das pessoas para quem “essas coisas do outro mundo” provocam medo e inquietação. Seja como for, uma cadeira indesejável até mesmo para o Antiquário bruxo do conto notável de Guy de Maupassant, o desesperado e talentoso escritor francês do século XIX.

Algumas pessoas mais corajosas se arriscaram a sentar-se na misteriosa cadeira. Foram elas unânimes em declarar ter tido a impressão de que o assento “queria” mexer-se sob o seu peso. O que fez, já se vê, com que logo o abandonassem.

A Doutrina Espírita - Prossegue a jornalista Maria Eugênia Celso - explicaria o estranho balanço como a atuação de algum Espírito - provavelmente o do antigo dono da cadeira.

E ela conta um caso ocorrido aqui no Brasil:

Em nossa casa de Petrópolis, havia uma cadeira de balanço, velho traste de família gasto pelos anos, que tinha a fama de mover-se sozinha. Era um balanço leve e curto, acompanhado de um pequeno rangido, que, embora discretíssimo, aterrava impreterivelmente a quem tinha o desagrado de ouvi-lo. Rosalinda Coelho Lisboa, hospedada certa vez em nossa casa, conheceu a cadeira e lhe votava um medo reverente. Nós outros, habituados, não ligávamos muito essas travessuras da cadeira. Se a víamos balançar, porém, para não nos amedrontarmos demasiado, dizíamos que era a trepidação dos trens e dos bondes que bulia com ela e a fazia estremecer. Explicação material que não nos tranqüilizava de todo, pois ninguém em verdade queria dormir com a cadeira no quarto.

É bem possível que os casos de cadeiras de balanços que se movimentam aparentemente sozinhas, proliferem por este mundo a fora. Aqui no Brasil, quantas famílias não devem ter vivido essa inusitada experiência? Mas, costumam atribuir a autoria do fenômeno ao diabo, e, assim, paralisam quaisquer iniciativas de pesquisa séria e laboratorial. Além de tudo, prevalece o medo, o velho e entranhado medo do “desconhecido”, condicionamento gerado, comumente, no seio das religiões.

Já houve quem procedesse, com uma cadeira de balanço “mal-assombrada”, a todos os trâmites ingênuos e perfunctórios do exorcismo. A dita cadeira, quanto mais se lhe jogavam água benta, mas ela aumentava, ironicamente, o seu vai-e-vem. Foi, como se diz, uma loucura! O religioso gritando, gesticulando, proferindo algumas palavras em latim, e a cadeira no seu constante e irritante vai-e-vem, como se não “estivesse aí nem

chegando”. A paciência do religioso esgotou-se e ele foi embora visivelmente frustrado.

A cadeira continuou no seu vai-e-vem. Os seus proprietários tiveram, então, uma brilhante idéia.

Desmontaram a cadeira, peça por peça, e, no quintal, fizeram uma fogueira com a madeira. Exorcizaram-na com fogo, tal como se fazia na Inquisição. Tudo acabou em cinzas!

Entretanto, o Espírito que animava a cadeira de balanço não se deu por vencido, e reiniciou a sua atividade fantasmal na mesma casa com uma intensidade assustadora. Agora, ele provocava ruídos, pancadas violentas em moveis, teto, soalho, paredes etc. Foi um Deus nos acuda. Desta feita, levaram o caso ao conhecimento dos dirigentes de uma respeitável instituição espírita. A entidade foi evocada, numa sessão realizada com médiuns escolhidos, na casa assombrada. Era o Espírito de um ex-empregado da família que havia desencarnado guardando mágoas e ressentimentos por ter sido, despedido após muitos anos de trabalho. Sentia-se Injustiçado. Daí a atitude que assumiu de, pelo menos, levar o pânico e a inquietude àqueles a quem ele dedicava tanto rancor. O curioso de tudo é que o médium que lhe fornecia condições para a concretização de seu intento era uma garota da própria família.

Permita-me o prezado leitor considerar este caso como incluído nos anais daqueles pesquisados pelos eminentes cientistas europeus e norte-americanos. Ele aconteceu aqui no Brasil, mais exatamente na Bahia, não tendo permissão, o autor, de revelar os nomes das pessoas envolvidas.

SONS DO OUTRO MUNDO

A audição psíquica em estado de vigília (estando a pessoa acordada) está ligada ao fenômeno de exteriorização parcial do perispírito. Para que aconteça, portanto, há necessidade de um começo de desprendimento do duplo. Não se trata - observa Léon Denis - de fatos fisiológicos ou de manifestações do ser encarnado, e, sim, de uma das formas de mediunidade. O órgão da audição (em condições idênticas ao fenômeno da visão) é igualmente influenciado pelos Espíritos.

Frederick W. H. Myers, em “Subliminal Self”, refere-se ao seguinte caso:

Lady Caidly, na ocasião de tomar um banho, achando-se já fechada no banheiro e despida, ouviu uma voz estranha e claramente distinta dizer-lhe: “Puxe o ferrolho!”. Ela ficou surpresa e olhou para todos os lados, mas em vão. Quando se meteu no banho, ouviu a voz repetir três vezes seguidas, com insistência crescente: “Puxe o ferrolho!”. Saiu então da banheira e correu o ferrolho. Mas ao voltar ao banho, perdeu os sentidos e caiu com a cabeça dentro d’água. Por sorte, pôde puxar o cordão da campainha. A criada de quarto acudiu. Se a porta estivesse fechada com o ferrolho, ela se teria infalivelmente afogado. Este caso foi transcrito, por Jules Bois, em “Le Monde Invisible”.

O Sr. François Coppée, o poeta acadêmico, ouviu muitas vezes uma voz misteriosa. E o que nos informa o Sr. Jules Bois em sua pesquisa sobre “L’Au-de là et les forces inconnues”, publicada pelo jornal “Le Matin” (07 de outubro de 1901).

É sempre quando estou deitado - escreve o poeta - e pouco depois de ter apagado a luz, que se produz o fenómeno. Ouço então distintamente uma voz que me chama por meu apelido de família: Coppèe! E absolutamente certo que eu não estou dormindo nesse momento; e a prova é que, apesar da viva emoção e do acelerado do coração que sinto, tenho sempre retorquido imediatamente: “Quem está aí? Quem me tala? “Mas nunca a voz acrescentou coisa nenhuma no seu simples chamado. Essa voz me é desconhecida. Não me faz lembrar a voz do meu pai, nem da minha mãe, nem de qualquer outra pessoa que particularmente me estimasse, ou que eu amasse extremosamente e que já não exista. Mas, repito-o, é clara e distinta, e o que é verdadeiramente notável, é a inflexão que dá ao meu nome, tão breve como é. Só muito raramente me tem acontecido ouvir essa voz, e em circunstâncias bastante graves da minha vida moral, quando acabrunhado por um desgosto ou descontente de mim mesmo. E sempre a voz traduziu uma expressão compadecida ou de reprovação, seja condoendo-se da minha aflição ou censurando meu sentimento negativo. E nisso tenho certeza a mais de que não é em sonho que ouço essa voz, porque nunca me falou, senão quando, precisamente, eu me achava bem desperto por minhas preocupações.

O caso do poeta François Coppèe lembra, guardadas as devidas e naturais proporções, ao que aconteceu, na Grécia clássica, ao inigualável pensador Sócrates. Também ele ouvia uma voz, a que ele chamava de seu “daimon”, ou seu Espírito protetor, que o orientava nos momentos difíceis de sua vida.

Não são raras aquelas pessoas que já passaram por essa experiência, livrando-se de sérias dificuldades.

Costumam rotular essas vozes, que parecem vibrar no íntimo do ser,

de sexto sentido, expressão criada pelo Dr. Charles Richet (prêmio Nobel de Medicina de 1913) para designar o que tentam negar, a todo custo - a intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo.

Ainda com relação a Sócrates, F. Lélut, citado por Charles Richet, em seu livro “Le Démon de Socrate, Spécimen d’une Application de la Science Psychologique à celle de l’Histoire”, escreve que Platão e Xenofonte diziam que o grande filósofo de Atenas (Grécia) afirmava ter um gênio familiar, um Espírito, que lhe predizia o futuro e, algumas vezes, ditava-lhe normas de vida. O próprio Sócrates admitia que esse ser lhe era estranho, diferente dele, porque lhe revelava coisas desconhecidas. Esse Espírito é o que em linguagem espírita se chama de guia.

Platão faz Sócrates dizer:

“Depois da minha meninice, graças ao favor celeste, sou sempre acompanhado por um ser cuja voz me desaconselha algumas vezes de empreender qualquer coisa, porém nunca me leva a praticar essa ou aquela ação. Conheceis Carmido, o filho de Glaüco. Um dia ele me disse que queria disputar o prêmio dos jogos de Nemeu... Procurei dissuadir Carmido de sua pretensão, dizendo-lhe: enquanto você me fala, ouço a voz divina... Não vá a Neméia! Não quis dar-me ouvidos! Pois bem, ficai sabendo que ele morreu!...”

Na APOLOGIA DE SÓCRATES, Xenofonte lhe põe na boca o seguinte:

“Esta voz profética que me dá a entender em todo o curso de minha vida, certamente é mais autêntica do que

*presságios tirados do vôo ou das entranhas dos pássaros:
Chamo-lhe daimon (em grego quer dizer Espírito).
Comuniquei aos meus amigos os avisos que recebi e até o
presente a sua voz nunca me disse nada que fosse
inexacto”.*

As predições do espírito familiar de Sócrates foram sempre verificadas.

Por seu turno Plutarco, autor de “Vidas Paralelas”, escreveu: “Sócrates, tendo um entendimento puro e claro, era muito sensível ao que o atingia, (“ o que o atingia, podemos conjeturar, que era não uma voz ou um som, mas a palavra de um Espírito que, sem voz, lhe tocava na parte inteligente da alma. As inteligências dos Espíritos, tendo a sua própria luz, brilhavam liara aqueles que eram suscetíveis e capazes de tal clarão, não tendo necessidade nem de nomes nem de verbos, dos quais os homens fazem uso quando falam uns com os outros, e por intermédios dos quais eles vêem as imagens das inteligências uns dos outros; mas não conhecem as próprias inteligências senão aqueles que têm uma luz própria, divina” (“Du Daemon de Socrate”, traduzido do grego para o francês por D”Amyot).

Sócrates quando ouvia essas vozes, não continuava na sua conversação. Sustava a caminhada, dizendo, para explicar o seu procedimento, que acabava de ouvir a voz de Deus.

Frederick Myers, escreveu excelentemente do Espírito que falava com Sócrates, e, com grande razão, segundo parece, compara a voz ouvida por Sócrates, às vozes que, desde a sua infância, Joana D”Arc ouviu. Por outro lado, Myers fala dos fenômenos de clarividência, premonição etc., acontecidos com o genial filósofo, patrocinados pela entidade espiritual que o assistia neste plano de provas e expiações, até àquele crucial momento de

extrema intolerância e de brutalidade, quando o mestre do raciocínio viu-se obrigado a sorver a fatal cicuta.

UM IMPRESSIONANTE CASO DE ASSOMBRAÇÃO POR VOZ DIRETA

Este capítulo é concluído com o intrigante caso de assombração, por voz direta [(faculdade mediúnica em que os Espíritos falam sem o auxílio direto do aparelho fonador do médium)] acontecido no município da Borda da Mata, sul de Minas Gerais e divulgado pelo jornal “Folha da Tarde”, de São Paulo, edição de 4 de maio de 1953.

Eis como o fato é narrado:

O “Diabo” deu mesmo para falar na casa de “seu” Alberto, lavrador português, proprietário de um pequeno sítio na Borda da Mata, sul de Minas Gerais. O caso está acontecendo desde o mês de janeiro.

Certa noite, o lusitano que reside na humilde casa com esposa e filhos, ouviu que alguém o chamava. Surpreso, pulou da cama, percorreu a habitação... e nada. Indagou quem o estava chamando. Então o visitante falou: “-Sou o Diabo! Você não vê, mas eu o vejo...”

“Seu” Alberto, com os cabelos em pé, olhos arregalados, tremendo de pavor, arrastou a família para o quintal, sem saber o que fazer. O frio era intenso e, depois de um certo tempo, voltou à habitação na esperança de que o “Diabo”, ou quem quer que fosse, tivesse ido embora. Enganou-se, pois o visitante inoportuno lá estava ainda, a rir e a procurar conversa.

Ninguém dormiu nessa noite.

No dia imediato, a notícia se espalhou como o fogo na palha. “Seu” Alberto foi contar o caso ao delegado Antônio Megale e ao promotor

Francisco Sales. Duvidaram da história, julgando que o português estivesse louco. Mas tanto o lavrador insistiu que eles foram ao local da assombração e lá o “Diabo” os recebeu. Não se sabe o que conversaram. A “voz” lá eslava, falando em todos os cantos da casa, rindo, num som surdo, cavernoso, arrepiante!

Daí por diante verdadeiras romarias dirigiam-se à casa de “seu” Alberto, para ouvir o “Capeta”.

As 20 horas em ponto a “voz” chegava. Dava boa noite e só parava de saudar quando todos respondiam. Conversava com quem quisesse e, de vez em quando, soltava uma gargalhada infernal.

A polícia interveio, inutilmente - “o coisa ruim”, como já denominavam o intruso, não lhe deu a menor importância, embora fosse ingenuamente ameaçado. A essa altura, numerosos automóveis e até caminhões cheios de gente paravam na estrada e os curiosos percorriam a pé, em profunda expectativa, os dois quilômetros que restavam para chegar à casa do português.

Um padre foi chamado para afastar o Tinhoso, mas não conseguiu demovê-lo de tumultuar a vida do lavrador e de sua família.

Entre os interessados em afastar o “Demônio”, esteve na casa assombrada um capuchinho de Ouro Fino. Foi lá, com sua barba crescida, suas orações, água benta, crucifixo, e outros petrechos empregados nas práticas exorcistas, tal como a gente vê no cinema ou na televisão. Tudo inútil. O “Cabra” não arredava pé. O capuchinho, sentindo que o ritual não afetava, de modo nenhum, o estranho visitante, apelou para o diálogo: perguntou-lhe o nome. A “voz” respondeu:

Pode chamar-me de Francisco.

Francisco é nome de santo. Você é o Diabo. Seu lugar é no inferno.

A “voz” soltou uma gargalhada e gritou:

“Você precisa tirar essa batina e casar”

O capuchinho continuou rezando, ante o pavor dos assistentes que entupiam a pequena casa do lavrador.

O religioso retomou a conversação:

“Por que você está aqui?”

“Ora essa! Sou amigo do português. Não é mesmo seu Alberto?”

“Raios! Que és amigo, vá lá, mas já estás abusando!”

Diante disso, o capuchinho recomendou que se abandonasse a casa. Respondeu o lusitano:

“- Daqui não saio, daqui ninguém me tira. Comprei esta casa com muita luta e juntando, durante anos, cada níquel. A “voz” que vá embora. A coisa continuou. Habitantes de Pouso Alegre, Ouro Fino, curiosos de toda parte compareciam ao sítio de “seu” Alberto. A família já estava se acostumando e ninguém mais tinha medo da “voz”. Apenas uma filha do lavrador recebeu no meio da noite, uma bofetada, sem saber de onde vinha. A “voz”, ao ser acusada do fato, negou, com firmeza. Não teria sido ela. Disse que devia ser um dos tantos demônios que infestavam o local.

Enfim, “seu” Alberto não saía de casa e a “voz” disse que também não saía, salvo para pagar as visitas que o povo lhe fazia... Depois da promessa do Diabo, raros curiosos apareciam no sítio assombrado. A maioria ficou com medo de o Capeta cumprir, “a risca”, o prometido...

Eis um caso realmente curioso! Na verdade, não se tratava de “Diabo” coisíssima nenhuma. Era um espírito zombeteiro, dado, também, à chacota, que se manifestava graças à presença, na casa, de algum médium especial de YOZ DIRETA, faculdade mediúnica muito rara. Ele, para causar impressão, medo e confusão, dizia-se ser o “Demônio”, e todos acreditavam, porque possuíam, inclusive os religiosos, o mínimo conhecimento a respeito da comunicação de seres espirituais quando encontram condições para tanto.

Casos parecidos com o que foi relatado ocorre em qualquer parte do mundo. Afinal de contas, o Espírito sopra onde quer! Pouco importa, pois, se no Brasil, na China, na Europa, seja lá onde for!... mas, fiquem certo de que nem sempre história de português são engraçadas...

OS SONS ESPIRITUAIS

Em certos médiuns, o sentido psíquico - esclarece Léon Denis - pode apreender as vibrações mais sutis do pensamento dos Espíritos e mesmo perceber as penetrantes harmonias dos espaços e dos mundos, os concertos dos Espíritos celestes. A faculdade de audição se torna, às vezes, extensiva a todas as pessoas presentes.

Em sua História do Espiritismo na América, a Sra. Harding Britten informa que a Sra. Tamlin foi, nesse país, o primeiro médium por cuja intervenção se ouviram árias tocadas em instrumentos invisíveis, com a maior perfeição. Os sons variavam, desde os mais intensos aos mais graves.

Em certos momentos, dir-se-ia serem acordes de uma harpa eólea. Parecia que os sons se iam transformar em voz humana de estranha doçura. Esses fatos se repetiam, depois, em meios muitíssimos diversos.

Durante as célebres sessões dadas por Jesse Shepard em todas as grandes capitais e em presença de vários soberanos, como nas do Dr. Sant'Ângelo, em Roma, ouviram-se coros celestes e os acordes de múltiplos instrumentos invisíveis. Solos, que eram entoados, permitiam reconhecer as vozes de cantores ou cantoras falecidas.

Quase todos os grandes compositores são sensitivos, médiuns auditivos ou inspirados. Seus próprios testemunhos em tal sentido são dignos de fé. Encontram-se Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), mais exatamente em “Cartas a um Filho” as seguintes particularidades sobre Beethoven, que dizia a Betina, ao referir-se à fonte de que lhe provinha a concepção de suas obras primas:

“Sinto-me obrigado a deixar transbordar de todos os lados as ondas de harmonia proveniente do foco de inspiração. Procuo acompanhá-las e delas me apodero apaixonadamente; de novo me escapam e desaparecem entre a multidão de distrações que me cercam. Daí a pouco, torno a apreender com ardor a inspiração; arrebatado, vou multiplicando todas as modulações e venho, por fim, a me apropriar do primeiro pensamento musical. Vede agora; é uma sinfonia...”

“Tenho necessidade de viver só comigo mesmo. Sinto que Deus e os anjos estão mais próximos de mim, na minha arte, do que os ou tios Entro em comunhão com eles,

e sem temor. A música é o único acesso espiritual às esferas superiores da inteligência”.

Mozart, por sua vez, numa de suas cartas a um amigo íntimo, nos inicia nos mistérios da inspiração musical:

“Dizes que desejarias saber qual o meu modo de compor e que método sigo. Não te posso verdadeiramente dizer a esse respeito senão o que se segue, porque eu mesmo nada sei e não posso explicar. Quando estou em boas disposições e inteiramente só, durante o meu passeio, os pensamentos musicais me vêm com abundância. Ignoro donde procedem esses pensamentos e como me chegam; nisso não tem a minha vontade a menor intervenção”.

No declínio de sua vida, quando já sobre ele se estendia a sombra da morte, em um momento de calma, de perfeita serenidade, ele chamou um de seus amigos que se achavam no quarto: “Escute” -disse ele – “estou ouvindo música”.

O amigo lhe respondeu:

- “Não ouço nada”.

Mozart, porém, tomado de arroubo, continua a perceber as harmonias celestes. E seu pálido semblante se ilumina. Cita depois o testemunho de João, o Evangelista: - “E eu ouvi música no céu”.

Foi então que compôs o seu Réquiem. Logo que o concluiu, chamou sua filha Emelia e lhe disse:

“Vem, minha Emelia, minha tarefa está terminada; meu Réquiem está concluído!” Sua filha cantou algumas estrofes.”

Depois, quando terminou, demorando-se nas notas melancólicas e profundas do trecho, voltou-se docemente a procurar o sorriso de aprovação de seu pai, mas só encontrou o sorriso calmo e repousado da morte...

Jules Massenet (1842-1912), compositor francês, de notável sensibilidade, melódica, a propósito de seu poema sinfônico VISÕES, interpretado em Leeds, escrevia estas linhas reproduzidas pela Revista LIGHT, de Londres, 1898:”

“Há alguma coisa de mais ou menos experimental nesta composição, e eu desejo que os primeiros que a ouvirem não formem a seu respeito uma idéia falsa. Refirome a história de sua gênese. Há muito tempo viajava eu no Simplon. Tendo chegado a um pequeno hotel, situado em meio das montanhas, tomei a resolução de aí passar alguns dias numa tranqüilidade absoluta.

“Instalei-me, pois, para gozar um pouco de repouso; mas na primeira manhã, enquanto estava sentado, sozinho, em meio desse majestoso silêncio das montanhas, escutei uma voz.

Que cantava ela? Não sei. Mas sempre essa voz espiritual, estranha, ressoava-me aos ouvidos, e eu fiquei absorto em um sonho, nascido da voz e da solidão das montanhas”.

A comunhão entre encarnados e desencarnados, nas diversas áreas do conhecimento é um fato incontestável. Através da História esse intercâmbio se fez presente nos momentos mais cruciais da Humanidade.

AS CRIANÇAS E AS APARIÇÕES

Segundo o Professor Ernesto Bozzano, autor de obras notáveis no campo da fenomenologia espírita, há um grupo de aparições de defuntos no leito de morte de crianças, fato que se reveste de extraordinário valor teórico. As hipóteses naturalistas do Prof. Charles Richet e do Prof. Enrico Morselli caem por terra, diante da veracidade dos relatos investigados.

Na revista LIGHT, o reverendo Willian Stainton Moses relata o episódio seguinte, ocorrido com a filha de um alto ministro da igreja anglicana e por ela narrado verbalmente ao mesmo Stainton Moses.

A Sra. H. assistia um menino que estava a morrer na paróquia de seu pai. Havia no quarto dois leitos, um dos quais era uma caminha onde dormia um menino de três ou quatro anos, irmãozinho do enfermo, que desde muitas horas parecia em estado comatoso. Com a mãe dos meninos, a Sta. H. se achava junto ao leito em que jazia o moribundo, já presa dos espasmos da agonia. De súbito, uma vozinha ecoou no quarto, partindo da caminha. As duas se voltaram e viram o menino, completamente desperto, a apontar o dedinho para o espaço, irradiando-se-lhe o semblante uma alegria estática. E gritava: *“Oh! mamãezinha, mamãezinha, que belas senhoras ao redor do maninho! Belas senhoras! Elas querem o maninho”* -Voltando-se de novo para o leito do menino doente, verificaram que havia expirado. Seu semblante refletia uma singularíssima serenidade...

O Reverendo Stainton Moses teceu, sobre o caso, os seguintes e elucidativos comentários:

Em lace do criticismo prevalecente contra os fenômenos mediúnicos, fora de grande importância recolherem-se casos análogos ao anteriormente relatado, visto que as crianças de três anos e, até, as de menor idade, não podem ser tidas por prestidigitadores (aquele que faz prestidigitação; ilusionista, mágico).

Esses comentários deverão completar-se - acrescenta o Prof. Ernesto Bozzano - com a observação de que as crianças não podem de modo nenhum serem tidas como “telepatizadoras” de fantasmas. E de lamentar que Stainton Moses haja olvidado de mencionar a idade do menino moribundo. Como, porém, nos seus comentários ele fala em crianças “de três anos e até as de menor de idade”, é lícito se suponha que essa fosse a condição do desencarnante.

Agora, um segundo episódio em que o moribundo e a percipiente são ambos crianças de tenra idade, episódio este bem mais importante do que o primeiro, portanto se acha indicada a idade do moribundo - 4 meses, o que nos permite excluir, de modo categórico, qualquer forma de auto-sugestão, com a respectiva transmissão telepática à percipiente, (assim como tentam explicar o que se arvoram conhecer (e não conhecem) os enigmas insondáveis da alma).

A idade do percipiente (três anos) exclui, a seu turno, ela haver-se auto-sugestionado, a ponto de ver, por conta própria, fantasmas alucinatórios, dado que a sua mente não chegaria de certo a conceber a possibilidade de aparições transcendentais, junto ao leito do irmãozinho que estava para morrer.

Este caso foi publicado na Revista “ULTRA” (1909), onde Sr. Pelusi, bibliotecário da Rega Biblioteca “Vitório Emmanuel” de Roma (Itália), o

relatou em data de 12 de dezembro de 1909:

“Em Roma, na casa da rua Regio, 21, habitada pela família Nasca, mora, como sublocatário, o Sr. G. Notari, com a mulher, os filhos e sua mãe viúva.”

Morreu-lhe, a 6 de dezembro, um filhinho de quatro (4) meses, por volta das 22 horas e 45 minutos. Em tomo do leito do doentinho, estavam seu pai, sua mãe, a ama, a locatária da casa, Sra. Júlia Nasca, e uma irmãzinha do moribundo Hipólita, de três (3) anos, meio paralítica, e que, sentada na caminha do irmão, o olhava compassivamente. Em dado momento, uns 15 minutos antes que a morte houvesse posto fim àquela incipiente vida, Hipólita estende os braços para um canto e grita: Mamãe, olha lá tia Olga.

E fez menção de descer do leito para ir abraçá-la. Os presentes ficaram espantados e perguntaram à menina: Mas, onde? Onde? Acriança repetiu: Ali! Ela está ali! E quis por força descer do leito para lhe ir ao encontro. O pai ajudou-a a descer e ela correu, com a dificuldade própria de sua deficiência física, para uma cadeira vazia, ou aparentemente vazia. Aí chegando, ficou um tanto perplexa porque a visão passara para outro ponto do quarto. A pequenina voltou-se, dizendo: Está ali, a tia Olga. Depois, aquietou-se, quando sobreveio o falecimento do irmãozinho.

Essa Olga - comenta o Prof. Ernesto Bozzano - irmã da mãe da pequena vidente, se envenenou, faz um ano, por amor. O noivo, que se achava ausente, ao saber da morte; se sua amada, se matou, depois de pranteá-la durante três meses. Na noite mesma do suicídio, ele apareceu em sonho à irmã de Olga, isto é, à mãe da pequena vidente, e lhe disse: Olha, agora vou casar-me com Olga. Na manhã seguinte, os jornais davam notícia do lamentável e tresloucado gesto do ex-noivo.

Eis-nos em presença de dois casos típicos de aparições de defuntos junto a um leito de morte, nos quais tantos os videntes como os moribundos eram crianças de menos de cinco (5) anos, casos, portanto, que não só independem dos poderes das faculdades supranormais subconscientes, como, também, não poderiam explicar-se por meio de qualquer outra hipótese naturalista. Deve-se notar que, noutras circunstâncias semelhantes, mas em que os moribundos eram adultos, a hipótese aventada pelos opositores consistia em presumirem que o próprio moribundo, devido a um fenômeno de associação de idéias geradas pelo estado preagônico, tivera uma visão alucinatória de parentes e amigos defuntos e a transmitiria por telepatia às pessoas presentes. No nosso caso, porém, trata-se de moribundo ainda em tenra idade, circunstância que afasta, categoricamente, qualquer forma de auto-sugestão alucinatória nas crianças prestes a morrer, com a respectiva transmissão telepática às crianças videntes. Assim sendo, só resta admitir a presença espiritual, no lugar do fenômeno, dos defuntos que são vistos.

Os homens de ciência sérios, criteriosos, diante da irrefutabilidade dos fatos, concordam e declaram honestamente que, colecionados que fossem fenômenos dessa especial natureza em número suficiente, longo trecho se teria percorrido na senda que conduz à demonstração da sobrevivência da alma após a falência inevitável do corpo físico. A bem dizer, o Professor Charles Richet, fundador da Metapsíquica, volvendo ao assunto noutra circunstância, se tirou de embaraços, declarando que, “apesar de tudo, mesmo esses episódios carecem de poder para me levarem a concluir que as personalidades dos defuntos assistem, sob forma de fantasmas, à morte de seus parentes!!!” A colocação do ilustre fisiologista - permito-me interferir - lembra o episódio picaresco de um certo barão que se retirou do atoleiro puxando-se pelos próprios cabelos... Mas, a refutação do Professor

Ernesto Bozzano merece ser conhecida e sobre ela debruçar-se o estudioso dos fatos espíritas, de modo particular. Ora, é evidente que essa afirmação não constitui uma razão, nem um argumento, nem uma objeção. Em suma: nada significa; apenas traduz a opinião do autor, no período de sua vida em que a formulou, opinião que, entretanto, se foi modificando radicalmente nos últimos anos de sua operosa existência.

A VISÃO DE ESPÍRITOS POUCO DEPOIS DA MORTE

Aos casos eloqüentíssimos das crianças que vêem aparições de defuntos por ocasião da morte de outras crianças, segue-se um grupo de episódios complementares em que crianças, de menos de cinco (5) anos, vêem aparições de defuntos POUCO DEPOIS DA MORTE.

No volume de Camille Flammarion, notável astrônomo francês, contemporâneo de Allan Kardec, “APEES LA MORT”, contam-se vários casos desse gênero. Eis um deles, contado pela Sra. Anne E. Carrère, residente na Argélia:

Meu marido, um dos homens mais inteligentes, justos e bons que já viveram no mundo, prometera-me que, se morresse antes de mim, viria certissimamente dar-me uma prova positiva da sobrevivência, desde que fosse possível. Ele morreu a 10 de outubro de 1898. Nossa família se compunha dele, de mim e de uma filha nossa que ficara viúva ainda jovem, com três filhinhos, que são três homenzinhos, o mais velho dos quais contava então cinco (5) anos, o segundo, três (3) anos e meio e o outro dois (2) anos e meio.

Durante o doloroso período da enfermidade de meu marido, uma família amiga tomara conta das crianças, às quais foi ocultada a morte do avô. O mais moço dos três - Guy - no dia e à hora dos funerais se achava à

mesa com os nossos amigos, quando de súbito se ergueu da cadeira, exclamando: “Aqui está vovô! Junto à janela. Olhem! E dizendo isso, desceu da cadeira para correr ao encontro do avô.

Lembro-me de que tinha dois anos e meio e que, não só ignorava o falecimento de meu marido, como nenhuma idéia fazia da morte.

No dia seguinte, de manhã, estava ele brincando num quarto contíguo ao meu e o ouvi, de repente, a saltar e rir, gritando: Vovô! Meu vovô! Contrariada com isso, saí depressa para fazê-lo calar-se. O menino, porém, continuou a bater alegremente as mãozinhas, rindo e dizendo: Olha como o vovô está bonito, assim vestido de branco! E tem uma roupa luminosa! Ao barulho que ele fazia, acorreram minha cunhada e os domésticos, ficando todos impressionados com as suas exclamações e lhe perguntaram em que lugar via o avô. O menino pareceu espantado de que todos não o vissemos e exclamou surpreso: *Está ali! Não o vêem?* Seus olhos fitavam um ponto do espaço, onde poderia achar-se o vulto de um homem; em seguida, todos notaram que o seu olhar acompanhava alguma coisa que se elevava no espaço e logo o ouvimos exclamar: *“Ah! o vovô foi embora!”*

Garantiu a Sra. Anne E. Carrere ao Mestre, pela sua honra, a exatidão escrupulosa dos fatos expostos. Os seus três netinhos eram ainda muito crianças para guardarem lembrança do relato; mas, sua filha, a dama de companhia e ela jamais esqueceram isso.

Neste episódio - comenta o Prof. Bozzano - a única hipótese que se poderá opor à interpretação espírita dos fatos continua sendo a de uma presumível transmissão telepática do pensamento, feita pelos familiares da criança percipiente. Mas, do episódio ressaltam particularidades que com essa hipótese não se logra explicar.

Com efeito, o menino Guy por menor viu o fantasma do avô com uma veste luminosa, pormenor em que os familiares não podiam ter pensado e que, portanto - na hipótese de uma transmissão telepática do pensamento - o menino não deveria perceber. Por outro lado, uma criança de dois anos o meio, que tudo ignorava sobre a morte e., sobretudo, que os fantasmas dos defuntos se manifestam, muitas vezes, envoltos em brancas vestes, resplandecentes, não podia, de certo, sugestionar-se nesse sentido.

Assim, essa particularidade, correspondendo a uma forma de manifestação verídica nos fantasmas dos defuntos, importa na eliminação também das coincidências fortuitas, enquanto que se mostra altamente sugestivo no sentido da interpretação espírita do caso. E essa interpretação é ulteriormente sugerida pela consideração de que, não lhe sendo aplicáveis as três únicas hipóteses naturalistas com que se poderia pretender explicá-lo: a auto-sugestão, a telepatia entre vivos e as coincidências fortuitas, necessariamente se tem de recorrer à única interpretação capaz de lhe dar explicação: a de uma transmissão telepático-espírita entre o avô defunto e o netinho percipiente. A este propósito não se deve esquecer que o defunto prometerá formalmente manifestar-se à sua viúva, para lhe fornecer, dessa maneira, uma prova positiva da sobrevivência, pelo que se deverá reconhecer que ele cumpriu a promessa, manifestando-se ao neto vidente, antes que àquela, que não possuía faculdades de sensitiva.

O caso que a seguir será relatado pode, perfeitamente, enquadrar-se na categoria das aparições pouco depois da morte. Foi pinçado do Volume X, página 139, do JOURNAL OF THE SOCIETY FOR PSICHICAL RESEARCH, de Londres (Inglaterra). A autora do relato é a Sra. Katharina M.C.Meredith.

“Quando minha filha tinha cerca de dois anos, morreu-lhe o pai, que a amava com ternura. Dois meses depois, a menina, sentada na cama, no quarto que fora do pai, se entretinha com alguns brinquedos. Eu e a ama estávamos ocupadas em lhe arrumar os vestidos em um baú. De repente, a pequena se pôs a conversar e a rir com alguém que não víamos. Perguntei-lhe o que fazia e com quem conversava. Ela, mirando-me em curiosa atitude de inocente espanto, respondeu; “Falo com o papai”. Perguntei então: “Onde está o papai?” Replicou ela, com ar de maior surpresa ante a minha pergunta: “Está aqui” Ponderei: “Não querida, o papai não está aqui” Ela insistiu que estava e com o dedinho apontou para a cabeceira da cama. Logo, porém, acrescentou: “Agora o papai foi embora” Em seguida deu uma risada exclamando: “Que roupa esquisita tinha o papai: era toda branca” Dito isso, continuou a divertir-se com os seus brinquedos, como se nada houvera ocorrido. Ela ignorava a morte do pai, porquanto nos tristes dias da crise fatal, fora afastada de casa. Quando voltou, nós lhe dissemos que “o papai subira para o céu”, o que nada significava para uma criança de dois anos...”

No episódio exposto, repete-se a particularidade interessante de uma criancinha ver o pai defunto todo vestido de branco, particularidade que tão curioso parece à pequenina vidente, que a faz rir gostosamente. Ora, esta particularidade, quando se verifica com percipientes de tenra idade, basta, por si só, para eliminar as hipóteses imaginadas, para explicar os fatos de maneira naturalista. Excluída a auto sugestão (porque numa criancinha de

dois anos semelhante hipótese está fora de questão); excluída a possibilidade de uma transmissão telepática (porque a mãe não podia imaginar que o marido defunto estivesse vestido de branco); excluída a hipótese das “coincidências fortuitas” (porque a particularidade em apreço corresponde a alguma coisa de verídico nas manifestações dos defuntos), segue-se que o caso de que se trata se apresenta exclusivamente elucidável pela hipótese espírita, sobretudo se ele for considerado cumulativamente com todos se sua classe.

CASOS INTRIGANTES DE APARIÇÕES

Na obra “Does Man Survive Death?” de autoria de Eileen Garret, que mereceu, por sinal, substancial análise do beletrista Hermínio de Miranda, em artigo publicado na Revista “Reformador”, órgão da Federação Espírita Brasileira - FEB, junho de 1960, são relatados, na parte final, vários casos que evidenciam a sobrevivência da alma após a falência do corpo físico. Os relatos de tais casos, acentua Hermínio de Miranda em suas considerações, como é natural e usual, são cercados de precauções, embora representem “verdades irremovíveis”.

A propósito das precauções dos comentaristas - prossegue o autor de “Cristianismo: A Mensagem Esquecida” - julgo oportuno transcrever as palavras de Frederick W.H. Myers, ao analisar o 1º caso, em seu livro “A Personalidade Humana e sua Sobrevivência à Morte Corporal”. Diz Myers que a aparição referida pode ser considerada como “manifestação de uma persistente memória pessoal, ou como uma indicação de que alguma espécie de força está sendo aplicada após a morte, a qual, de alguma forma, está ligada a uma pessoa previamente conhecida na Terra”.

“Vejam só os rodeios” - assinala H.de Miranda-” que faz o autor para dizer uma coisa tão simples como esta: que o Espírito apresentou provas de

identidade.”

O caso em si é muito conhecido e é reiteradamente citado por vários autores.

O autor da narrativa, um caixeiro-viajante, nove anos depois da morte de sua irmã - a quem muito estimava tem a oportunidade de (re)vê-la tão real que notou cada detalhe de seu rosto, suas roupas, a cor da pele, o brilho dos olhos etc. Pouco depois, relatando o fato em casa a seus pais, e com a intenção de convencer o pai incrédulo, mencionou que notara até mesmo um arranhão do lado direito, no rosto da aparição. Nesse momento, sua mãe levantou-se muito pálida e quase desmaiou. De fato, havia um ferimento no rosto da moça, tal como descrevia seu filho, mas somente ela, a mãe sabia disso, porque não houvera contado a ninguém o que se passara antes do féretro. Ao preparar o corpo da filha para o sepultamento, involuntariamente a arranhara na face, o que a deixara angustiada. Por meio de cremes e de pó de arroz, ela conseguira encobrir a marca no rosto da filha, sem que ninguém o percebesse.

Os contumazes contestadores diriam, provavelmente, que este caso seria a expressão pura e simples de um processo telepático, estabelecido entre a mãe o filho. A verdade é que, sob a sua aparência de simplicidade esconde-se um enigma, que me permito chamar a atenção do leitor. Como o arranhão apareceu no rosto do fantasma, levando-se em consideração que ele já havia deixado o corpo físico? Será que há uma resposta, no livro de Myers, que satisfaça esta intrigante indagação? Ou o fato não foi considerado importante, neste aspecto, e, por isso, fora objeto de especulações? Sabe-se que o que acontece com o perispírito repercute no corpo físico e vice-versa. Destarte, será que o Espírito, no momento em que o seu envoltório de carne estava sendo preparado, dele ainda não se havia

desprendido de todo? Haveria, no particular, qualquer sutil ligação entre ambos? Ou, ainda, o arranhão apresentado pela aparição teria sido deliberadamente forjado por ela, a fim de autenticar o fato, quando o irmão o mencionasse aos familiares? São os fenômenos da OUTRA DIMENSÃO.

O caso a seguir é o quarto do livro da Sra. Garret:

Trata-se de um fazendeiro - James L. Chaffin, residente em Davi County North Carolina, nos Estados Unidos. Este homem, em 1905, redigiu um documento devidamente testemunhado, segundo o qual deixava todos os seus bens para o terceiro filho, de nome Marshall. Os outros filhos e a esposa ficavam deserdados.

Em 1919, arrependido do primeiro testamento, redigiu, do próprio punho, novo documento, no qual declarava que seus bens deveriam ser repartidos pelos quatro filhos. Recomendava, ainda, que eles tomassem conta da mãe, se fosse viva. Sobre este segundo testamento - lavrado sem testemunhas - não falou a ninguém. Colocou-o entre as páginas correspondentes ao 27^a Capítulo do Gênesis, de uma velha Bíblia que pertencera ao seu pai. Em outro pedaço de papel escreveu: “Leia o 27” Capítulo do

Gênesis, na velha Bíblia do meu pai” Este segundo papel foi costurado cuidadosamente na parte de dentro de um velho sobretudo.

Ao que se apurou mais tarde, ninguém tomou conhecimento de tais providências.

Ao morrer o velho, como apenas o primeiro testamento era conhecido, suas propriedades passaram legitimamente para as mãos do terceiro filho, Marshall. No entanto, decorrido algum tempo, o segundo filho, James,

começou a ter sonhos muito freqüentes e muito vividos com seu falecido pai, até que, num dos sonhos, o velho lhe indicou o sobretudo que vestia e lhe disse: “Você encontrará meu testamento no bolso do meu sobretudo”. E desapareceu.,

O jovem James levantou-se de manhã e descobriu que o sobretudo havia sido dado a John, o irmão mais velho, que vivia em outra localidade. Para lá foi James que, afinal, numa costura interna do bolso descobriu o papel que mandava ler o 27^a Capítulo do Gênesis, na Bíblia velha do seu avô. A muito custo descobriram a Bíblia, da qual ninguém sabia, e, entre as páginas correspondentes ao mencionado Capítulo, encontraram o testamento que, de acordo com as leis locais, foi dado como válido pela Justiça, de vez que a letra do velho Chaffin foi reconhecida como autêntica, até mesmo pelos membros da família que contestavam judicialmente o documento.

Num caso assim, em que a hipótese de fraude fica afastada com segurança - de vez que os próprios prejudicados pelo papel reconheceram sua autenticidade - e a da telepatia entre os vivos também invalidada, porque ninguém sabia da existência do documento, os contestadores poderiam ainda oferecer uma objeção: clarividência. O filho James teria descoberto o documento por intermédio de sua capacidade de percepção extra-sensorial clarividente. Admitamos, para raciocinar, essa possibilidade. Como é, então, que seus poderes não lhe revelaram logo a existência e localização da velha Bíblia que foi encontrada já meio desintegrada, num abandonado sótão? Se fosse simples clarividência comprovada - James teria a revelação do local onde se encontrava o testamento e não a indicação de um documento intermediário que continha a chave do mistério. Além disso, seu mecanismo do clarividência seria tão prodigioso a ponto de criar a imagem do pai falecido que lhe ordenava

a procura de um papel do qual ele, filho, sequer sabia da existência? É insustentável a hipótese. Seria lógico admitir-se a hipótese mais simples e racional da sobrevivência da alma.

“Acontrovérsia” - finaliza Hermínio de Miranda - “em torno da sobrevivência deverá prosseguir, a despeito da impressionante massa de informações colhidas pelos mais variados pesquisadores. A tormenta pode surgir lá fora, agitada pela fatuidade de muitos cientistas, pelo ceticismo de outros, pelo entranhado materialismo de alguns; do lado de cá, no entanto, nas hostes espíritas, estamos tranqüilos, porque convencidos da realidade do Espírito.”

Segundo Paulo de Tarso, examinamos tudo que nos é oferecido e aceitamos o que nos parece solidamente acorde com a Verdade. Temos a coragem de exhibir nossa humildade e de reconhecer que a verdade é maior que todos nós; curvamo-nos à sua realidade insofismável e deixamos de lado a tola, insubsistente e frágil argumentação da ciência materialista. Há muita gente que só aceita conclusões que não revolucionam os conceitos preestabelecidos. Tudo que daí escapa, esbarra na vaidade ou na intransigente e inflexível caturrice filosófica. A luz, porém, chegará para todos, no devido tempo, pois que Deus é bom, sábio, justo e de infinita paciência.

OS FENÔMENOS DAS CASAS ASSOMBRADAS

Há pouco mais de cem anos do último Natal (a contar da pesquisa realizada pelo escritor inglês James Wentworth), Joseph Hannath, calçado de botas com esporas, o calção fulvo salpicado de lama e o casaco curto mosqueado pelos flocos de neve, chegava a cavalo a sua casa vindo do mercado. Seus trabalhadores do campo, leiteiras, criadas - todos, desde o pastor e o tratador de gado - estavam postados numa longa fila do lado de

fora da velha mansão de tijolos vermelhos que tinha sido construída no reinado da primeira Elizabeth, numa península coberta de juncos, no meio das lagunas e lodaçais dos pântanos não dragados. Era chamada Sparrows Hall. O ambiente poderia perfeitamente ser aproveitado para um filme de terror, bem ao gosto hollywoodiano...

Joseph Hannath entrou na sala de jantar, sentou-se a uma mesa de madeira nua, defronte da janela em arco, e gritou o nome de seu tratador de gado. Sobre a mesa amontoavam-se pilhas de moedas de ouro. Montanhas de prata, florins e seis pences. À medida que os homens e mulheres iam avançando devagar, passavam os chapéus pela janela. O fazendeiro de faces vermelhas e grisalhos bigodes atirava um punhado de ouro e prata dentro de cada chapéu ou boné amassado. Era o seu pagamento anual.

Joseph Hannath sempre pagava em ouro.

Em algum lugar, nos secretos recessos dos quartos e corredores apainelados de Sparrows Hall, ele guardava um tesouro em moedas de ouro - sacos de lona cheios até às bordas. Guardava também outras coisas eslianhas sob o teto dessa casa solitária nos desolados pantanais. No quarto de dormir, por cima da cozinha, o corpo de sua mulher estava emparedado ao lado da chaminé. Tinha estado ali por dez anos.

Quando ela morreu, Joseph Hannath recusou-se a acreditar que estivesse morta. Cada dia - durante seis semanas após a morte - o café da manhã, o almoço, o chá e a ceia eram levados ao frio e branco cadáver por uma copeira que tremia da cabeça aos pés. Ao fim de seis semanas, Hannath ergueu do leito o frágil corpo velho. Arrastou-o ternamente, em sua camisola branca e sua touca de laço, para um espaço estreito entre a parede exterior e a grande saliência da chaminé. Em seguida, carregou tijolos e argamassa escada a cima pelos estalejantes degraus de carvalho, e

emparedou o cadáver no quarto onde juntos dormiram nos últimos quarenta anos. Depois disso, Hannath teve somente um amor: sua égua castanha: Bess. Ao morrer, o animal foi enterrado no jardim onde ele podia ver o túmulo olhando da janela do quarto.

Há cem anos Hannath morreu. Tinha vendido mais da metade de seus 400 hectares por 30.000 libras tudo em ouro. Nem um penny foi para algum banco. Quando morreu não deixou uma única moeda à vista. Todos indagavam, curiosos, e os parentes aflitos: “onde estava o tesouro de Joseph Hannath?” Vasculharam a mansão de alto a baixo, cuidadosamente, nada acharam.

Em 1895, Sparrows Hall foi vendida ao Sr. Hugh Williams, que a ela se referiu em conversa com James Wentworth: “Os cães não querem permanecer na casa. Metem a cauda entre as pernas, uivam lamentosamente e fogem. Minha mulher recusa-se a morar ali. Assim tive de construir uma casa para ela a certa distância. A casa tornou-se mal-assombrada.

“Há um ano” - disse o Sr. Hugh - “aluguei a casa ao candidato trabalhista local ao Parlamento. Disse-lhe que ela era mal-assombrada - que o povo ouvia o som de um corpo sendo arrastado pelo soalho. Passadas à noite, ao longo do corredor e subindo as escadas. Portas do quarto de dormir abrindo-se violentamente. Ele riu. Disse que eram os velhos proprietários revirando-se em seus túmulos!

“Contei-lhe que minha mãe dormira no quarto em que tinha dormido Oliver Cromwell (estadista inglês, 1599-1658). A porta escancarava-se com um estalo, permanecia aberta e, depois, fechava-se por si mesma. O candidato trabalhista em breve saiu. Sua sogra permaneceu uma noite. Então, algo caiu com força e arrastou-se pelo corredor do lado de fora do quarto. Alguma coisa despedaçou violentamente a porta do quarto como se

estivesse munido de um grande machado. Ela gritava em meio aos terríveis golpes desferidos contra a pesada porta de carvalho. No dia seguinte, ela foi embora apavorada, prometendo jamais voltar àquela casa infernal.

Fato parecido aconteceu com a esposa do referido político. Durante a única noite que passou no interior da mansão, não pôde dormir porque os fantasmas não deixaram. Provocaram uma série de assombrações que meteriam medo aos mais corajosos. Desde pancadas nas paredes a gargalhadas estridentes que soavam, aterradoras, no silêncio da madrugada.

A fama de Sparrows Hall espalhou-se, chamando a atenção do pessoal da Sociedade para Pesquisas Psíquicas - SPR, de Londres. Um grupo de pesquisadores passou doze noites no quarto que fora do casal Hannath. Ouviram gemidos, passadas fortes no corredor de madeira, pancadas violentas, como se quisessem derrubar o prédio, arrastamentos, gritos, vozes etc. Vários Espíritos foram contatados, incluindo antigos moradores que ali faleceram muito antes de Joseph Hannath ter adquirido a propriedade. Apareceu um Espírito de criança, um menino de uns seis anos, que olhava a todos, do alto da escada com um olhar de grande curiosidade. Dir-se-ia que os pesquisadores eram, na verdade, as assombrações, que ali estavam para perturbar o sossego dos habitantes da velha mansão.

Também fora visto o fantasma de uma mulher de branco, que apareceu numa fotografia, batida em pleno dia, da fachada da mansão. Ela fora flagrada numa janela, olhando para o parque. Podiam-se ver, perfeitamente, sua roupa e sua fisionomia.

Unem quiser procurar o ouro desaparecido de Joseph Hannath, e ficar muito rico, prepare as malas e boa viagem. Em Londres pode-se facilmente encontrar alguém que conheça a história de Sparrows Hall e a sua localização...

“O que sabemos é pouco, o que ignoramos é muito”

Laplace

Camille Flammarion escreveu uma série de magníficas obras sobre as manifestações psíquicas e espirituais. Entre essas obras, cumpre destacar, preliminarmente, a que se refere aos fenômenos de assombramentos, a que o ilustre astrônomo francês rotulou de “LES MAISON HANTÉES” - AS CASAS ENCANTADAS. Ao ser traduzido para o português, atribuiu-se ao livro em referência o título - “AS CASAS MALASSOMBRADAS”.

E muito comum levantar-se a hipótese de trapaça quando acontecem certas e estranhas ocorrências em um local habitado. Entretanto, não se pode, em absoluto, generalizar, a não ser que idéias preconcebidas estejam em jogo.

O fato é que existem realmente casas em que Espíritos encontram condições para anunciar as suas presenças entre os encarnados, cuja esmagadora maioria rejeita a sobrevivência da alma após a falência inexorável do corpo físico.

Os casos são inúmeros, muitos devidamente comprovados pela observação criteriosa de idôneos pesquisadores.

“Já se foi o tempo”- afirma Camille Flammarion no livro antecipado - “de considerar imaginários os fenômenos de assombramentos”. Em seguida o autor relata o seguinte caso, publicado, à época (1864), no “Journal de la Vienne”, de Poitiers, cidade entre o Loire e a Gironda, a 329 km de Paris.

Tratavam-se de estranhos rumores de uma casa da rua Nova de S. Paulo, em Poitiers, ocupada pela Srta. de Ourches. Eram estampidos de artilharia, pancadas violentas nas portas e janelas etc. Julgaram que tudo

não passava de brincadeira de crianças vadias ou de vizinhos maldosos, pelo que organizaram cuidadosa vigilância. Os rumores, porém, não cessaram. A cidade ficara profundamente intrigada com o mistério. A polícia procedeu a investigações severas sem resultado. Enquanto isso as teses a respeito avultavam. Certa noite, uma multidão de curiosos se concentrou defronte da casa, havendo necessidade de se chamar a polícia. Os exorcismos foram infrutiferamente tentados. Os golpes, até, aumentaram de intensidade, ouvindo-se o espoucar de bombas e estampidos.

Quando se esgotaram, sem êxito, todas as hipóteses sobre a gênese dessas especiosas manifestações, atribuíram-se à trapaça, ao embuste...

Poucos admitiam que tudo se devia à ação de Espíritos, tendo como médium a própria Srta. Ourches. Deve-se observar que a S. Paulo, em Poitiers, já era conhecida dos investigadores da fenomenologia espiritual. Ali aconteceram distúrbios em uma de suas casas, suscitando medo e pânico aos habitantes. O fato é narrado por Guilherme de Auvergne, bispo de Paris, na obra “A MÍSTICA”, editada em Paris em 1420, bem como no livro “Flagellum Maleficarum”, do Professor de Teologia Pedro Mamoris. Tratavam os Espíritos perturbados com água benta, rezas e rituais exorcistas. Os invisíveis, vistos como demônios, não deram a menor importância aos expedientes ingênuos dos religiosos, permanecendo no local até quando lhes possibilitaram a presença de uma jovem médium.

Entretanto, a revista italiana “Luce e Ombra”, publicou, nos Idos de 1905, um artigo de V. Cavalli, intitulado - **“PROCESSO RADICAL PARA APANHAR OS ESPÍRITOS DAS CASAS Mal-ASSOMBRADAS”**

Afirma o articulista:

“Será um recurso dificilmente aceitável; mas, parece-nos que é o único meio eficaz, em casos extremos, quando, por exemplo, aparece uma casa fantasmógena, isto é, quando nela se encontram as condições psíquicas necessárias e ainda ignoradas, dessa física transcendental, com manifestações turbulentas de entidades ocultas.

Esse meio é **ARRASAR TOTALMENTE A CASA!...**”

Será que essa medida radical (e tresloucada) resolveria o problema? Na verdade, a causa real dos fenômenos não é exatamente a casa, mas quem está na casa ou em suas proximidades. Aí se encontra a fonte de que se nutrem, fluidicamente, os Espíritos para executarem os seus intentos.

Em “L’Exteriorisation de la Motricité”, o Coronel Albert de Rochas narra intrigante história de “A CASA DA CONSTANTINIA”.

Era uma propriedade muito importante, onde aconteceram fatos notáveis de assombração à noite e em plena luz do dia. Certa ocasião “o pavor foi tanto” - narra de Rochas - “que levou os seus moradores a pernoitarem em casa dos vizinhos”. O certo é que, devido à violência das manifestações, incluindo pequenos incêndios, manchas de sangue nas paredes, cogitou-se em fechar a propriedade. Entretanto, um fato importante sucedeu - a empregada da família, a jovem Maria Pascarel, abandona o emprego. Daí em diante, nada mais aconteceu de extraordinário na “Constantinia”.

Após o afastamento da empregada os fenômenos cessaram, inteiramente, conforme já relatamos. Iniciaram-se, então, as especulações sobre as possibilidades de fraude. As mais descontraídas e improváveis hipóteses foram, a respeito, levantadas pelos eternos negadores da mediunidade e dos fenômenos espirituais. Lembrou-se, até, do

desdobramento inconsciente da personalidade da criada, em estado de vigília (acordada). Acontece, todavia, que a ação dos Espíritos se exercia durante o dia, na frente de testemunhas com a presença de Maria Pascarel.

O Coronel Albert de Rochas transcreve o Relatório do Magistrado Maxwell, de que pinçamos este trecho: “A hipótese de fraude é inadmissível e que, se o testemunho humano tem algum valor, importa considerar, como verdadeiros, os fenômenos desdobrados em “Constantinia”.

A CLASSIFICAÇÃO DE CESARE LOMBROSO

Cesare Lombroso, titular da Escola Positivista italiana, admitia a existência de várias espécies de CASAS ASSOMBRADAS. Deve-se observar, contudo, que o ilustre psiquiatra achava que poderia haver CASAS ASSOMBRADAS sem interferência do médium (!). Eis, a título de informação histórica, a classificação de Cesare Lombroso, “falha nos seus princípios”, conforme o pesquisador e dicionarista João Teixeira de Paula:

- CASAS ASSOMBRADAS MEDIANÍMICAS - onde se realizam fenômenos com a presença do médium.

- CASAS ASSOMBRADAS PSEUDO-MEDIANÍMICAS - onde se realizam fenômenos provocados por Espíritos que nelas viveram e nelas tragicamente pereceram.

-CASAS ASSOMBRADAS PROFÉTICAS - onde o aparecimento de Espíritos é prenuncio de morte certa de um ou mais moradores.

AS ASSOMBRAÇÕES DE VERSAILLES

Em 1911, saía alume, em Londres, o livro “AN ADVENTURE”, de

autoria de Annie E. Morbely e Eleanor F. Jourdain. A referida obra trata dos fantasmas vistos pelas autoras no parque do Petit Trianon, em Versailles⁴, no dia 10 de agosto de 1901.

A Sra. Eleanor Mildread Sidgwich, Diretora da Faculdade de Newntram, em Cambridge, e ex-presidente da “Society for Psychological Research” - SPR, de Londres, pôs em dúvida o relato das protagonistas do inusitado episódio, em uma Resenha, cujos principais trechos submetemos à apreciação do leitor:

No verão de 1890, Eleanor Jourdain esteve em Paris pela primeira vez e, no ano seguinte, convidou sua amiga Annie Morbely a ir visitá-la naquela cidade, certo dia resolveram ir a Versailles. O conhecimento que possuíam do Petit Trianon era superficial; decorria da leitura de uma revista onde dizia que o lugar era uma casa de campo onde a rainha Antonieta costumava divertir-se.

De início, Eleanor Jourdain Morbely visitaram o palácio de Versailles, e depois resolveram ir aos dois Trianons (o primeiro, o Grande Trianon foi construído pelo Rei Luís XIV em 1687; e o pequeno Trianon, edificou-o, Luís XV). No trajeto entre o Palácio de Versailles e o pequeno Trianon, ambas se sentem perdidas, como se algo estivesse errado. Ao penetrarem no jardim, viram dois homens vestidos à moda do século XVIII, “de uniforme oficial de cor esverdeada”. Tomaram os homens como jardineiros. Elas pediram a esses homens que lhes informassem o caminho e foram orientadas a seguirem em frente. Deparam com um quiosque: “um quiosque delicado de jardim, circular e semelhante a um pequeno coreto”.

⁴ Versailles fica a 11 km de Paris. A partir de 1662 passou de aldeia a cidade real; nesse ano, Luís XIV deu início à construção do atual palácio, era torno do qual se organizou unia cidade de 50.000 habitantes. Em 1780, quando da Revolução Francesa, Versailles perdeu o seu prestígio, constituindo-se em grande polo turístico.

Pesquisas posteriores revelaram que essa pequena construção em nada se assemelha com o atual quiosque. Aí perto, as sensitivas viram um homem de capa e chapéu de abas moles, cuja aparência lhes desagradou. Mais tarde Eleanor e Annie acharam que esse homem poderia ter sido o Conde de Vaudreuil, famoso na corte de Maria Antonieta..” Seguimos então por uma trilha estreita até que, quase de imediato, deparamos com a fachada do Pequeno Trianon que dá para o jardim inglês”. Perto do prédio, Annie viu uma dama, que passou despercebida a Eleanor, usando um fichu verde-claro e sentada num banco sobre a relva. Na ocasião, tomou-a por uma turista. Admitiu, porém, depois, que tivera uma visão de Maria Antonieta que, segundo as pesquisas, possuía, em 1789, corpetes verdes e fichus brancos. Ademais, falava-se que a infeliz rainha de França era vista, em determinado dia de agosto, sentada no jardim frontal ao Pequeno Trianon.

Elas desejaram entrar no Pequeno Trianon, e explicavam o objetivo a um jovem que se aproxima delas. Ele ensina como chegar ao edifício. O rapaz pareceu-lhe “divertido e intrigado”. Essa pessoa saía por uma porta da capela que dava para o jardim. À época do acontecimento (1901) esta porta não existia. Em seu lugar construiu-se uma sacada ou balcão...

O pesquisador inglês Andrew Mackenzie, em seu livro “HAUNTINGS AND APPARITIONS”, transcreve o teor da Resenha da Dra. Eleanor M. Sidgwich, seguido de comentário.

Preliminarmente, esclarece que a Resenha “não transmite satisfatoriamente o sabor da narrativa”. E o pesquisador relata o que a Dra. Sidgwich omitiu em sua “Resenha”: “Por exemplo, ao descrever o instante em que viu o quiosque circular junto ao qual sentava-se um homem, Annie Morbely disse: “De repente tudo pareceu não-natural e, portanto, desagradável; até as árvores por trás da construção pareciam ter-se tornado

planas e sem vida, como um bosque tecido numa tapeçaria. Não havia (“leitos do luz a sombra e nem a mais leve brisa agitava as árvores. Tudo estava intensamente parado”. E mais adiante: “Começava a sentir como se estivéssemos andando num sonho, tão pouco naturais eram a quietude e a opressão”. “Depois de afastar-se dos dois homens de verde” - conclui o autor - “recordou Eleanor Jourdain: comecei a sentir como se estivesse andando enquanto dormia; era uma opressiva e pesada sensação de sonho”.

Em 2 de janeiro de 1902, Eleanor Jourdain visitou, pela segunda vez, o pequeno Trianon. Não voltou a percorrer a antiga rota, mas seguiu por uma trilha que levava ao “Hameau”, uma pequena vila onde a rainha Maria Antonieta, com as damas de sua corte, brincava de pastora. Mas ao atravessar uma ponte para ir ao “Hameau”; a velha sensação retornou com força total - “Foi como se eu tivesse cruzado uma fronteira e me achasse, subitamente, num círculo de influência. A esquerda, vi um trecho do terreno semelhante a um parque, com árvores desfolhadas e muito escassas. Reparei numa carroça que dois trabalhadores enchiam de gravetos e pensei em dirigir-me a eles para que me indicassem o caminho, caso viesse a me perder. Os homens usavam túnicas e pelerines com capuzes pontiagudos, de cores vivas uma espécie de vermelho-terra-cota e azul-escuro; um dos homens estava de vermelho e o outro de azul; as cores não se mesclavam. Virei-me então por um instante para olhar o “Hameau” e quando olhei novamente, os homens e a carroça haviam desaparecido por completo”.

Annie Morbely e Eleanor Jourdain ainda retornaram ao Pequeno Trianon, nos dias 4 e 9 de julho de 1904. Tudo era completamente diferente do que elas viram, ao cruzarem a “FRONTEIRA DO TEMPO”, fenômeno que permanece insondável e profundamente rejeitado pelas mais destacadas figuras da pesquisa psíquica no primeiro mundo. Mas essa seria, a nosso ver, a saída plausível do labirinto de dúvidas que o caso do Pequeno

Trianon criou. Do contrário, não de nele se perder todas e quaisquer tentativas de explicação meramente baseadas em suposições, assim como procedeu a ilustre Dra. Eleanor Sidgwich, que chegou a admitir, em sua “Resenha”, à SPR, que ambas as sensitivas foram vítimas de peças pregadas pela memória, depois de lhes ter ocorrido a idéia de assombração (!)

NOSSA EXPERIÊNCIA EM VERSAILLES

No mês de setembro de 1988, chegávamos, com a família (minha esposa Lúcia e o meu filho Marcelo), a Paris, oriundos de uma excursão por alguns países da Europa. Visitamos os lugares mais importantes da “Cidade Luz”, sentido intimamente, uma perfeita identificação eletiva com seus principais logradouros. Arriscamo-nos afirmar que parecia uma volta ao passado... Mas, chegou a vez de visitarmos Versailles, onde, à certa altura da História, desenrolaram-se mais destacados fatos que deram novos rumos à humanidade ocidental. Conhecíamos, com certa profundidade esses fatos, porque leitor da saga de cultura francesa, desde os seus primórdios às fascinantes e romanescas concepções históricas que fizeram as delícias de nossa adolescência. A biblioteca de nosso velho pai era vasta, e vasta era a nossa ânsia de ler livro após livro, especialmente de Literatura e Filosofia, História e Sociologia. Os intelectuais franceses capitalizavam a nossa atenção, embora admirássemos o talento e a versatilidade dos autores ingleses, alemães e russos. Mas, os franceses iam à frente de toda essa plêiade de refinados cultores das letras e das artes. Não que toda essa plêiade de refinados cultores das letras e das artes. Não que estes estivessem, intelectualmente e talentosamente, acima de ingleses e alemães; em absoluto. É apenas uma questão de sensibilidade espiritual de percepção, de atavismos culturais, somente explicados pela palingenesia. O certo é que, percorrendo os aposentos luxuosos do Palácio dos Luíses,

assaltou-nos forte emoção, profunda angústia, obrigando-nos a parar. Sentimos a presença de seus antigos habitantes e contumazes frequentadores. Ali estavam eles, perscrutando-os, embora a visita pública ao Palácio tornara-se, ao longo de tantos anos, uma tradição no roteiro turístico da França. De repente, passando por uma espécie de antecâmara, “vimos” uma personagem (ainda jovem), vestida à moda de Luís XV, conforme verificação, da indumentária, em posterior pesquisa. Julgamos a princípio tratar-se de algum funcionário encarregado da preservação do Palácio vestido a caráter para, talvez, imprimir ao ambiente um cunho de aparente autenticidade. Mas não era um simples imortal reencarnado, era, sim, um simples imortal desencarnado” a aparição demorou visível uns poucos minutos, o bastante para sentirmos que não se tratava, por outro lado, de uma ilusão ou de uma alucinação. Mais adiante, em outro aposento ricamente decorado (parecia uma sala de jogos) a mesma personagem reapareceu. E o mais interessante é que ela somente se mostrava à nossa visão. Dir-se-ia, meditamos após o incidente, que ela pretendia comunicar-se conosco, tamanha a ansiedade que transparecia em sua fisionomia extremamente pálida como se fosse modelada em cera. Relatamos ao nosso filho Marcelo e à esposa Lúcia o acontecimento, em meio a uma avalanche de arrepios. Saímos do imenso edifício em direção ao Petit e Grand Trianons. Íamos pensativo. Intrigara-nos, vivamente, a aparição. Quem teria sido?

A roupa que vestia não parecia uma libré (uniforme usado pelos criados das casas nobres). Era um traje muito bem posto, de seda e veludo. Não nos pareceu alguma personalidade da História da França. Poderia ter sido algum cortesão ou um secretário da Corte. A verdade é que jamais saberemos quem teria sido aquele Espírito, quando viveu naquele palco de tantas ilusões, onde se degladiaram as paixões dos que aspiram o poder, a

fama, o luxo, o prestígio; e a subserviência dos bajuladores, (“ternas mariposas que giram em torno de luzes efêmeras...

YVONNE A. PEREIRA

A CASA ASSOMBRADA DE PETROPÓLIS/RJ. Caso relatado por Yvonne Pereira no livro “RECORDAÇÕES DA MEDIUNIDADE” (FEB), obra mediúnica orientada pelo Espírito Adolfo Bezerra de Menezes.

No mês de junho de 1935 a médium Yvonne Pereira desembarcava na estação da antiga Estrada de ferro Leopoldina Railway, na cidade fluminense de Petrópolis. Daí seguiu para a residência onde ficaria hospedada. A casa ficava perto do convento da ordem das Carmelitas e de um Seminário da Ordem de São Vicente de Paulo. Fora construída por um operário alemão que, por motivos financeiros, se suicidara nas águas-furladas (sotão), que valiam por outra residência, conforme o uso europeu.

“Apesar do estilo atraente” - relata Yvonne Pereira -, “considerarei a casa verdadeiramente lúgubre ao nela penetrar, solitária como era num terreno isolado e rodeado de sombras, pois situava-se na encosta de uma montanha, e, ao transpor os seus umbrais, uma sensação forte de angústia e aflição me constringiu de tal modo o coração que eu regressaria imediatamente ao meu antigo domicílio, se as circunstâncias que eu então vivia me houvessem permitido”.

Na primeira noite ali passada, a médium não conseguira conciliar o sono para repousar, por causa de continuados gemidos, estertores indefinidos, murmúrios confusos, ininteligíveis, além de violentas pancadas no soalho.

“O ruído provindo do mundo invisível” - esclarece Yvonne Pereira - “é muito mais impressionante do que a visão, e senti-me chocada Ainda

hoje prefiro ver os Espíritos, qualquer que seja a sua categoria moral, a ouvir os ruídos que eles produzem, pois quaisquer ruídos ou sons provindos do Além são assaz diferentes dos conhecidos na Terra, são como que difusos pelo ar, cavos, surdos, ocos”.

No dia seguinte, a médium acordou abatida e presa de insólita angústia, comunicando o que aconteceu durante a noite, o pessoal da casa achou que tudo não passara de uma mera impressão. Nos dias seguintes, Yvonne Pereira continuava a ouvir os mesmos rumores, até durante o dia, concluindo que eles vinham do sótão, exatamente sobre o quarto que ela ocupava. Receosa de desagradar os donos da casa, a médium não mais se queixou, passando a sentir dores de cabeça constantes, que a impedia de dormir durante noites seguidas.

-“A pressão arterial baixara consideravelmente; entrei a perder fosfatos e albumina com tal violência que ainda hoje não compreendo como resisti, sem adoecer gravemente, pois não usei medicamento de qualquer espécie, senão água magnetizada por mim mesma” Yvonne Pereira elucida que a atuação de um Espírito sofredor sobre um sensitivo poderá levá-lo à perda de fosfatos e albumina, conduzindo-o a grandes depressões nervosas.

Ao visitar o sótão, a médium sentiu-se invadida por influências geladas e contundentes. Começou a chorar sem saber porque chorava. Dois meses depois, porém, desvendou-se o mistério que a intrigava.

Certa madrugada, a médium levantou-se, sem sono, e dirigiu-se a uma espécie de gabinete que ficava em frente ao seu quarto. Sentou à mesa e abriu o “Evangelho Segundo o Espiritismo” no Capítulo: “O CRISTO CONSOLADOR”. De repente distinguiu com precisão, no soalho do sótão, um homem a se esvaír em sangue, debatendo-se nas convulsões de uma agonia dolorosa, murmurando palavras ininteligíveis, agitando as pernas e

os braços de forma a produzir os ruídos secos ouvidos pela médium desde o primeiro dia na casa.

Eis como Yvonne Pereira descreve o Espírito: “Era corpulento, claro e corado, cabelos bastos e louros, e bigodes também louros. Trajava camisa branca, completamente desabotoada e aberta, com mangas compridas e calças “kaki”, apertadas na cintura por um cinto de couro, mas essa camisa encontrava-se empapada em sangue vivo. Ele como que acabara de desfechar um tiro de revólver no próprio coração e o sangue corria, tomando-lhe não só o tórax como também o abdômen, as mãos, os braços e a cabeça, encharcando os cabelos.”

A cena não assusta a médium, embora a tivesse comovido. As lágrimas brotaram em seus olhos. Orou pelo suicida.

Que poderia ela fazer por aquele Espírito? Envolvê-lo em vibrações amorosas. “A mulher médium” - sussuram-lhe os benfeitores espirituais - “é sempre a mãe dos desgraçados”.

No dia seguinte, Yvonne Pereira procurou a confirmação da história e o nome do seu protagonista. O dono da casa confirmou o que ela sabia, informando o nome do suicida - um alemão chamado Wilhelm.

Um ano se passou, e a médium realizou um notável trabalho de evangelização do Espírito Wilhelm, que, finalmente, partiu amparado pelos bons Espíritos.

Eis como o Espírito Charles, mentor de Yvonne Pereira, explicou as razões da sintonia que se estabeleceu, com profundidade, entre o Espírito e a médium:

“Também tu foste suicida, e, como tal, muito fizeste sofrer a outrem,

mesmo àqueles que te procuraram socorrer, como Espírito. O suicídio é atestado de fraqueza e descrença geral, de desânimo generalizado, de covardia moral, terrível complexo que enreda a criatura num emaranhado de situações anormais. Seria necessário pois, para desagravo da tua honra espiritual, que um dia testemunhasse valores em torno do complexo suicídio, e retribuísse a outrem o auxílio que obtiveste com a caridosa assistência daqueles que te socorreram outrora.”

Episódios que tais, permitem-nos recusar a idéia, já consagrada, da existência de casas mal-assombradas ou simplesmente assombradas. Ali, na maioria das vezes, se homizam Espíritos que passaram por traumas profundos, e que precisam de ajuda, de esclarecimento, de orientação. O medo que os encarnados demonstram pelos invisíveis levam-nos a assumir determinadas posturas que raíam ao absurdo, ao irracional. O certo é que o temor que as pessoas demonstram diante das manifestações suaves ou ruidosas dos Espíritos decorre, provavelmente, de certos tabus que as próprias religiões criaram em torno da morte e do além-da-morte. Mas fica difícil mudar esse estado de coisa cristalizado através do tempo. Caberia, então, aos Espíritas lançar luzes sobre a assunto, separando-se o joio do trigo, a benefício dessas desprezadas criaturas espirituais que, em época incerta, mais efetiva, viveram nas sociedades terrenas, comungando dos mesmos anseios e necessidades dos chamados “VIVOS”“. Ao passarem para o “outro lado” da existência são inapelavelmente rejeitados, como se transformados em aterradores monstros. Até mesmo os parentes os renegam, considerando-os o próprio demônio, ou então produto inexplicável de estados alucinatórios. E uma questão que deveria merecer, de parte dos Espíritas, uma maior e substancial atenção, porque daí decorrem um sem-número de sofrimentos, de falsas interpretações e de tendenciosas atitudes. Afinal de contas, quando ultrapassamos os limites

(alienantes) da vida física, preservamos a nossa individualidade, os caracteres morais e intelectuais, os sentimentos, as carências etc. Não nos transformamos em seres estranhos e apavorantes, voltados para o mal; de modo nenhum!

UMA HISTÓRIA NORDESTINA DE ASSOMBRAÇÃO

Existem alguns relatos fidedignos que registram, fragmentariamente, a intervenção dos Espíritos no plano físico, ainda que essas informações estejam encerradas em velhos romances e não em trabalhos de ordem científica. É o caso, por exemplo, do livro “A CASA ASSOMBRADA” do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, editado pela Federação Espírita Brasileira-FEB, cuja 2a. edição de 1948, se encontra à nossa frente. O seu Capítulo IV, trata de uma CASA ASSOMBRADA, encrustada em pleno sertão de 18..., a poucas léguas da Vila do Caicó, no Estado do rio Grande do Norte. Era um vasto edifício, de pau-a-píque, rebocado simplesmente de barro, como se usa nos sertões do Norte, onde não se caíam as casas.

Na frente, voltado para a estrada, havia um alpendre aberto, sustentado por esteios de arueira... A casa era de telha-vã, como são todas as dos sertões, e o piso é recalçado e nivelado... O mato nasceu em torno do prédio abandonado, de modo que, a dois passos da parede, se viam arbustos, naqueles tempos despídos de folhas...

Enquanto os camaradas tratavam dos cavalos, Tomé, seu “sinhô moço” e o desconhecido recolhiam as malas no alpendre, onde armaram, de um lado, três redes, deixando o outro lado para os camaradas que dormiam em couros de vaca.

Tomé tinha o privilégio de dormir em rede, por fazer companhia ao “sinhô moço.”

Tudo estava tranqüilo naquela habitação onde nem o vento rumorejava.

Isso causava admiração a Leopoldo (o sinhô moço) e principalmente ao desconhecido, tanto como dava desgosto a Tomé, que viera ali ver as coisas estupendas de que rezavam as crônicas, e já se convencera de que havia perdido tempo.

-“São histórias de gente medrosa, que toma o regouço da coruja por assovio de almas, e miados de gatos do mato por gargalhadas de fantasmas.”

Estava nestes solilóquios, o valente Tomé, acendendo o fogo para preparar a ceia, quando lhe chegou aos ouvidos um gemido lastimoso, partido do interior da casa. Voltou-se, supondo que era do sinhô moço, mas este estava a seu lado com o desconhecido.

“Ouvistes?” - perguntou o moço todo espantado.

“Parece que afinal resolveram a nos dar espetáculo! Venha isso.”

Um vôo, como de pássaro muito pesado, passou por cima das cabeças dos três, que olharam e nada viram.

-“Já vejo que as almas têm asas” - disse, zombeteiro, mestre Tomé.

-“Tomé, não zombes com estas coisas, que não sabemos até ande chegarão.”

Uma gargalhada estridente rompeu de dentro de casa.

-“Vosmecê está ouvindo?” disse o cabra sem se abalar. “Eles estão zombando de seus medos.”

-“Não te calarás! Tomé.”

-“Se eles não bolirem comigo, eu nada direi; mas parece que querem conversa.”

A estas palavras respondeu de dentro um coro infernal de vozerias atordoadas, das quais não se podia distinguir uma única palavra.

-“Falando todos a um tempo, não nos podemos entender” - gritou o cabra - “se querem conversa, tenham modos e falem português, porque eu não compreendo a língua das almas do outro mundo.”

A algazarra redobrou e uma chuva de areia caiu sobre os três...

-“Como havemos de dormir no meio destas visagens?” - disse aterrado o moço Leopoldo.

-“Pois eu hei de dormir perfeitamente” - disse Tomé. “Estas almas são mansas e não querem senão meter medo.”

Um estampido, como de trovão, reboou no interior da casa, seguido de um raio de luz amarelada, que se foi perder nas árvores vizinhas.

Todos se retiraram com medo, e foram dormir à margem do rio.

Ficaram Tomé e um companheiro chamado Miguel.

Começaram a preparar uma carne para matar a fome. De repente, a atenção de ambos foi atraída para a aparição de um terceiro, embuçado num capote e que se acorrou ao pé de Manoel e pôs sobre a brasa a sua espetada. Esta em vez de ser de carne, era um sapo enorme, cuja gordura se derretia e pingava nas brasas, que crepitavam sinistramente.

O intruso, mudo e impassível, virara o sapo, ora de barriga para cima, ora de costas, levava-o acima da espetada vizinha para untá-la com a gordura que escorria do bicho.

-“Isto também é demais!” - exclamou Manoel - “Que o senhor venha aqui assar um bicho imundo, passe; mas que emporcalhe a carne que eu vou comer, com a gordura dele, é desaforo. Tire seu espeto das brasas, senão faço-o voar com ele e com a sua porcaria.”

O homem continuou impassível.

Manoel fez-lhe segunda intimação, sem resultado.

Enfurecido, Manoel fez de seu espeto um bordão, descendo, com força, sobre o homem do sapo, que não opôs resistência e desfez-se, dando uma pavorosa gargalhada!...

Após uma série de peripécias, Manoel e Tomé ouviram uma voz de mulher que cantava no interior da casa. Era um canto cheio de nostalgia e saudade. Imediatamente, ouviram a voz de um velho, trêmula e soluçante. Após, então, o silêncio se fez. Os dois valentes sertanejos dormiram, enfim, até o amanhecer...

A história de assombração contada pelo romancista Adolfo Bezerra de Menezes parece inverossímil; dir-se-ia pura ficção. Seja o que for, tem o poder de chamar a atenção do leitor do livro para a atuação do Espírito no plano corpóreo, mediante o dispêndio de ectoplasma do médium (ou médiuns) que se encontra no ambiente, independentemente de seu conhecimento ou não dessa realidade.

OS FANTASMAS DA CASA BRANCA

Residência oficial dos presidentes dos Estados Unidos, o número 1600 da Pensylvânia Avenida, em Washington, D.C. mais conhecido como Casa Branca, é assombrada!

Há século e meio que presidentes dos Estados Unidos, suas famílias e serviçais vêm ali fantasmas, comunicam-se com os mortos, têm misteriosas premonições - e não há sinais de que tenda a diminuir o barulho de correntes arrastadas e de enigmáticas passadas.

A maioria dos fantasmas da Casa Branca parece inofensiva, mas um hóspede presidencial, durante a gestão de Franklin Delano Roosevelt, queixou-se de que um fantasma tentara atear fogo à sua cama. Outro hóspede arrumou as malas depois de um encontro com um fantasma da Casa Branca e se retirou dizendo: “Nunca mais passarei outra noite naquele quarto”.

FANTASMAS FEMININOS

Dolley Madison, a jovem e encantadora esposa do quarto presidente norte-americano, é um dos mais antigos fantasmas da Casa Branca. A última vez que se manifestou foi quando a segunda esposa de Woodrow Wilson ordenou aos jardineiros da casa que desfizessem canteiros de tosas que Dolley havia plantado um século antes. Contaram os jardineiros, com toda a convicção, que a Sra. Dolley, de vestido de saia balão e de louca, apareceu muito alvoroçada e intimou-os asperamente a não tocar num simples botão de rosa. Os canteiros foram deixados onde estavam. Outro fantasma feminino da Casa Branca é Abigail Adams, que costuma ser vista no Salão Leste. Também a Sra. Grover Cleveland, que teve um filho na Casa Branca, e seus gemidos e gritos são freqüentemente ouvidos.

O barulhento presidente Andrew Jackson é também freqüentador dos corredores da residência presidencial. Uma arrumadeira, Katurah Brooks, conta que uma vez ouviu uma gargalhada de Jackson, com “um som cavo” (cavernoso), partir da cama em que ele dormia no Salão Rosa.

O MAIS ASSÍDUO

Mas o fantasma mais assíduo dos corredores da Casa Branca, na calada da noite, é o de Abraham Lincoln. Tão freqüentes são as suas visitas, que os serviçais consideram a sua presença um fato natural.

A arrumadeira Lillian Rogers Parks, que trabalhou trinta anos na Casa Branca, conta que, um dia, durante a Administração de Roosevelt, ouvia passadas como de alguém que se dirigia à porta, durante todo o tempo em que ela estava trabalhando. Ao olhar para essa direção, não via ninguém. “Após uma hora - “disse” - subi ao terceiro andar e dei ali com um faxineiro. Perguntei-lhe: Por que você se põe a andar até a porta do Salão Lincoln sem jamais entrar? Respondeu-me ele - Estou entrando em serviço agora e nem sequer estive nesse andar. Os passos que você ouviu são do próprio Lincoln.”

Disse-me isso com toda a seriedade e sem nenhuma intenção de gracejo.

Quando a Rainha Guilhermina esteve na Casa Branca como hóspede do Estado, atendeu a uma batida na porta do quarto de dormir e viu o fantasma de Lincoln postado diante dela. Tendo sido espírita em toda a sua vida, a Rainha não viu nada de mais extraordinário nesse encontro e, na manhã seguinte, contou-o ao presidente Roosevelt que não se surpreendeu.

Eleanor Roosevelt, em várias ocasiões, contou que enquanto trabalhava em sua escrivaninha, num salão que fora quarto de dormir de

Lincoln muitas vezes sentiu a sua presença às suas costas e se virava, tentando ver a aparição. Miss Mary Eben, uma das secretárias de Roosevelt, foi mais ligeira que Eleanor e assegura que viu, certa vez, o fantasma de Lincoln colocando as botas ao lado da cama.

HARRY TRUMAN ADMITIU A PRESENÇA DO FANTASMA DE LINCOLN NA CASA BRANCA

Num programa de televisão, nos Estados Unidos, Margaret Truman, ao recordar os seus dias na Casa Branca com o pai, o ex-presidente Truman, perguntou-lhe: “Lembra-se, papai, da noite em que ouviu uma batida na porta do seu quarto de dormir? “ Respondeu Truman: “Sim, ouvi a batida, eram mais ou menos três horas da manhã. Levantei-me abri a porta e não vi ninguém. Suponho que era o fantasma de Lincoln de passagem pelo Hall. A Sra. Calvin Coolidge (Calvin Coolidge eleito vice-presidente em 1921 e, em 1923, assume a presidência pela morte de presidente Harding) assevera que viu o fantasma de Lincoln contemplando das janelas do Salão Oval as colinas de Virgínia, onde foram travadas algumas das mais encarniçadas batalhas da Guerra Civil Americana. Mesmo o Presidente Hoover, homem moderado, admitiu ter ouvido ruídos a sugerir a presença de fantasmas na Casa Branca, e disse: “Alguns, de fato, são fantásticos.

TREM-FANTASMA

É bem conhecida a lenda do trem-fantasma de Abraão Lincoln. Sucede todos os anos, a 27 de abril aniversário da sua derradeira viagem a Springfield, depois do seu assassínio. À meia noite, em certos trechos da estrada de ferro, uma locomotiva, tripulada por esqueletos passa silenciosamente, segundo se conta, puxando um vagão com um esquife coberto por uma bandeira, em direção ao túmulo de Lincoln, em Illinois. Depois da passagem do trem, os funcionários que controlam a estrada

notam que seus relógios, cuidadosamente conservados, acusam um atraso de cinco a oito minutos.

Lincoln não é o único fantasma de sua família. Seu filho Willie, que morreu tragicamente na Casa Branca, fez aparições ao presidente Grant e família que tentaram em vão comunicar-se com ele no além-túmulo.

Deve-se aceitar que o fantasma de Lincoln se mostre tão ativo, uma vez que ele mesmo acreditava em Espíritos.

AS SESSÕES NA CASA BRANCA

A Sra. Lincoln acreditava firmemente na sobrevivência da alma, convocando médiuns para realizarem, na Casa Branca, memoráveis reuniões com os Espíritos, uma das médiuns favoritas era Nettie Colburn Maynard. Foi Nettie que evocou no Salão Vermelho da Casa Branca o Espírito Daniel Webster. Nessa ocasião, Webster, falando através de Nettie, sugeriu a Lincoln que emancipasse os escravos. Poucas semanas depois, o presidente dava esse passo. Outra médium, Belle Miller, evocou os Espíritos na Casa Branca, oportunidade em que realizaram trabalhos que não deixaram dúvidas quanto as suas presenças. Levantaram, por exemplo, um pesado piano, com três pessoas nele sentadas.

Lincoln insistindo, a seguir, que ninguém mais poderia deixar de acreditar nos fantasmas da Casa Branca, fez um desafio: “Que venha aqui um descrente e, quando o piano for erguido, ele que coloque o pé sob a perna do móvel. Ficará então convencido pelo peso da prova em seu pé”. Ninguém se apresentou para experiência...

Em outra sessão, na época de Lincoln, o místico Charles Shockle ordenou aos fantasmas - e este obedeceram - que batessem nas paredes, arrastassem móveis, balançassem um retrato de Henry Clay pendente na

parede e erguessem, duas vezes, um par de candelabros, presente do Rei da Argélia ao presidente Adams. Os candelabros quase bateram no teto do Salão Vermelho.

ROOSEVELT E A VIDENTE JEANNE DIXON

A vidente Jeanne Dixon foi convidada por Franklin Delano Roosevelt a comparecer na Pennsylvania Avenue 1600, nos últimos meses de 1944. Perguntou-lhe ele sem rodeios: “De quanto tempo disponho para terminar as tarefas em que me comprometi?” Ela respondeu, a seguir: “Seis meses, mais ou menos”.

Poucas semanas depois, Roosevelt convidou-a a volta à Casa branca e repetiu a pergunta. Jeanne mostrou-lhe a mão com o polegar e o indicador separados por uns dois centímetros: “Não muito mais do que isto, Presidente.” No mês seguinte Roosevelt morria. Disse Jeanne mais tarde: senti que Roosevelt tinha uma premonição da própria morte. Estava procurando confirmar o fato”.

A MORTE TRÁGICA DE JOHN KENNEDY

Jeanne Dixon previu, com exatidão, a morte trágica do presidente John Kennedy. Ela profetizou, em 1956, que o democrata eleito para a presidência em 1960, seria assassinado. Poucos dias antes do assassinato, em novembro de 1963, ela afirmava que via o esquife do presidente entrando na Casa Branca... e acrescentou: “Se ele pudesse se tornar invulnerável às balas nos próximos dias...”

Ele precisou, também, o nome do assassino de John Kennedy: “Ele é um ornam com nome de duas sílabas, com cinco ou seis letras... A segunda letra é definitivamente um “s” e a primeira um o... A última termina com uma pequena curva que se eleva em linha reta. A descrição adapta-se

perfeitamente ao nome Oswald.

Até agora, entretanto o fantasma de John Kennedy não apareceu na Casa Branca... ou pelo menos não foi visto!

AS EXPERIÊNCIAS DA DRA. ELISABETH KÜBLER-ROSS

A Dra. Elisabeth Kübler-Ross, psiquiatra, Professora da Universidade de Chicago, USA, escreveu um livro que se tornou célebre em todo o mundo: “ON DEATH AND DYING” (SOBRE A MORTE E O MORRER), resultado da análise e da cuidadosa interpretação de centenas de entrevistas com pessoas moribundas.

Enfrentando toda a espécie de preconceito, a Dra. Kübler-Ross conseguiu entrevistar o seu primeiro paciente: um canceroso em fase terminal. Daí em diante, as suas investigações se sucederam, conseguindo reunir uma série de depoimentos de pessoas que estavam à beira da morte. Ela observou que os pacientes, até chegar ao “último suspiro”, percorrem uma seqüência de fases psicológicas, a seguir enumeradas: 1) Negação (“não é verdade”); 2) Raiva (“por que eu”); 3) Esperança (“os médicos vão me salvar, confio em Deus”); 4) Depressão (“não adianta mais nada, estou perdido¹¹); 5) Aceitação (“tudo bem”).

As pesquisas da psiquiatra suíça tiveram início na década de 1960, prolongado -se por treze anos, quando lançou a obra supracitada.

Criada como protestante, tornou-se, mais tarde, agnóstica, passando a acreditar na vida após a morte, por força das evidências demonstradas nas suas próprias pesquisas. Antes de publicar “ON DEATH AND DYING”, por volta de 1969, passou por uma notável experiência: fora “visitada” por uma de suas pacientes, a Sra. Schwartz, que falecera pouco antes, mas se

considerara na obrigação de vir agradecer os seus cuidados e de encorajá-la a prosseguir em seu trabalho. A princípio na dúvida, diante do que eslava acontecendo, a Dra. Kübler-Ross pediu à aparição que escrevesse um bilhete para uma amiga comum. Estacaria (escrita direta, fenômeno muito raro), em papel com o timbre da Universidade de Chicago, começa nos termos “Alô! Vim fazer uma visita à Dra. Ross. Eu sou uma das primeiras na lista de seus devedores de obrigações. Você é outra. Nunca encontrei ou conheci quem pudesse assumir os lugares de vocês...”

O interesse da Dra. Kübler-Ross pela sobrevivência da alma despertou a atenção de vários especialistas, destacando-se a figura do Dr. Raymond Moody, professor e médico em Charlottesville, que escreveu um livro sobre o mesmo tema, fruto de suas investigações: “LIFE AFTER LIFE” (“VIDA APÓS A VIDA”).

O episódio da aparição da falecida Sra. Schwartz à Dra. Kübler-Ross veio lançar luzes novas sobre o discutidíssimo fenômeno de projeção do duplo (perispírito), na fase mais aguda do processo de transição. Era o testemunho inequívoco da sobrevivência da alma, independentemente de quaisquer injunções de ordem psíquica, em que a alucinação assume lugar de realce.

A LUZ NA ESPIRITUALIDADE

A Noite sempre é o propício cenário onde se movimentam as assombrações de toda a ordem, provocando medos e apreensões. As trevas são o ambiente onde se tramava (e trama) a perdição moral do homem. O velho Testamento expressa essa realidade cultural, firmando uma determinística simbologia entre a luz e a treva, ou entre o bem e o mal (fulcro substancial do maniqueísmo): “O cego que não vê a luz do dia, possui um antegosto da morte (Tobias, 3:17; 11:8; 5:115); “Quando termina

o dia, então sobrevêm os animais maléficos” (Salmos, 104:20), “Os homens que odeiam a luz - adúlteros, ladrões ou assassinos” (Jó, 24:13- 17); “O povo que caminhava nas trevas verá uma grande luz” (Isaías, 9:1;42:7; 49:9; Miquéias 7:89).

Nos Evangelhos, Jesus atravessa “a noite de sua paixão”. “Chegada a hora, entrega-se às ciladas da escuridão” (João, 11:10)... “Ele quis afrontar essa hora e o reino das trevas” (Lucas, 22:53). “No momento de sua morte, um manto noturno se estendeu prematuramente sobre a terra” (Mateus, 17:45). Em suas Epístolas, Paulo de Tarso preconiza a vitória da luz sobre as trevas - “O cristão ainda se encontra na noite. Mas avança para o dia próximo que ela porá fim” (Romanos, 13:12). “Para velar contra ‘o príncipe das trevas’ (Efésios, 6:12). Ainda no Velho Testamento, Isaías e Daniel descrevem a “ressurreição” com um despertar após o sono da noite; um retorno à luz depois do mergulho total no inferno. Os ritos funerários do Catolicismo fundamentam-se nesses anunciados escriturísticos: “Que as almas dos infelizes defuntos não sejam mergulhadas nas trevas, mas que o arcanjo São Miguel as introduza na luz santa!”

SE O SOL NÃO VOLTAR?

O medo de o sol desaparecer e jamais voltar a brilhar sobre a Terra, dominava a mente dos homens de remotas eras. As crenças da civilização de Teotihuacán, no México, levam-na proceder a sacrifícios ao “Deus sol”. Se ele não recebesse a água preciosa do sangue humano corria o risco de parar de girar...

O medo de o sol desaparecer e não mais voltar, não inquietava, apenas os astecas. Desde épocas anteriores aos povos pré-colombianos que o temor à escuridão vem dominando o ser humano. Esse temor responde pelo

povoamento, da noite, de seres exóticos, aterradores, espectrais. A escuridão esconde toda a sorte de perigos. Aí, o homem se sente desamparado; sua imaginação atinge patamares em que o real se confunde com a ficção. Perde-se a noção de tempo e espaço!

Camões, que vivenciou, no mar, a solidão da “negra escuridade”, canta-a nestes versos decassílabos:

*“Depois da procelosa tempestade,
Noturna sombra, e silibrante vento,
traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade, Removendo o temor ao
pensamento”* (“OS LUSÍADAS”)

Em “Sonho de uma Noite de Verão”, de William Shakespeare (1546-1616), Píramo (babilônio da mitologia grega, cujos amores com Tisbe inspiraram artistas e escritores) exclama:

“Ó noite terrível! Ó noite de cores tão negras! Ó noite que está em toda a parte onde não é dia! Ó noite! Ó noite! ai! ai! ai!”

Na mesma peça, “do primeiro pesquisador psíquico da Inglaterra”, pinçamos est’outra passagem, marcada pelo encontro noturno de animais ameaçadores e agoureiros da morte e dos espectros... Deve-se observar que os espectros, em Shakespeare, assumem uma dimensão e uma realidade que transcende os limites de “meras assombrações”; elas são semelhantes aos que foram descritos à Sociedade de Pesquisas Psíquicas nos séculos XIX e XX. Impõe-se uma visão do dramaturgo inglês como vidente e mago”, conforme Cherman Yellen em “The Psychic Word of William Shakespeare”.

*Eis a hora em que o leão ruge,
Em que o lobo uiva para a lua,*

*Enquanto ronca o rude lavrador,
Estafado por sua penosa tarefa.
Eis a hora em que as tochas crepitam-se apagando-se,
Enquanto a coruja, com seu pio agudo,
lembra ao miserável, em seu leito de dor,
a recordação da mortalha.
Eis a hora da noite
em que as sepulturas escancaradas
Deixam escapar cada uma o seu espectro,
Para que vaguei pelos caminhos da igreja.
Com o alvorecer, tudo é quietude;
a luz solar afugenta os espectros e os medos;
os animais agoureiros recolhem-se,
à penumbra de lugares ermos,
esperando o cair das trevas da noite...*

“À sua aproximação (a aurora), os espectros vagando aqui e ali voltam em bando para seus cemitérios; todos os Espíritos danados, que têm sua sepultura nas encruzilhadas e nas ondas, já retornaram aos seus leitos suspeitos. Pois, por temor de que o dia luza sobre suas faltas, exilam-se voluntariamente da luz e estão para sempre unidos à noite de frente negra”.

Afirma Jean Delumeau em seu livro “LA PEUR EN OCCIDENT” (O MEDO NO OCIDENTE), traduzido no Brasil com o título - “A História do Medo no Ocidente”, Editora Schmarcz Ltda, SP, que “de maneira geral a cultura dirigente, entre os séculos XIV e XVII, na medida em que insistiu, com uma predileção mórbida, na feitiçaria, no satanismo e na danação, incrementou o lado inquietante e melífico da noite. Era graças à sombra que se desenvolvia, acreditava-se, a maior parte dos sabás⁵, sendo solidários: pecado e escuridão”.

Alguns espaços, entretanto, foram criados com o intuito de vencer, por alguns momentos, as ameaças da sombra. Na Borgonha, v.g., assumia

⁵ Sabá (ou Sabbat): assembleia de bruxos e bruxas que, segundo a crença popular, reunia-se no sábado à meia-noite, sob a presidência de Satã.

extraordinária importância o que se denominava de “écraignes” - serões (com músicas e danças) que se realizavam até a madrugada em pequenas habitações construídas para essa finalidade.

Essas “écraignes” pareceram suspeitas à Igreja, que as combateu e as interditou. Lê-se, a propósito, em um mandamento sinodal de Saint- Brieuç, de 1493:

“Já em um sínodo precedente, para cortar esses abusos ineptos e escandalosos que se produziam muito freqüentemente nas reuniões de fiadura, havíamos proibido essas reuniões em nossa cidade e na diocese inteira, sob as penas editadas no estatuto desse Sínodo”.

Embora as penas fossem de excomunhão, as “écraignes” continuaram, porque o medo das trevas noturnas era maior que o ordenamento teológico que, na prática, jamais pôde ser aferido...

O certo é que estava, profundamente entranhada no Espírito humano a certeza de que o Inimigo valia-se da escuridão noturna para levar o homem (fragilizado pela falta de luz) à prática do mal.

O MEDO DOS MORTOS

A aparição de fantasmas está ligada, fundamentalmente, à escuridão da noite. Raro é aquele espectro que se aventura a ser visto à luz do dia. Os seres fantasmiais, já afirmavam os antigos, povoam as sombras noturnas. Os lugares onde vivem tais espectros, são identificados pela literatura, através dos séculos. Em “De re metallica” (1556), George Bauer, dito Agrícola, mineralogista alemão, afirmava que variada gama de Espíritos vive nas galerias subterrâneas; uns têm a aparência de anões (gnomos) e outros de velhos mineiros. No “-”Des Monstres”, A Paré garante que os demônios habitam as predreiras. Pierre de Ronsard (1524-1585), Prior de Saint-

Cosme-lés-Tours, consagrou-se às letras, ao lado de Anotonie de Baif e Joaquim du Bellay⁶. Suas “Odes” refletem a influência de Píndaro e de Horácio, enquanto as suas poesias circunstanciais e amorosas são inspiradas em Petrarca (o mestre do soneto) e Anacreonte (poeta lírico grego). Publicou uma série de Hinos, entre os quais o “Hinne des daimons” sobre seres incriados, que percorrem o espaço sublunar. Uns são bons; outros, ao contrário, são maus e trazem à Terra pestes, febres e cataclismos.

As histórias de assombração preenchem os imensos espaços vazios da vida de antanho. Cantavam-se, em prosa e verso, essas manifestações de seres extraordinários, que nada mais eram que os Espíritos desprendidos, pela morte, de seus envoltórios carnis. Entre os inúmeros cronistas das peripécias dessas “visagens” encontra-se o teólogo Noel Taillepied, que assim reporta-se ao aparecimento de Espíritos em casas mal-assombradas:

“Às vezes um Espírito se mostra, na casa, e, percebendo-o, os cães se lançam entre as pernas de seus donos e daí não querem mais sair, pois temem muito os Espíritos... Muitas vezes ouviram-se Espíritos à noite arrastando os pés, tossindo e suspirando, os quais, sendo interrogados, diziam ser o espírito deste ou daquele”.

Jean Delemeau expõe o seguinte: “Quando tais fatores se produzem e uma casa está assombrada, o locatário deve continuar a pagar ao proprietário as anuidades combinadas? A essa pergunta responde gravemente o jurista Pierre Le Loyer, Conselheiro no Tribunal de Angers (França):

⁶ Pela importância de Joaquim du Bellay (1522-1560) no cenário da literatura francesa, deve-se-lhe traçar este brevíssimo perfil, escreveu a Ilustração da Língua (1549), Manifesto da Plêiade (reunião de poetas), que estabelece as linhas da nova época poética.

“Se existe, escreve ele, medo justo e legítimo dos Espíritos que assombram uma casa, perturbam o repouso e inquietam à noite, se portanto, o medo não tiver sido vão e o locatário tiver tido alguma ocasião de temer, nesses casos o locatário permanecerá quite dos aluguéis perdidos, e não de outra forma, se a causa do temor não se considerasse justa e legítima.”

A CIÊNCIA DOS ESPECTROS

A crença na aparição dos mortos é antiquíssima. No século XVI, porém, pontificaram duas teses sobre esse prístino assunto: uma é “horizontal”, naturalista, antiga e popular - pregava a sobrevivência do duplo, que aprecia os lugares de sua existência terrena. A outra é “vertical” ou “transcendental”. Era defendida pelos teólogos que tentavam (e ainda tentam, não com a ênfase de outrora) “pelo jogo de forças espirituais”. Nesse particular assumem destaque as concepções de Pierre Le Loyer e de Noel Taillepied. O primeiro pretendeu construir uma “ciência dos espectros”, utilizando-se de um amontoado de argumentações que enchem um considerável número de páginas. Preliminarmente, distingue, o ilustre jurista, FANTASMA de ESPECTRO. “O primeiro é a imaginação dos furiosos, insensatos e melancólicos que se convencem do que não é. O segundo, ao contrário, é uma verdadeira imaginação de uma substância sem corpo, que se apresenta sensivelmente aos homens contra a ordem da natureza e causa-lhes pavor”.

As idéias de Taillepied não primam pela originalidade; seguem as pegadas sinuosas de Le Loyer: “Muitas pessoas medrosas se persuadem de ver e ouvir muitas coisas assustadoras das quais não há nada”; ou, “aqueles que têm má vista e ouvido imaginem muitas coisas que não são”. Como se não bastassem os demônios, que podem “impedir a visão do homem” o “mostrar-lhe, por aparência, uma coisa pela outra”. Essa influência

demoníaca ainda se encontra em atividade, nos dias correntes, enunciada, com inusitado vigor, pelos religiosos radicais!

Ainda é Jean Delumeau que, em sua obra (anteriormente citada), refere-se a um raríssimo Manual de Exorcista, datado de 1450 (século XV) - o “Livre d’Egidius”, deão de Tournai, que prescreve uma série de perguntas a serem feitas às aparições:

De quem és ou fostes o Espírito?

Faz muito tempo que estás no purgatório?

Por que vieste aqui e por que aparece aqui com mais frequência do que em outros lugares?

Se és um bom Espírito esperando a misericórdia de Deus, por que te revestiste, pelo que se diz, das aparências diversas de bestas e animais selvagens?

Por que vens aqui em certos dias de preferência a outros?

Por volta de 1746 aparece, na França, um “TRAITÉ SUR LES APARITIONS DES ESPRITS”, de autoria do monge Beneditino Augustin Calmet. E, na verdade, um notável documento em que o clérigo da Ordem de São Bento refere-se às aparições dos Espíritos de uma forma surpreendente: “As vidas dos santos estão repletas de aparições de pessoas falecidas; e se quiséssemos reuni-las, preencheríamos grandes volumes... Poderíamos amontoar inúmeras passagens dos antigos poetas e dos Pais da Igreja que acreditaram que as almas apareciam freqüentemente aos vivos”...

Calmet suscita uma questão realmente especiosa - a crença dos Pais da Igreja na sobrevivência da alma. Dentre esses religiosos ressaltaram-se as

figuras carismáticas de Clemente (Atenas, 150-213) e Orígenes, ambos perseguidos, implacavelmente, porque defendiam idéias e valores que discrepavam da então nascente e já poderosa teologia. Orígenes (Alexandria, 185 - Cesaréia ou “Piro entro 252 a 254) orientou suas pesquisas para o estudo científico da Bíblia. Sua sabedoria atraiu numeroso discípulos e muita inveja. Foi perseguido e morreu em consequência de torturas a que foi submetido. Escreveu: “Comentários”, e as “Homílias”, sobre as Escrituras; obra de crítica textual do Antigo Testamento. Mas, uma de suas mais importantes obras é, sem dúvida, “DE PRINCIPIIS”, onde (re)afirma a imortalidade da alma e a reencarnação.

Acrescenta Jean Delumeaus que através de Augustin Calmet pode-se conhecer, “com efeito, detalhadamente, a epidemia de medo dos fantasmas, e especialmente dos vampiros, que se propagou no final do século XVII e no começo do século XVIII na Hungria, Silésia, Morávia, Polônia e Grécia. Na Morávia, lê-se na obra (“*Traité sur les Apparitions des Esprits*”), é bastante comum” ver os defuntos colocarem-se à mesa com pessoas do seu conhecimento. Sem dizer uma palavra, fazem um sinal de cabeça a um dos convivas, que infalivelmente morre alguns dias depois. Livram-se desses espectros desenterrando-os e queimando-os. Na Boêmia, livram-se dos fantasmas passando-lhes através do corpo uma estaca que os prega ao solo. Na Sérvia, os fantasmas são vampiros que sugam o sangue de suas vítimas... Quando se desenterram os mortos suspeitos de serem esses espectros meléficos, “eles são encontrados como vivos”. Então, sua cabeça é cortada, recolocando-se no fosso as duas partes do corpo, cobrindo-as de cal viva.”

Os casos relatados pelo Beneditino Augustin Calmet são aterradores; entretanto, reflete as antigas crenças desses povos, na imortalidade e sobrevivência da alma. Essas crenças infelizmente, se desvirtuaram de tal modo que muito de sua efetiva realidade caiu no terreno escorregadio da

fantasia...

Outros autores, provavelmente tentando preservar essas assombrosas e fascinantes tradições, registram-nas em volumosas obras, que terminam se constituindo em fundamental e riquíssima contribuição à Etogenia.

Pode-se citar, ainda, A. L. Braz que, em “LA LÉGENDE DE LA MORT”, oferece preciosos subsídios ao acervo das pesquisas sobre o assunto que vimos tratando. “Na Bretanha” - informa - “pensava-se que os defuntos constituíam uma verdadeira sociedade, designada por um nome especial: “Anaon”. Seus membros habitam os cemitérios mas voltam, graças à escuridão, para visitar os lugares onde viveram. As almas dos mortos se reuniam três vezes ao ano: na véspera do Natal, na noite de São João e na noite de Todos os Santos, desfilando em longas procissões em direção aos lugares de reunião. Essa coabitação com os mortos” - prossegue A. L. Braz - “acarretou uma certa familiaridade com eles...”

Chegamos ao final deste trabalho. Poderíamos dizer mais sobre o medo; entretanto, deixamos que o prezado leitor assim o faça, acrescentando aos medos aqui tratados os seus perigos os seus próprios medos, que muitas vezes transcendem os limites determinantes dos valores culturais, alcançando a dimensão imponderável e universal. O medo é ilimitado e intemporal; é imprevisível e indeterminado; acontece; simplesmente acontece!...

Sugerimos, à guisa de leitura complementar, a obra de Jean Delumeau, citada ao longo deste trabalho, bem como a Codificação Espírita, onde o Espírito é finalmente tratado não como um ser criado à margem da Humanidade, mas dela integrante. Com o advento da Doutrina Espírita, revela-se o papel que o ser espiritual exerce no cerne do processo evolutivo. O Espírito não é, prosaicamente, uma assombração, que se vale da

escuridão da noite para assustar os vivos; é uma criatura que, ao transladar-se para a esfera invisível, preserva os seus caracteres morais e intelectuais: vive, sente, ama, sofre; alimenta desejos de vingança, arrepende-se etc. E despojado do corpo físico, mas não de faculdades e atributos. O Espiritismo resgata o Espírito das concepções retrógradas do passado remoto e da ignorância do presente alienado, evidenciando, destarte, a certeza da sobrevivência do ser, porque imortal, e da justiça perfeita, porque divina!

RESENHAS DA SOCIEDADE DE PESQUISAS PSÍQUICAS

A Society for Research - S.P.R, fundada em Londres em 1882, por iniciativa por um grupo de intelectuais de Cambridge, entre os quais figuravam: Frederick H. W. Myers, Henry Sidgwick e Edmund Gurney, destinava a investigar, sem preconceito, mas em nome da Ciência, os fenômenos de telepatia, hipnotismo, os sensitivos, as aparições e os vários fenômenos físicos chamados espíritas.

Um dos mais eminentes pesquisadores, inclusive participou da Ata de fundação da Sociedade, foi, sem embargo, o Dr. William Fetcher Barret, assistente do Prof. Tyndall, e, mais tarde, Prof, de Física na Universidade de Dublin. O Prof. Barret dedicou-se, de modo especial, à análise científica das aparições. Em seu livro, raríssimo no Brasil, “NOS UMBRAIS DO ALEM”, da Estudos Psíquicos Editora, de Lisboa (Portugal), insere-se lodo um longo Capítulo sobre as aparições.

Preliminarmente, o Prof. Barret cita o Dr. Angus Smith, “um dos sábios mais prudentes e filósofos da última geração”, para quem as aparições, no momento da morte se revestem de uma extraordinária prova da sobrevivência do ser. A conclusão do Dr. Smith é baseada em longos anos de experimentos e de cuidadosas observações em um sem-número de pacientes à beira da morte. Os resultados dessas pesquisas, diversos casos

rigorosamente provados, terminaram por integrar uma obra clássica “Phantasmas of the Living”, em dois volumes, editada em 1886, escrita pelo Prof. Edmund Gurney. Pela primeira vez se realizou uma espécie de estatística relativa ao espaço de tempo entre a morte e o aparecimento do defunto ou do moribundo. Estabeleceu-se que esse intervalo não iria além das doze horas; entretanto, testemunhos diretos afirmam que essa marca tem sido ultrapassada, sendo a morte ignorada pelo percipiente (vidente), no momento da aparição.

Após rigorosa seleção coligiram-se 134 narrações, nas quais se verifica coincidência de cerca de uma hora entre o falecimento e a manifestação auditiva ou visual, com o percipiente afastado e desconhecedor da morte. Em 39 casos, viu-se a aparição mais de uma hora depois; mas, nas 12 horas que se seguiram, em 38 casos, viu-se a aparição antes da morte ou durante grave doença do agente, que se restabeleceu. Houve 104 casos em que não foi possível estabelecer se o percipiente tinha visto a aparição imediatamente antes da morte ou depois da morte, e não se fez caso disso.

Edmund Gurney e Frederick Myers publicaram um artigo muito interessante no volume das Atas da S.P.R., no qual encontramos outros testemunhos diretos acerca das aparições verificadas pouco tempo depois da morte. Myers escreveu outro artigo no VI volume a respeito de aparições que se produziram mais de um ano após a morte, narrando 14 casos de aparições verídicas.

O exame crítico das provas não permite duvidar que estas aparições eram verídicas e que não eram devidas a qualquer alucinação do percipiente, nem a coincidência fortuita. Para conseguir provas estatísticas relativas a esta última eventualidade, Edmund Gurney comparou numericamente as aparições verídicas e as que eram puramente acidentais,

isto é, que não coincidiam com a morte. Depois, indagou se alguns adultos tinham tido aparições ou alucinações deste gênero nos dez últimos anos e recebeu aproximadamente seis mil (6.000) respostas.

A Dra. Mildred Sidgwick, que ocuparia, mais tarde, a presidência da S.P.R., fez um inquérito semelhante e obteve dezessete mil (17.000) respostas. Este último só demonstrou que a relação entre a aparições verídicas e as outras era 440 vezes maior do que se atribuíssem a origem ao acaso.

A análise minuciosa deste recenseamento feito pelos peritos ocupa um volume inteiro dos Proceedings da S.P.R. e chega-se à conclusão prudente de que, entre a morte e a aparição do defunto, há uma relação que não depende do acaso.

“Para nós isto já está demonstrado. A discussão de todas as conseqüências deste fato não podemos tentá-la aqui, nem talvez possa ser feita neste século”, - sentencia, finalmente, o Professor William Barret.

Ainda revelam os inquéritos em exame que o número das aparições decresce alguns dias após a morte e, depois, mais lentamente. Um ano ou dois a seguir, tornam-se pouco freqüentes e esporádicas, por assim dizer. Isto não deve causar surpresa. Qualquer que seja a teoria adotada, é provável que a faculdade de comunicação entre vivos e mortos, no caso das aparições, se atenua, à medida em que nos afastemos da transição entre as duas existências: a corpórea e a incorpórea. Não devemos concluir daí que a alma do defunto esteja aniquilada, visto que não lhe podemos seguir o rastro, nem saber onde as suas afinidades a conduzirão, 11 a vida mais extensa do Além. Por outro lado, temos em que a prova da sobrevivência foi dada em mais de uma geração, após a morte do comunicante.

Aqueles que viram aparecer um amigo ausente cuja morte ignoravam ou que disso tiveram conhecimento direto, são muito mais impressionados por esse fato, do que através das provas relatadas em livros. Foi o que aconteceu com o Prof. Barret, quando alguém de seu círculo de amizade contou o que se segue. Observe-se que o exame minucioso realizado pela S.P.R, à qual o ilustre cientista submeteu o caso, nada pôde modificar-lhe a trama. A descrição pormenorizada encontra-se no Jornal daquela Sociedade. E importante acentuar que a percipiente estava num convento da Bélgica, onde não havia jornais e não tinha meio de saber o que poderia anteceder a aparição. Eis, em resumo, o que aconteceu:

Um indivíduo de certa notoriedade suicidou-se em Londres, na primavera de 1907. Não se pode duvidar de que estava no uso de suas faculdades, na manhã em que recebeu uma carta de mulher que lhe destruíra todas as esperanças. Antes do suicídio, legou por escrito uma renda à jovem percipiente do convento belga, que era sua afilhada e de quem ele gostava muito. Três dias depois (o dia do sepultamento), apareceu no convento, e deu-lhe a conhecer a sua morte, dizendo-lhe como e por que se suicidara, rogando-lhe que orasse por ele.

A mãe quis ocultar à filha as tristes circunstâncias desta morte violenta e mó-lhe escreveu alguns dias depois do enterro, dizendo-lhe, apenas, que seu tio morrera subitamente. Pois, algum tempo decorrido, quando a filha chegou da Bélgica, a mãe ficou estupefata de lhe ouvir dizer que tinha visto o padrinho e que este lhe comunicara tudo o que lhe queriam ocultar. Soube-se depois, por indagações minuciosas, que ninguém lhe dissera coisa nenhuma.

A Sra. Charlton, membro da S.P.R. informou-se no convento, na Bélgica, assegurando-se que os alunos não liam jornais, que todas as suas

cartas eram examinadas e que ninguém no estabelecimento conhecia o defunto. Deste modo, era impossível supor que a percipiente tivesse conhecimento do suicídio pelas vias normais, bem como as causas determinantes do ato.

A mãe da jovem, afirmou, por seu turno, que nem ela nem qualquer de seus parentes haviam escrito para o convento acerca do infausto acontecimento, nem mesmo o teriam comentado além das fronteiras do círculo familiar.

Como acabamos de ver, não só se percebe o fantasma. Às vezes, ele chega a falar e a anunciar a sua presença de uma forma a não deixar quaisquer dúvidas. Além do mais, preserva, após o decesso, todas as suas faculdades intelectuais, raciocinando perfeitamente, concatenando idéias etc.

Considerar casos que tais como fruto da alucinação é demonstrar, à evidência, possuir um inexpugnável espírito de sistema, assentado em valores condicionantes, ortodoxos, sem quaisquer bases científicas.

O caso seguinte, em que o percipiente fora o Reverendo Matthew Frost, de Essex, Inglaterra, foi examinado pela Sra. Mildred Sidgwick, conhecida pela sua extrema rigidez na apuração dos fatos.

“Na primeira quinta-feira de abril de 1881, estava eu a tomar chá” - relata o Reverendo Frost - “com as costas para a janela e a falar com a minha mulher, quando ouvi claramente bater à janela. Voltei-me e disse a minha mulher: “mas é minha avó! E fui à porta, onde não vi ninguém. Convencido de que era ela e reconhecendo-a muito ativa e amiga da brincadeira, apesar dos seus 83 anos, dei a volta à casa, sem ver quem quer que fosse. Minha mulher nada ouvira. No sábado, soube que minha avó morrera no

Yorkshire, cerca de meia hora antes de eu enxergá-la através da janela.

A última vez que a vi tinha-lhe prometido que, se eu estivesse com saúde, iria ao seu enterro.

O Reverendo Frost declarou a Dra. Sidgwick, como o fizera no relato para a S.P.R., que não via sua avó há mais de dois anos, e que lhe prometera comparecer ao sepultamento de seu corpo.

O Reverendo viu a aparição em pleno dia e julgou que sua avó chegara de surpresa para lhe fazer uma visita. Se se tratasse de pessoa viva, a Sra. Frost teria visto e ouvido, embora existam casos de aparições detectadas por todas as pessoas que se encontrem no ambiente. Mas, no caso do Reverendo Frost, a sua esposa nada viu nem ouviu.

De qualquer sorte, há o fato, irrecusável, da morte da velha senhora, minutos antes de sua aparição ao neto, que não iria inventar, sem motivo plausível, uma história desse porte com a própria avó.

William Barret, expoente da S.P.R. opina, no livro anteriormente citado, sobre as aparições, nos seguintes termos:

“Estamos apenas nos umbrais do conhecimento, à entrada de um mundo cheio de trevas, e por isso a humildade de espírito e a esperança confiante é que devem inspirar o nosso pensamento”. Sir Oliver Lodge disse:

“O conhecimento só progredirá, quando se tiver compreendido que a pergunta “Acredita nestas coisas?” E pueril, se não for precedida por esta “Que sabe você delas? E os que tudo ignoram nesta matéria, dizem invariavelmente: “Ora, você não acredita nisso!”

“Há casos notáveis de moribundos” - prossegue o dr. Barret - “que, antes de deixar a Terra, parecem ver e reconhecer parentes ou amigos defuntos.” E passa a relatar um caso publicado na revista inglesa LIGHT, que muitíssimo impressionou o Dr. Wilson, médico que acompanhou os últimos momentos do conhecido tenor James More, na Cidade de New York (U.S.A).

Era quatro horas da manhã, pouco mais ou menos. O dia começava a filtrar os seus raios através dos postigos fechados. Inclinei-me sobre a cama e notei-lhe os olhos claros e o rosto muito calmo. Ele me encarou de frente e disse, colocando a minha mão nas suas: “Doutor, você tem sido para mim um bom amigo” Depois, produziu-se qualquer coisa de indescritível que eu não esquecerei jamais. Parecia-me lúcido e equilibrado. Só me posso exprimir, dizendo que ele fora transportado a outro mundo. Embora não consiga explicar-me com a devida clareza, estou inteiramente convencido de que ele entrava na “cidade de ouro” por lhe ouvir dizer as seguintes palavras, em voz mais forte do que a que lhe conhecia, desde que o tratava: “Minha mãe! Como? Vens ver-me?... Não, não sou eu que venho ver-te... Espera um pouco... eu quase passei... Espera, mãe, espera...”!!

Apresentava expressão indizível de bondade; e a forma como pronunciou estas palavras impressionou-me mais do que eu poderia dizer. Estou tão certo de que ele via sua mãe e lhe falava, como de estar sentado neste lugar.

Para conservar o que eu julguei ser a conversação com sua mãe e ter o relato de uma das estranhas aventuras que me sucederam, anotei, imediatamente, tudo o que ele disse. E uma das mais belas mortes que tenho visto...

Desejando o leitor aprofundar-se na momentosa questão das aparições,

permitindo-nos recomendar as seguintes obras, escritas com base nos
“Proceedings” (Atas) da Society for Psychical Research:

Mediumship and Survival

A Century of Investigations, 1982

Allan Gauld

“An Apparition of a Child”, 1966

G. W.Lambert

“Persons and Life after Death”, 1978, Londres

H. D. Persons

“Visions and Apparitions Collectively and Reciprocally Perceived”,
1932, Londres

H. Hart e E.B. Hart

“A Test of Survival”, 1946, Londres

R.H. Thouless

A SIMBOLOGIA DA MORTE EM OUTRAS ÉPOCAS RETROSPECTO HISTÓRICO

O historiador Philippe Ariès (História da Morte no Ocidente) informa que da Idade Média ao século XVIII, “predominou no mundo católico, e na França, em particular, uma relação de proximidade entre vivos e mortos”. A esse período Ariès denominou de “morte domesticada”: parentes, amigos, irmãos de confrarias e vizinhos acompanhavam no quarto dos moribundos seus derradeiros suspiros, e a partir do século V os enterravam nas igrejas que

freqüentavam. Michel Vovelle (*Mourir Autefrois*”, Paris, 1974), tecendo comentários sobre as pesquisas de Philippe Ariès, acrescenta: “uma sociedade em que coabitam os vivos e os mortos, em que o cemitério se confunde com a igreja no coração da cidade”.

Diz, a propósito, o ilustre pesquisador baiano João José Reis em seu premiado livro “A MORTE É UMA FESTA” (1991):

“Como era comum nas sociedades tradicionais, não havia separação radical, como hoje temos, entre a vida e a morte, entre o sagrado e o profano, entre a cidade dos vivos e a dos mortos. Não é que a morte e os mortos nunca inspirassem temor. Temia-se, e muito, a morte, sem aviso, sem preparação, repentina, trágica e sobretudo sem funeral e sepultura adequados”.

Km Paris, em 1625, 345 irmandades procediam às cerimônias de sepultamento e das missas pelas almas dos filiados. Aos mais abastados, eram dedicadas cerimônias fúnebres dignas de reis e rainhas. Esses funerais foram chamados por Michel Vovelle de “profusão barroca”. O funeral barroco era cercado de muita pompa: o luxo dos caixões, dos panos funerários, inúmeras velas, músicos, autoridades, a decoração suntuosa da igreja, e, sobretudo, o local privilegiado, no templo, para o sepultamento. Quanto mais próximo do alter-mor, maior demonstração de prestígio... e de possibilidade de salvação!

A partir do século XVIII, define-se, na França, “uma nova atitude diante da morte e dos mortos” (Ariès), louvando-se nas concepções do Iluminismo, do racionalismo, da secularização da vida cotidiana. Os funerais se tornaram menos pomposos. Os mortos, nessa época, passaram a ser vistos como uma espécie de tabu público - eram velados e sepultados discretamente, com a presença apenas da família e raros amigos.

A DOCTRINA DOS MIASMAS

Ainda no século XVIII, toma corpo a doutrina dos miasmas, apregoada pela ciência: cria-se que matérias orgânicas em decomposição infectavam, com os seus vapores, o ambiente. Robert Favre, analisando esse problema, concluiu que “fugir do ar viciado ou dissipá-lo foi uma das grandes idéias do século das luzes”. Notava-se, àquela época (reinado de Luís XVI), às vésperas da Revolução Francesa, a preocupação com a saúde pública, ameaçada pelos miasmas mefíticos. Entre as causas primordiais desse processo, surgiam os cadáveres sepultados nas igrejas e cemitérios anexos, nos centros urbanos. Os higienistas sugeriam uma diuturna “vigilância olfativa, recomendando, em particular, uma intolerância em relação ao odor do cadáver decomposto. No âmbito da administração pública francesa procurava-se, por volta de 1763, reviver velhas leis que não permitiam sepultamentos em igrejas, e determinava a construção de necrópoles além dos limites das cidades.

AS REFORMAS CEMITERIAIS

Todavia, essas disposições legais somente seriam cumpridas com ordem régia de 1776, em que incluía, também, os enterros nas capelas dos mosteiros e conventos. Mas, o cumprimento dessa ordem real não foi fácil. Em Paris, àquela época, operavam duzentos e noventa cemitérios, implantados em igrejas paroquiais, abadias, mosteiros, conventos, colégios, seminários e hospitais. (“La Mort à Paris”, de Chaunu). O primeiro cemitério a ser desativado foi o de Saints Innocents, em Paris, em 1780, apesar da insistência do clero, conforme Thibaut-Payen, em “Les Morts, l’Eglise et l’Etat”. Vivia-se, na capital francesa, o advento de uma nova era - dali a poucos anos eclodiria a Revolução Francesa. Em sua vigência, não se cuidou dos destinos das cidades dos mortos. Em 1801 seria promovido um concurso sobre projetos de construção e organização de cemitérios. Em

1803 era fundado o de Père-Lachaise. No ano seguinte, regulamentavam-se os dispositivos legais já existentes que proibiam o sepultamento em igrejas etc.

“As atitudes diante da morte”, sentencia João José Reis - “e a relação entre vivos e mortos, não estão separadas de processos históricos mais amplos, daí porque cada país, talvez cada região cultural, teve uma cronologia própria das mudanças”. Na Inglaterra, o povo resistiu tenazmente às reformas nos ritos funerais e a desvalorização dos locais de enterro. Proibia-se, como na França, o sepultamento no interior dos templos religiosos, embora a prática continuasse nos seus adros. Em Londres, entretanto, membros importantes da aristocracia continuavam a ser enterrados na suntuosa abadia de Westminster e na Catedral de Saint Paul. “A reforma cemiterial na Inglaterra urbana” - informa o autor de “A MORTE É UMA FESTA” - “que expulsaria os mortos das igrejas e de seus adros, ocorreria depois das reformas. Só em meados da década de 1830, por exemplo, foi construído o histórico cemitério de Highgate. No alto de uma colina, conforme os padrões de higiene da época”. (Maiores detalhes sobre o assunto, vide a obra de Clare Gittings: “Death, Curial and the Individual in Early Modern England”).

ERA VITORIANA

A era vitoriana (século XIX) auxiliaria, na Inglaterra, o renascimento dos li morais pomposos, conquanto, ao que parece, representasse a posição social do falecido. Ademais, deve-se levar em conta que o mercado Itinerário cresceu a par com o capitalismo, oferecendo aos seus “clientes” serviços de acordo com o que eles podiam pagar. Surgiriam, a esse tempo, art sociedades funerárias (burial societies) que funcionavam como verdadeiras irmandades. Diria, a propósito, Thomas Laquer (“Bodies,

death, and pauper funerals, 1983): “Se a classe trabalhadora vitoriana poupava paia alguma coisa, ela poupava para a morte...”Se viveu na miséria, pelo menos queria ter um enterro decente. Tudo se fazia para não ser enterrado como indigente. Com a instituição dos Anatomy Acts (1832), os corpos de indigentes, não reclamados pela família, eram cedidos, por certa importância, aos anatomistas para dissecação... O cadáver se torna uma mercadoria (res) - podia ser comprado e vendido, deixando-se de lado os rituais e hábitos funerários praticados desde remotas eras. Surgiram, até, ladrões de cadáveres que eram vendidos às ocultas a médicos e hospitais.

Fatos idênticos aos que ocorreram na França e na Inglaterra tiveram lugar na Cidade do Salvador, Bahia, no século XIX.

CEMITERADA - REVOLTA PELA SALVAÇÃO

As igrejas serviam de cemitérios para todas as classes sociais, desde os nobres aos escravos. Estes, porém, jamais tiveram seus corpos enterrados no interior dos templos católicos. Eram levados à cova rasa no adro dos mesmos, em cerimônia simples.

Acova no adro era tão desprestigiada-informa o PROF. JOÃO JOSÉ REIS - que podia ser obtida gratuitamente. A grande maioria dos negros, porém, tinha os seus corpos sepultados em cemitério de indigentes.

Os membros das diversas irmandades gozavam, entretanto, de privilégios, possuindo “CARNEIRAS” (do latim *carnarium* - depósito de carnes) e ossuários nos templos que lhes eram específicos. Entretanto, ser enterrado “ALÉM DAS GRADES” da igreja, próximo ao altar do PADROEIRO ou da PADROEIRA significava grande prestígio, porquanto, o “DE CUJOS” iria ficar mais perto dos santos ou mesmo do Cristo. Era uma segurança para a alma. Acreditava-se que essa intimidade contaria

pontos no momento do “JUIZO FINAL”, além de beneficiar a alma no julgamento que se seguia à morte.

Esse funéreo costume seria revogado por uma lei datada de 26 de outubro de 1836, que o proibia terminantemente, por medida de higiene, concedendo a uma companhia privada por 30 anos, o monopólio dos enterros na capital baiana. Essa companhia (JOSÉ AUGUSTO DE MATOS E CIA) construía, antes, o CEMITÉRIO DO CAMPO SANTO, na estrada do Rio

Vermelho. O dia anterior à promulgação da lei, três dias depois da inauguração da referida necrópole, houve uma convocação promovida pelas irmandades e Ordens Terceiras de Salvador e organizações Católicas leigas. Naquele 25 de outubro de 1836, a cidade acordou com o barulho infernal dos sinos das igrejas, chamando os fiéis para o protesto coletivo, que teria como ponto inicial o famoso “TERREIRO DE JESUS”, no adro da Ordem Terceira de São Domingos.

Do terreiro, os manifestantes seguiram para a praça do palácio. Os membros das confrarias, centenas deles, estavam devidamente paramentados para a marcha revoltosa contra os “CEMITERISTAS”.

Carregavam cruces e bandeiras de suas respectivas ordens. Aos confrades se juntara o povo. Em frente ao palácio, revezavam-se os oradores. Pedia-se a anulação da lei que havia proibido os enterros nas Igrejas e concedido o monopólio de sepultamentos. O presidente da província, cedendo às pressões, garantiu suspender a proibição até o dia 7 de novembro, quando em sessão extraordinária, a Assembleia Provincial decidiria sobre o momentoso assunto. Ainda assim, os manifestantes ao abandonarem a praça, rumaram para o cemitério do Campo Santo. Na passagem, destruíram o escritório da empresa funerária. Segundo uma

testemunha ocular, foram as mulheres as autoras da destruição por apedrejamento. Este inusitado episódio da ainda mais inusitada revolta, seria relatado pelo “JORNAL DO COMÉRCIO”, do Rio de Janeiro, através de seu correspondente em Salvador, nestes termos:

A DESTRUIÇÃO DO CEMITÉRIO

“Eram duas horas. Havia 1.400 pessoas do povo na Praça do Palácio, e ali se achava um escritório com uma linda tabuleta que indicava a escritura do Cemitério ou da Sociedade. Eis que de repente, caía sobre ela uma nuvem de pedras, que em dois minutos derrubou tudo, e dizem que as pedras tinham sido levadas por uma porção de mulheres que ali estavam e que trouxeram debaixo das capas”.

Avisado da marcha do povo sobre o cemitério, o Presidente da Província (FRANCISCO DE SOUZA PARAÍSO), deslocou 30 policiais para reforçar o destacamento militar que protegia o Campo Santo. Entretanto, a multidão, em número de três mil, chegou à necrópole antes do reforço, munida de machados e alavancas. Em pouco tempo, os manifestantes arrasaram o cemitério, desde o portão e colunas da entrada principal às carneiras de tijolos e inúmeras pedras de mármore de sepulturas, ateando fogo aos coches, carruagens e panos funerários. Nem a capela escapou à sanha destruidora da turba enfurecida.

Concluída a destruição do cemitério, a multidão retomou ao centro da cidade em grande algazarra. ANTONIO JOSÉ ALVES (PAI DE CASTRO ALVES), estudante de medicina, que testemunhou o levante, assim o descreveu em linguagem da época (1836):

“Nenhum de nós deixa de recordar-se como em troféus trazia pelas ruas públicas d’esta cidade a escória da plebe os fragmentos dos mantos

funéreos, dos carros e das tumbas, dando vivas diferentes, e até ameaçando a aqueles que se mostravam descontentes de semelhantes cenas ou procurando disfeitar a alguém que sympathisasse com a instituição que lhes acabava de aniquilar!”

Cinco anos após o acontecimento o Dr. Antonio José Alves defenderia uma interessante tese sobre os sepultamentos nas Igrejas. Outros analistas da Cemiterada seguiram-se ao ilustre médico, destacando-se as figuras de ANTONIO JOAQUIM DAMÁSIO e o historiador INÁCIO ACIOLY BRAZ DO AMARAL, autor da consultadíssima obra “MEMÓRIAS HISTÓRICAS E POLÍTICAS DA BAHIA”, em sete substanciosos volumes.

OS SEPULTAMENTOS NAS IGREJAS E A SAÚDE PÚBLICA

Alguns anos antes da Cemiterada de 1836, alguns médicos baianos se manifestaram contra os sepultamentos nas Igrejas, argumentando que os gases decorrentes da decomposição dos cadáveres causavam doenças e epidemias.

Os mortos, desse modo, constituam séria ameaça à saúde pública. Requeria-se a construção de cemitério fora do perímetro urbano, como medida de higiene. As opiniões médicas sobre a identificação do contágio se dividiam. Criam uns no contágio através de MICRO-ORGANISMOS PATOLÓGICOS (INFECÇÃO MICROBIANA); admitiam outros “A TEORIA DOS MIASMAS” (INFECÇÃO MIASMÁTICA), sustentando que a matéria orgânica em decomposição infectava o ambiente fechado das igrejas, contaminando os seus frequentadores.

Informa o professor João José Reis que a questão é mais antiga. No final do século XVIII, publicava-se em Lisboa uma monografia de autoria

do brasileiro VICENTE COELHO DE SEABRA SILVA TELES, professor em Coimbra, sob o título; “MEMÓRIA SOBRE OS PREJUÍZOS CAUSADOS PELA SEPULTURAS DOS CADÁVERES NOS TEMPLOS E MÉTODOS DE OS PREVENIR”. Aqui na Bahia também surgiria um trabalho sobre o assunto escrito por LUÍS JOSÉ DE CARVALHO MELO, Visconde de Cachoeira, intitulado; “MEMÓRIA SOBRE OS ENTERRAMENTOS NAS IGREJAS”. Entretanto, a tese defendida pelo médico baiano MANOEL MAURÍCIO REBOUÇAS, em Montpellier, Paris (DISSERTAÇÃO SOBRE AS INHUMAÇÕES EM GERAL), é considerada, pelos pesquisadores, como o “primeiro estudo de fôlego sobre os enterros nas Igrejas”.

A Cemiterada baiana “foi um episódio - afirma o prof. João José Reis, em seu livro “A MORTE É UMA FESTA” - que teve como motivação central a defesa de concepções religiosas sobre a morte, os mortos e em especial os ritos fúnebres”.

Teve razão PIERRE VERGER (“PROCISSÕES E CARNAVAL NO BRASIL”), quando escreveu que o barroco baiano foi, principalmente “UM BARROCO DE RUA”, alimentado pelo ritos fascinantes dos funerais, a apoteose das provisões, as festas periódicas das confrarias, com músicas, danças, banquetes e uma profusão de fogos de artifícios, que levavam o povo ao delírio, acicatando as suas atávicas heranças sensoriais

Arremata o prof. João José Reis em sua obra supracitada - “Numa tradição que já vinha da Colônia (Brasil Colônia) religiosidade popular, festa e sexualidade se misturavam no imaginário coletivo da Bahia de Todos os Santos.

O COMÉRCIO DA SALVAÇÃO

O certo é que o século XIX suscitaria revolucionárias concepções sobre a morte, liberando-a até certo ponto, das malhas frias da religião oficial. O indivíduo, vivo ou morto estaria sempre sob a guarda pretoriana da igreja, que aos fiéis garantia, em troca da subserviência, a serenidade da santificação, usufruída nos verdejantes pomares e bosques luxuriantes do Paraíso. Ao pensar que iriam perder tantas e graciosas regalias, as irmandades e o povo em geral, apelaram para a violência, tentando a derrogação das leis que proibiam os enterros nos interiores dos templos e casas religiosas. Além de tais especiosos aspectos, destacava-se a perda de consideráveis numerários, porquanto o sepultamento intramuros custava uma fortuna, principalmente quando o “DE CUJOS” manifestava, testamentariamente, que desejava ter o seu corpo enterrado à beira de algum altar. Pensou-se, também, no desemprego do pessoal encarregado dos trâmites necessários ao sepultamento. Assim, as fileiras revoltosas das irmandades, engrossaram com a adesão dos clérigos (embora velada) e dos encarregados dos enterros, além do apoio da população, em que predominavam as mulheres.

Venceram, porém, o bom senso e os sanitaristas, construindo necrópoles além dos limites urbanos da época que terminaram mais tarde, nas mãos das irmandades. Revitalizava-se o “COMÉRCIO DA SALVAÇÃO”, muito mais rendoso, concluíram os economistas tupiniquins do Império que o explorado nos interiores dos templos. Assim que os cemitérios passaram para a guarda das poderosas irmandades, todos respiraram aliviados porque teriam de volta aqueles privilégios póstumos ambiciosamente disputados...

OS MESMOS ANSEIOS DE SALVAÇÃO CONTINUAM

Mais de cento e cinquenta anos depois da cemitizada ainda vigem, com uma força espantosa, aqueles mesmos anseios de salvação, com sofisticadas diversificações. Prometem-na através dos meios de comunicação, especialmente a televisão. E correm rios de dinheiro em direção ao velho mar da ambição, enriquecendo falanges de indivíduos: os “EMPRESÁRIOS DA SALVAÇÃO”. Lamentavelmente, o ser humano continua a perseguir quimera e alimentar ilusões, predispondo-se a ser ludibriado em sua boa fé. Despreza qualquer alusão à imortalidade e à sobrevivência da alma, que, no mundo espiritual, conforme o preceito evangélico, usufruirá dos resultados de sua conduta social. Depende, pois, do ESPÍRITO, apenas dele, o seu estado de harmonia ou desespero após a morte do corpo, e não de disposições religiosas, elaboradas à luz de interesses facciosos. Chegar-se porém, a esse ENTE-DE-RAZÃO constitui-se tarefa gigantesca de esclarecimento, analisando-se, na medida da compreensão popular, os luminosos e imortalistas valores da MENSAGEM DE JESUS, ratificados, substancialmente, no contexto dos caracteres da REVELAÇÃO ESPÍRITA.

PASSAGEM PARA OUTRA DIMENSÃO

O Juiz John Edmonds no primeiro volume de sua obra “Spiritualism” narra o que viu durante a desencarnação de um parente:⁷

“O moribundo”, escreve ele, “havia já exalado o último suspiro, quando vi emergir do seu cadáver aquilo que eu julguei deve ser o seu “corpo espiritual” sob a forma de uma nuvem densa que se elevou acima

⁷ O Magistrado John Edmonds, de Nova Iorque, iniciou suas pesquisas espíritas em 1852, após contatar com o espírito de sua falecida esposa. “Sights and Sounds”, livro de sua autoria que descreve as experiências que realizou com um grupo de estudiosos. É considerado um dos grandes médiuns de sua época.

do corpo, tomando rapidamente um aspecto humano que me pareceu iluminar-se e animar-se, tornando-se vivo e inteligente. Compreendi que tal se verificara por ter o Espírito abandonado o corpo somático. Desde que isso se deu o Espírito lançou em tomo um olhar surpreso, como que procurando compreender o que lhe havia acontecido; não tardou muito, porém, a se orientar e a expressão que então iluminou a sua fisionomia demonstrava que a situação já não lhe era estranha. Para tão rápida compreensão de n ao pouco lhe deve ter valido o que relativamente à vida futura havia estudado quando aqui na Terra.”

“Deixou pairar por um instante um olhar de despedida, cheio de afeto, sobre os seus parentes e amigos reunidos junto ao leito mortuário, e elevou-se, em seguida, como que arrebatado em nuvem luminosa. Vi-o desaparecer ao longe, acompanhado de três espíritos que o haviam assistido enquanto formava o seu corpo espiritual.”

“Um era o Espírito do filho que havia morrido 24 anos antes, outro o de um de seus sobrinhos e o terceiro o de um desconhecido com aparência de pessoa de certa idade.”

William Stainton Moses observou fenômeno idêntico quando da desencarnação de seu pai, do que publicou uma resenha na Revista “Ligth”, de 09 de julho de 1887:

“Ultimamente, pela terceira vez em minha vida, tive ensejo de estudar o processo da transição do Espírito e tanta coisa consegui observar que me sinto feliz de poder ser útil narrando o que vi:

“Tratava-se de um parente próximo com cerca de 80 anos de idade, que se encaminhava para o túmulo, sem ser arrastado por qualquer enfermidade especial... Por alguns sintomas de aparência insignificante, notei que o seu

fim se aproximava.

“Auxiliado pelos meus sentidos espirituais, não me foi difícil perceber que, em seu torno e sobre si, se reunia a aura luminosa com a qual o Espírito deveria constituir o seu corpo espiritual; ia notando que essa aura aumentava rapidamente de volume e densidade apresentando contínuas variações mais ou menos de acordo com as oscilações que experimentava a vitalidade do moribundo. Dado me foi ainda possível verificar que, às vezes, um simples alimento ingerido ou mesmo o influxo magnético desprendido de alguém que se aproximava era o bastante para animar, momentaneamente, o corpo, parecendo determinar um revigoramento dos laços que prendiam o Espírito a este, o que se ia refletir na aura imprimindo-lhe movimento semelhante de fluxo e refluxo.”

O fenômeno foi observado por doze dias e doze noites, destacando-se a cor da aura, que ia tomando forma mais ou menos definida.

Prossegue o Reverendo Stainton Moses:

“... 24 horas antes do falecimento, quando o corpo jazia inerte, com as mãos cruzadas sobre o peito, foi que vi aparecer os Espíritos Guias, que se aproximaram do moribundo e sem qualquer esforço ajudaram o Espírito a se desprender do corpo esgotado.”

“Os cordões afinal se romperam e os traços do defunto, nos quais até então se liam os sofrimentos curtidos, serenaram completamente, tomando uma expressão de inefável paz e descanso.”

Ernesto Bozzano em seu livro “Metapsíquica Humana”, 1928-FKH, destaca a importância e o valor especial desses fatos, e transcreve a opinião que o Espírito George Pelham deu ao Prof. Hodgson, por intermédio da

médium Eleanor Piper:

“Não acreditava”, diz ele, “na sobrevivência da alma. Esta crença estava fora daquilo que a minha inteligência podia conceber. Hoje pergunto a mim mesmo como me foi possível dela duvidar. Temos um duplo do corpo físico, que persiste, sem qualquer alteração, de pois de sua dissolução.”

Caso extraordinário é contado por Dr. Hipólito Baraduc:

Ele se colocou em estado de auto-hipnose, aguçando sua percepção visual, a fim de observar, nos mínimos detalhes, a desencarnação de sua esposa: assim devidamente preparado, viu elevar-se, do lado esquerdo da moribunda, uma leve névoa luminosa. A mesma coisa aconteceu no plexo e na cabeça. Na nuvem que se erguia lentamente, podia ver a formação de pontos de condensação brilhantes. Aos poucos, estas manchas vaporosas não muito distintas condensaram-se e salientaram-se, e por fim se reuniram. Viu como se desenhava a cabeça, o perfil do corpo, dos braços e dos membros inferiores. Depois se formou um cordão que foi se tornando cada vez mais brilhante. Esse cordão reunia o corpo nebuloso e flutuante ao corpo inerte sobre a cama. Somente as mãos pareciam ainda vivas e procuravam roçar de leve o lençol na altura do plexo, como que tentando afastar o cordão (fio de prata) e que em caso de desdobramento liga o perispírito ao corpo físico, sem romper-se, a não ser no momento da desencarnação.

Àquela altura, o Dr. Hipólito Baraduc mandou aquecer um tubo cilíndrico de lei ferro, quando vermelho, depositou-o no “frio de prata” causando uma espécie de um curto-circuito. O longo fio agitou-se e desfez-se na nuvem que se tornara condensada e luminosa.

O perispírito ficou pairando, por algum tempo no ar, elevou-se e atravessou lentamente a parede.

O Dr Baraduc testemunhara um fato que parece surpreendente mas que aconteceu com a maior naturalidade, de modo contínuo, indiferente as crenças e descrenças.

O EXTRAORDINÁRIO VIDENTE ANDREW JACKSON DAVIS

Andrew Jackson Davis é considerado o “Pai do espiritualismo Moderno”, nasceu em 1826, num distrito rural de Nova Iorque (E.U.A.), às margens do rio Hudson.

Começou, desde cedo, a ouvir vozes, nele se desenvolvendo (como em seu compatriota Edgar Cayce) dons mediúnicos com aplicação de diagnósticos médicos. Em 06 de março de 1884, foi transportado espiritualmente da cidadezinha de Poughkeepsie, onde morava, às montanhas de Catskill, onde entrou em contato com os Espíritos Galeno e Swedenborg. Quando em transe, falava várias línguas, inclusive o hebraico, todas dele desconhecidas, expondo admiráveis conhecimentos de Geologia, Arqueologia Histórica e Bíblica e de Mitologia. Tudo isto despertou a atenção de homens sérios e cultos (entre eles Edgar Allan Poe), que não conseguiram decifrar a origem daquela demonstração de profundos conhecimentos em um jovem matuto sem instrução.

Durante dois anos ditou, em transe inconsciente, um livro sobre os segredos da Natureza, publicado em 1847, sob o título - “OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA”, considerado por Arthur Conan Doyle como “um dos livros mais profundos e originais de Filosofia”.

O potencial de suas faculdades mediúnicas atingiu maior expressividade após os 21 anos de idade, e ele pôde, então, observar mais

nitidamente o processo desencarnatório de várias pessoas, narrando-o em todas as suas minúcias. Suas descrições estão de acordo com inúmeras outras feitas por médiuns de diferentes países. Eis um de seus principais relatos, sobre o desprendimento da alma no momento da morte:

“Quando soou a hora da morte, achava-me eu, felizmente, em perfeito estado de saúde, o que me permitia o pleno exercício da minha faculdade de vidência.

“Era uma senhora de cerca de sessenta anos, a quem freqüentemente eu prestava cuidados especiais.”

“Coloquei-me de modo a não ser visto ou interrompido nas minhas observações psíquicas, e pus-me a estudar os misteriosos processos da morte.

“Vi que a organização física não podia mais bastar às necessidades do princípio intelectual; diversos órgãos internos pareciam, porém, resistir à partida da alma. O sistema muscular procurava reter as forças motrizes. O sistema vascular debatia-se para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava quanto podia para impedir o aniquilamento dos sentidos físicos, e o sistema cerebral procurava reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois esposos, resistiam à separação absoluta. Esses conflitos internos pareciam à princípio produzir sensações penosas e perturbadoras. Foi com satisfação que percebi que tais manifestações físicas indicavam - não a dor ou o sofrimento, mas apenas a separação da alma e do organismo.

“Pouco depois a cabeça ficou cercada duma atmosfera brilhante; de repente, vi o cérebro e o cerebelo estenderem suas partes interiores e suspenderem o exercício de suas funções galvânicas, tornando-se saturados de princípios vitais de eletricidade e magnetismo, que penetravam nas

partes secundárias do corpo.

“Por outras palavras, o cérebro tornou-se dez vezes mais preponderante do que era no estado normal.

“Esse fenómeno precede invariavelmente à dissolução física

“Constatee depois o processo por meio do qual a alma se destaca do corpo. O cérebro atraiu os elementos de electricidade, magnetismo, movimento, vida e sensibilidade espalhados em todo o organismo. A cabeça como que se iluminou, e observei que, ao mesmo tempo que as extremidades do corpo se tornaram frias e obscuras, o cérebro tomava um brilho particular.

“Em torno dessa atmosfera fluídica que cercava a cabeça vi forma-se outra cabeça, que se desenhava cada vez mais nitidamente. Tão brilhante era que eu mal podia fitá-la; à medida, porém, que ela se condensava desaparecia a atmosfera brilhante. Deduzi daí que esses princípios fluídicos, que tinham sido atraídos pelo cérebro, de todas as partes do corpo, e então eram eliminados sob a forma de atmosfera particular, antes se achavam solidamente unidos, segundo o princípio superior de afinidade do Universo, que se faz sempre sentir em cada parcela da matéria.

“Do mesmo modo por que a cabeça fluídica se desprendera do cérebro, vi formarem sucessivamente o pescoço, os ombros, o tronco, e enfim o conjunto do corpo fluídico.

“O Espírito elevou-se verticalmente acima da cabeça do corpo abandonado...

“Descobri, então, que pequena parte do fluido vital voltava ao corpo material, logo que o cordão ou liame elétrico se quebrava. Este elemento

fluídico, espalhando-se por todo o organismo, impedia a imediata dissolução do corpo.

“Não é prudente enterrar o corpo antes de começar a decomposição. Muitas vezes, antes da inumação, o cordão fluídico ainda não está quebrado. E por isso que pessoas que parecem mortas voltam à vida no fim de um dois dias, narrando as sensações que experimentaram.

“Não pude saber o que se passava nessa inteligência que revivia; observei, entretanto, a sua calma e a profunda admiração que lhe causava a dor daqueles que choravam em volta do corpo.

“Pareceu-me que ela compreendeu, por fim, que essas pessoas ignoravam o que realmente se passara.”

Nas “viagens” que, desprendido do corpo, fez ao Mundo dos Espíritos – Andrew Jackson Davis presenciou, num lugar a que se chamou “Summerland” a educação harmoniosa das crianças desencarnadas, reunidas por grupos, em grandes e belos edifícios, nos quais se lhes administravam instrução e cuidados especiais, tudo de acordo com a idade e os conhecimentos delas.

Davis ficou tão maravilhado com o sistema ali adotado e sua engenhosa organização, que buscou concretizá-los no plano terrestre. Fundou então, o primeiro LICEU ESPÍRITA, em 25 de janeiro de 1863, em Dodosworth Hall, Broadway, Nova Iorque.

Como sempre, os indefectíveis invejosos e despeitados procederam a infamantes campanhas contra Andrew Jackson Davis, que, com superioridade, a tudo se sobrepunha com tolerância evangélica e admirável compreensão.

Desencarnou no dia 13 de janeiro de 1910, aos 84 de idade, na sua residência de Hatertown, no estado de Massachusetts, cômico de sua posição pioneira no contexto do movimento espírita neste orbe de provas e expiações.

A ALMA SAI DO CORPO PELO CRÂNIO

O Dr. Ciriax, citado por Alfre Erny, em “O Psiquismo Experimental” FEB, afirma que “o modo por que a morte é descrita por centenas de videntes prova que a alma sai do corpo pelo crânio. Notaram esses videntes que, logo após essa saída, uma nuvem vaporosa se eleva acima da cabeça e, tomando a forma humana, se condensa pouco a pouco, assemelhando-se cada vez mais a uma pessoa morta. Mesmo depois de formado, esse corpo se condensa ligado por algum tempo ao despojo carnal por um laço fluídico que parte da região intermediária entre o coração e o cérebro. A morte por si mesma nada é; mas, há dificuldade a vencer para se morrer, como há igualmente para nascer.”

E conclui:

“Algumas pessoas têm a sensação da sua morte, outras não têm ou muito pouco a experimentam. Para o maior número dos homens, a morte é como um sonho produzido por narcóticos. Eis, porque, desde que despertam no outro mundo, não sabem mais onde se acham. Morrendo, o ser humano não se torna melhor nem pior.”

Eis o que afirma o Dr. Carl du Prel, de Munique (Alemanha):

“A morte extingue o corpo material e desperta o corpo astral (perispírito).

Entre os gauleses, os druidas afirmavam que a alma se revestia de um

corpo novo”⁸.

A afirmação do Barão Carl du Prel sobre o corpo espiritual, já conhecido dos druidas, seria aprofundado a partir das pesquisas que ele realizou em torno dos fenômenos espíritas, participando, inclusive, de memoráveis sessões de efeitos físicos e de materializações com a médium Eusápia Paladino, em Milão, Itália, no ano de 1892, ao lado de Charles Richet, Alexandre Aksakof, Giovanni Schiaparelli, Ecore Chiaia, César Lombroso e C. B. Ermacora.

Já o Professor Frederick Myers, dizia a respeito da sobrevivência da alma:

“Não se pode mais permitir que a ciência ignore o problema da segunda vida, e que a Filosofia pretenda resolvê-lo. O que se deve procurar hoje são provas, imparcialmente colhidas, da sobrevivência do homem após a morte, do mesmo modo que se estudaram as opiniões segundo as quais o homem podia até certo ponto descender de outro animal.”

O trecho acima descrito é parte do trabalho lido pelo Prof. Frederick Myers no Congresso Psíquico de Chicago (U.S.A).

⁸ DRUIDAS - mestres, adivinhos e poetas, os druidas constituem, até, um enigma, a partir da própria origem do nome que parece derivar do grego DRUS, que significa “carvalho”. Júlio César, o grande conquistador romano, afirmava que o vocábulo adquire o sentido de “vidente” ou “sábio”, conforme a função que essa gente exercia na sociedade celta. Aliás, foi César o primeiro a verificar que os druidas não eram uma classe sacerdotal, e sim uma classe que ascendia por méritos pessoais. Eram encarregados da ordem metafísica do Saber. Habitavam a Gália, a Bretanha e a Irlanda. Segundo o Espírito Zéfiro, o Codificador do Espiritismo seria a reencarnação de um druida que se chamava Allan Kardec. Sobre o túmulo onde foram sepultados os restos mortais do mestre Lyon erigiu-se um magnífico dólmen, monumento típico da cultura céltica. Na verdade os dólmens não eram, apenas, monumentos funerários; eles ocultavam galerias e câmaras subterrâneas onde os druidas sentiam e auscultavam a terra, registrando os seus movimentos telúricos e sua intensidade. Eles também se voltavam para o espaço exterior, mapeando, segundo consta, a Via Láctea e determinando a posição da Estrela Polar no equinócio da primavera e reconhecido a esfericidade da Terra. No século XVIII, surgia, na Escócia, o neodruidismo até hoje cultivado em vários pontos da Europa, da América do Norte e na Austrália.

Diria, então, Alfred Erny:

“Os mais felizes são os que têm tido essas provas, mas nem a todos é dado obtê-las. Mais tarde, à medida que a ciência progredir, essas provas se tornarão cada vez mais evidentes e não poderão ser discutidas.

“A morte não mais será então um espantinho, e, quem sabe, em vez de se lamentar, não se festejará a libertação do Espírito encarnado?”

Apreciemos, a seguir, o problema da Morte Aparente, citada nos arrazoados do vidente norte-americano Andrew Jackson Davis.

A MORTE APARENTE - O PERIGO DE SER ENTERRADO VIVO

No livro “Vida, Morte e Reencarnação”, da Editora ECO, tradução do Dr. Francisco Klors Werneck, de saudosíssima memória, há uma série de excelentes trabalhos de autoria dos eminentes estudiosos: Paul Bodier (autor de “A Granja do Silêncio”), Charles Lancelin (autor de “Méthode de Dédoublement Personnel”), Gustave Geley (autor de “L”être Sub-ronscient”) e Francesco Zingaropoli (autor de “L”anima degli animali”). Dos trabalhos apresentados, nos livros supracitados, destacamos o de responsabilidade de Francesco Zingaropoli, sob o título: A MORTE APARENTE.

O autor, de início, relata casos de morte aparente acontecidos em remotas épocas, como por exemplo, a morte de Zenon, Imperador bizantino, enterrado em um sepulcro por sua mulher Ariadne, nos anos 491, durante um gravíssimo ataque epiléptico. Três dias depois foi achado morto de verdade, mas com o braço horripelantemente dilacerado pelos dentes.

O célebre poeta Scotto era cataléptico (estado em que ficam temporariamente suspensos os movimentos voluntários e a sensibilidade).

Foi enterrado vivo durante uma crise, na ausência de seu servo que sabia de sua doença. Tirado da sepultura, seus familiares verificaram que morrera sufocado, lendo mordido desesperadamente, os lábios.

De morte igual faleceram filósofos, médicos, poetas, reis e imperadores, nem falar rios supostos mortos enterrados apressadamente nos tempos das epidemias, de guerras, e tantas mulheres torturadas por longas e cansativas gestações, caídas em desmaio.

Na “Apneologia, overo morte aparente dell’uommo”, Angelo Corni narra o caso da mulher de um Cônsul de Colônia (Alemanha), enterrada viva no ano de 1557: “Aproveitou-se da noite o coveiro para furtar-lhe algumas jóias e ela despertou e lhe segurou o braço; o ladrão, com o susto, desmaiou. Ela se levantou e foi para sua casa, agradecida, de qualquer sorte, ao coveiro larápio.”

O Abade Prevot, autor do polêmico livro “Manon Lescaut”, readquiriu as energias vitais e o conhecimento, sob o bisturi do cirurgião, durante a necropsia.

O Dr. F. Galvagno, em seu livro “LAMORTE APPARENTE O PERICOLO DI ESSERE SEPOLTO VIVO E IMEZZI DI EVITARLO”, relata alguns fatos de que foi expectador.

Impressionante é o caso de Anna T., da comuna de Serra-Vale, Itália, julgada morta por metrorragia puerperal. Surgindo na mente do Dr. Galvagno a suspeita de morte aparente, ela foi desenterrada e, “espetáculo horrendo: o lençol que envolvia o corpo da pobre senhora estava rasgado e descozido em muitos lugares, ao passo que ela jazia sobre o lado direito, e a mão esquerda, suja de sangue, segurava fortemente, a mandíbula inferior”. Inúteis foram os meios para trazê-la à vida, ela expirou antes da

chegada do Dr. Galvagno.

Literatos e artistas, como Boccacio, Edgar Allan Poe, Honoré de Balzac, Emile Zola e outros, escolheram muitas vezes, para assuntos de suas criações, histórias de vivos enterrados como mortos. Antes, porém, registra-se uma farta bibliografia sobre a momentosíssima temática. Eis as mais antigas: “Demiracullis Mortuorum”, de Henricus Kormanus, Frankfurt, Alemanha, 1610; “De Causis Mortis Repentinae”, de M. Tirellus, Veneza, Itália, 1614; “De Mortuorum Ressurrectione”, de Paulus Zachias, Amsterdam, Holanda, 1651; “Dissetartio de incertitudine Signorum et Mortis”, de Jonhannes Menghin, Viena, Austria, 1768.

Modernamente, destacam-se os nomes mais ilustres numa constelação de pesquisadores, em que se inclui a figura ilustre de Charles Richet (Prêmio Nobel de Medicina), um dos eruditos fundadores do Instituto de Metapsíquica de Paris (1909).

O Dr. Simon Carleton disse que, em 30 mil inumações, se encontra, em média, um caso de pessoa enterrada viva. Segundo seus cálculos, do começo da era cristã ao ano de 1931 haveria, só na Europa 4 milhões de pessoas enterradas vivas!

OS SINAIS SEGUROS DA MORTE - AS EXPERIÊNCIAS DA “QUASE MORTE” - AS PESQUISAS DE PSICÓLOGOS - A MORTE DE LEON DENIS

Quais os sinais seguros para se aceitar a morte?

“Entre os autores que enfrentaram e discutiram o problema - informa Francesco Zingaropoli - é de assinalar o Professor Severin Icard, de Marselha (França), autor de dezoito volumes sobre a morte aparente, o primeiro dos quais foi impresso em 1896 com o título de “Morte Real e Morte Aparente”, começando com as seguintes palavras:

“A morte aparente não tem necessidade de definição porque se explica por si mesma: é a vida sob a aparência de morte.”

O Dr. Icard ao se referir a “aparência de morte”, admite todos os sintomas que a ciência até então não estabeleceu. “Mas todos esses sintomas” - adverte - “não possui nenhuma infalibilidade.” Suscitaram-se, destarte, vários expedientes para evitar o enterramento de pessoas dadas como mortas. Destaca-se, entre outras, a idéia de se depositar os corpos dos letárgicos, catalépticos, quando não manifestos os sinais indubitáveis de decomposição, em câmeras mortuárias onde o suposto morto, ao despertar, encontrasse luz e ar.

Inventou-se, até, um aparelho o Dinamoscópio, descrito na Revista “Filosofia della Scienza”, de autoria do Dr. Collonques, após demoradas observações em um hospital de Paris (França).

Em seguida, Francesco Zingaropoli conjectura:

“Pensemos na possibilidade de que o suposto morto, já mudo e inerte expectador de seu funeral, sinta que é levado para ser ENTERRADO vivo.”

Quanto a essa preocupação do antigo diretor da Revista “Mondo Ocullo”, de Nápoles, confirmaram-na as revelações mediúnicas. Ele próprio Francesco Zingaropoli, cita o Professor Ernesto Bozzano, que publicou uma interessante monografia - “A Crise da Morte” - “Onde as mensagens dos mortos concordam entre si de modo admirável, a ponto de não encontrar nenhuma discordância inconciliável com as afirmações dos Espíritos comunicantes.”

Adiante, cita o caso de Rodolfo Valentino, baseando-se no livro de Natacha Rambova sob o título “Rudy”, onde se inserem mensagens

póstumas do carismático ator argentino, entre as quais se destaca a que se segue:

“Senti uma estranha sensação: parecia que eu afundava no vácuo, fora de todas as coisas. Tinha a impressão de que o meu corpo se tornara pesado e, ao mesmo tempo, a de que havia em mim alguma coisa que me parecia cada vez mais leve como se eu houvesse de elevar-me nos ares, de um instante para outro. O tempo se escoava e isso adquiria para mim singular importância... sentia-me como que imerso numa apavorante sensação de imensidade que me oprimia e me fazia tremer a alma.”

E, finalmente, refere-se à obra “There is no Death” (“A Morte não Existe”), da Senhora Florence Marryat, contendo mensagens de desencarnados que recordam o momento do trespasse.

Francesco Zingaropoli encerra o seu trabalho citando Edgar Allan Poe, o imortal poeta norte-americano, que registrou o “Mistério da Morte”, no “Colóquio entre Monos e Una”, Monos e Una encontram-se no túmulo e Monos descreve o momento da separação do Espírito do corpo e o período de estupor que se segue à desencarnação.

Allan Kardec, na Revista Espírita do ano de 1862, conta a história da “Torre de São Miguel”, na cidade de Bordeaux (França), onde um homem foi enterrado vivo, cujo Espírito foi evocado na Sociedade Espírita do Saint-Jean d’Angely. Perguntado se se lembrava dos instantes da morte, o Espírito respondeu:

“É algo horrível, impossível de se descrever. Imagine estar em uma cova, com vários metros de terra em cima, querer respirar, faltar ar, querer gritar: “Estou vivo!” E sentir a voz abafada; ver-se morrer e não poder pedir socorro; sentir-se cheio de vida e riscado do rol dos vivos, ter sede e não

poder saciá-la; sentir as dores da fome e não poder pará-la; numa palavra, morrer numa de danado!”

Na atualidade, o problema da natureza dos estados post-mortem vem sendo encarado, com inusitada preocupação, pelos psicólogos e outros pesquisadores. Observa-se que os debates se dirigem, de ordinário, para a área de cogitações a respeito da sobrevivência da personalidade após a morte. Perguntam-se então: será que a personalidade se manteria a mesma? Qual seria a sua forma de identificação? Qual seria o seu estado de consciência? A noção do EU sofreria alguma modificação profunda? Qual o ambiente em que permaneciam “estocadas” tais personalidades? Como seria o aspecto ecológico dessas supostas regiões? E depois, qual o destino ou a finalidade dessa pós-vida?

“São estes” - observa Ernani Guimarães Andrade (“Morte, Renascimento, Evolução”) “os problemas debatidos modernamente nos meios onde se faz pesquisa séria em torno da morte e da sobrevivência.”

Em seguida refere-se ao caso de Catherine Hayward (relatado pela Dra. Elizabeth Kubler-Ross), que retornou duas vezes à vida, após ter sido dada como morta. Na primeira vez, ela voltou contra a sua vontade.

Catherine sofria, desde 1979, de uma doença fatal - a “Doença de Hodgkin”. Segundo a paciente confessou à Dra. Kubler-Ross, ela estaria satisfeita com a perspectiva da morte, já não suportava mais os sofrimentos.

Eis o que se passou com Catherine Hayward quando esteve em estado de coma:

“A última coisa de que me lembro era estar caminhando dentro da sala de emergência. Quando acordei, achava-me na Unidade de Terapia

Intensiva, com tubos e fios ligados a mim. Ouvi um alarme e vi uma enfermeira caminhar em direção à minha cama. Então repentinamente achei-me flutuando sobre o leito, observando a atividade ao redor do meu corpo.”

E prossegue:

“Enquanto observava o médico reclinado sobre aquela forma, sentia-me muito leve e livre. Era um alívio achar-me solta daquela gaiola em derrocada. Então pareceu-me passar rapidamente através de uma espécie de túnel em direção a uma luz...”

Nesse momento, Catherine ouviu uma voz que lhe dizia:

“Você precisa voltar. Precisa aprender a ser uma criança. Isto é algo que você não experimentou. E tempo de você ter aceito sua missão.”

Catherine lutou para não retomar ao corpo doente. Todo o seu esforço foi em vão: ela voltou à vida, sentindo-se porém, triste e deprimida.

Algum tempo depois, sobreveio uma grave recaída, e ela entrou, pela segunda vez, em estado de choque, do qual saiu recuperada, embora a sua moléstia fosse considerada fatal. Atualmente ela é uma pessoa saudável e feliz.

Outro pesquisador com uma grande experiência em casos de pessoas que se encontram próximas da morte,” é o Dr. Raymond A. Moddy Jr., que publicou os seguintes livros: “A vida depois da vida” e “reflexões sobre a vida depois da vida”, ambos editados no Brasil pela Ed. Nórdica/RJ.

O Dr. Moddy entrevista centenas de pessoas que passaram pela crise da “quase morte” e foram reanimados. Dos casos estudados, o psiquiatra

norte-americano elaborou um resumo, em que se alinha uma série de elementos comuns contidos nas narrações.

As semelhanças observadas nos relatos, deram ensejo a que se formulasse um quadro padrão, destacando-se as seguintes ocorrências:

- a. “as sensações são inexprimíveis em linguagem corrente;
- b. “o paciente, geralmente, ouve a notícia de que está morto, dada pelo médico ou pelas pessoas que o estão socorrendo;
- c. “sensações auditivas estranhas, algumas desagradáveis, ocorrem na maioria dos casos, são descritas como semelhantes a toques de campainhas, zumbido, assobio de vento, etc. Em alguns casos há menção de música agradável;
- d. “sensação de alívio, relaxação e paz é o que a maioria dos moribundos percebe no final do transe;
- e. “experiência de estar atravessando um túnel é muito comum;
- f. “a pessoa sente-se flutuando livremente no espaço e, algumas vezes, pode assistir ao próprio corpo no leito, bem como as pessoas ao seu redor;
- g. “o paciente passa a ver outras pessoas conhecidas e desconhecidas, geralmente desencarnadas;
- h. “os que passam pela experiência relatam o encontro com um Ser de Luz;
- i. “após a aparição do Ser de Luz, sobrevêm a visão panorâmica da vida do moribundo. Essa recapitulação é rápida, mas resume todos os detalhes do passado individual. A visão pode acontecer independentemente do aparecimento do Ser de Luz.

Das investigações realizadas até agora, duas conclusões são nitidamente possíveis - afirma Ernani Guimarães Andrade:

1. há evidência observacional dando suporte à crença na sobrevivência do Espírito após a morte;
2. o morrer parece, em seu aspecto mais genérico, ser uma experiência menos dolorosa do que normalmente se supõe!”

Os relatos dos que vivenciaram uma quase desencarnação, observados por criteriosos cientistas, contribuem, sem dúvida, para ratificar as concepções espíritas sobre a sobrevivência da alma.

O livro “O QUE É A MORTE” de autoria do Dr. Carlos Imbassay, focaliza a questão com rara propriedade.

Preliminarmente, o ilustro baiano traça um perfil da “morte física”, fundamentado nas cogitações da ciência. E convoca, a propósito, o testemunho de Brouardel: “Não podemos em medicina legal admitir que a parada do coração seja o momento da morte. Nem há sinais que possam em todos os casos precisar esse momento.”

E o Dr. Maurice d’Halluin, citado por Imbassay, pergunta:

“Quando chega a morte? Acompanha ela sempre o último suspiro e o desaparecimento dos sinais de vida? Qual o desfecho? Ou o desastre? Quelle en l’estréchéance?”

Em seguida, abre o espaço para a opinião de Afrânio Peixoto:

“A tanatognose serve-se de várias ordens de sinais que se podem averbar de duvidosos, prováveis e certos.”

Finalmente, o Dr. Carlos Imbassay trata do “processo da morte” ou, em outras palavras, como o Espírito se liberta em definitivo do corpo que lhe serviu de veículo na sociedade terrena:

“... Forma-se outra cabeça, que depois se condensa; vai-se apagando o brilho luminoso da cabeça do moribundo e se vão formando outras partes do corpo, e afinal um fantasma completo plana acima do cadáver em posição horizontal. Tudo que era vida passa para o fantasma e o anima. Ele se acha ligado ao corpo pelo laço fluídico. Mas enquanto não se rompe, o indivíduo não morre. A decomposição será mais ou menos lenta conforme a altura em que o laço se romper.”

Léon Chevreuil assim descreve os trâmites da desencarnação:

“Nos seres voluntariosos, dominadores, materiais, a agonia é às vezes dolorosa. Há agonizantes que se contraem horrivelmente, que se agarram, arranham a parede, arrancam com as unhas pedaços de pele.”

O Espírito Joana de Ângelis, em “Estudos Espíritas” (FEB), comenta:

“A morte é o veículo condutor encarregado de transferir a mecânica da vida de uma para outra dimensão.”

E conclui:

“No homem representa a libertação dos implementos orgânicos facultando ao Espírito, responsável pela aglutinação das moléculas constitutivas dos órgãos, a livre ação fora constrição restritiva da seu campo magnético.”

Uma vez desprendida dos restos de suas vestes corporais, a alma se acha em seu estado normal de Espírito. E somente então que se pode julgá-la. E ela preserva suas qualidades e seus defeitos, suas imperfeições, seus preconceitos, suas prevenções, etc.

Em “A MORTE E O SEU MISTÉRIO” - volume 1, Camille

Flammarion indaga:

“Devemos temer a morte por nós ou pelos que amamos?”

“O terror da morte é uma palavra sem sentido?”

“De duas coisas uma: ou morremos definitivamente, ou continuamos a existir para além túmulo. Se morremos inteiramente, nada saberemos, jamais, acerca disso, e, por conseqüência, não o sentiremos. Se continuamos a existir, o assunto merece ser examinado.

“Que o nosso corpo acaba, um dia, de viver, não há dúvida alguma; ele se dissociará em milhões e integrará novos corpos.

“Todo homem pensa” - prossegue o grande astrônomo francês - “não pode deixar de ser perturbado, nas suas horas de meditações pessoais, por esta perspectiva: “Que será feito de mim? Morrerei inteiramente?”

O estudo perseverante deste grande problema leva-nos a pensar que o mistério da morte é menos obscuro e sombrio do que se acreditava até agora, e que ele pode iluminar-se, aos olhos do nosso Espírito, de certas claridades reais e experimentais que não existiam há meio século.

Na obra “O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR”, Léon Denis, afirma que a morte é uma simples mudança de estado, a destruição de uma forma frágil que já não proporciona à vida as condições necessárias ao seu funcionamento e à sua evolução. Para além da campa abre-se uma nova fase de existência.

E no seu peculiar estilo poético, sentencia:

“A vida do homem é como o sol das regiões polares durante o estio. Desce devagar, baixa, vai enfraquecendo, parece desaparecer um instante

por baixo do horizonte. E o fim, na aparência; mas logo depois, torna a elevar-se, para novamente descrever a sua órbita imensa no céu.”

“A morte é apenas um eclipse momentâneo na grande revolução das nossas existências; mas basta esse instante para revelar-se o sentido grave e profundo da vida. A própria morte pode ter também a sua nobreza, a sua grandeza.”

“Toda morte é um parto, um renascimento; é a manifestação de uma vida até aí latente em nós, vida invisível da Terra, que vai se reunir à vida invisível do espaço.”

Concluindo a sua emocionante dissertação sobre a morte, exclama o inesquecível filósofo francês:

“ó morte, ó serena majestade! Tu, de quem fazem um espantinho, és para o pensador simplesmente um momento de descanso, a transição entre dois atos do destino, dos quais um acaba e o outro de prepara.”

E ele próprio se confessa ante a morte:

“Quando a minha alma, errante a tantos séculos através dos mundos, depois de muitas lutas, vicissitudes e decepções, depois de muitas ilusões desfeitas e esperanças adiadas, for repousar de novo no teu seio será com alegria que saudará a aurora da vida fluídica; será com que se elevará do pó terrestre, através dos espaços insondáveis, em direção àqueles a quem estremeceu neste mundo e que a esperam.”

Na hora do testemunho, Léon Denis soube honrar este compromisso, com a serenidade que soem possuir os Espíritos de escol:

Relata Gaston Luce, os trâmites da desencarnação do mestre de Tours,

ocorrida no dia 12 de abril de 1927:

“...Léon Denis não tinha mais que algumas horas de vida.

“Sua vida se sustenta apenas por um sopro, e o sopro era mais que um estertor.

“Algumas palavras, para nós ininteligíveis, escapavam, às vezes, de seus lábios. Seus olhos, constantemente abertos, pareciam fixar o mesmo ponto no espaço.

“Que via ele? Que ouvira? Seu rosto refletia uma perfeita serenidade.

“Às 21 horas, subitamente, o estertor estancou.

“A enfermeira nos fez sinal para nos aproximar. Ela mantinha em sua mão a do velho mestre.

“Ele parecia em êxtase. Coisa notável: a expressão de seu olhar não havia mudado.

“Esperávamos um estremecimento, um soluço supremo que não aconteceram.

“Um silêncio cheio de mistério do Além enchia o quarto. Léon Denis nos havia deixado. Sua missão entre nós estava terminada.

“Deus guarde este sábio e esse justo, que foi grande entre os homens.”

A TRANSIÇÃO: PESQUISA KARDECIANA

No capítulo I, de “O CÉU E O INFERNO, KARDEC TRATA DE UM TEMA SEMPRE ATUAL: A TRANSIÇÃO:

“(…) muitas pessoas não temem propriamente a morte, o que temem é

o momento da transição. Sofremos ou não ao fazer essa passagem? É isso o que as inquieta com tanto mais razão quanto ninguém pode escapar a esse momento. Podemos deixar de fazer qualquer outra viagem, mas quanto a esta, tanto os ricos como os pobres terão de fazê-la e se ela for dolorosa, nem a posição e nem a fortuna poderiam suavizar a sua amargura”

E o Codificador pergunta:

Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação da alma do corpo? Quem nos relatará as sensações desse instante supremo? Sobre isso - conclui - a Ciência e a Religião se calam.

E por que se calam? Porque falta a uma e a outra o conhecimento das leis que regem as relações dos espíritos com a matéria. Um pára no limiar da vida espiritual, a outra no da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre essas duas. Somente ele pode revelar como se opera a transição, seja em virtude das noções positivas que oferece sobre a natureza da alma, seja com as informações dadas pelos que deixaram a vida. O conhecimento do elemento fluídico (o perispírito) que une a alma ao corpo é a chave desse fenômeno, como de muitos outros.

E prossegue Kardec:

“A extinção da vida orgânica produz a separação da alma do corpo pelo rompimento da ligação fluídica, mas essa separação nunca se verifica de maneira brusca. O fluido perispiritual se desprende pouco a pouco de todos os órgãos, de maneira que a separação só se completa quando não resta mais um único átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo. A sensação dolorosa que a alma experimenta nesse momento está na razão da quantidade de pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, determinando a maior ou menor dificuldade ou lentidão da separação. Não

se deve pois querer dissimular que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa.”

Na passagem da vida corpórea para a vida espiritual ocorre ainda outro fenômeno: o da PERTURBAÇÃO, que é considerada como um fato normal no momento da morte. Sua duração é indeterminada; pode durar horas ou anos. À medida que o estado de PERTURBAÇÃO vai diminuindo, a alma se sente como se estivesse voltando de pesado sono. Suas idéias são confusas, quase nada enxerga. Pouco a pouco, porém, vai recuperando as suas faculdades. Para uns esse despertar é calmo e proporciona bem-estar, para outros é cheio de terror e angústia.

O estado moral da alma é fundamental no processo de desprendimento por morte natural. A afinidade entre o corpo e o perispírito decorre do apego que a pessoa tem à vida material. Sente que ela lhe escapa e quer retê-la. Resiste à desencarnação. Essa luta pode se prolongar por dias, semanas e meses. A PERTURBAÇÃO já terá começado bem antes da morte, e quando esta chega sente que está viva. E enquanto existirem pontos de contato entre o corpo e o perispírito, o Espírito é atingido por essas conseqüências e sofre com elas.

Na morte violenta, a vida orgânica é abruptamente rompida. O desprendimento do perispírito só começa depois da morte. O Espírito, colhido de surpresa, sente-se como aturdido, mas ao perceber que pensa ainda, acredita-se vivo. Essa ilusão dura até que ele possa tomar conhecimento de sua nova situação, que varia de acordo com o caráter, os conhecimentos e o grau de desenvolvimento moral.

O PRINCÍPIO DA CONCORDÂNCIA

Depoimentos de Espíritos, semelhantes aos que se inserem no livro “O

CEU E O INFERNO”, obra organizada sob os auspícios de Allan Kardec, fazem parte de obras de autoria de pesquisadores notáveis, como, V.G. “A CRISE DA MORTE”, da lavra do Professor Ernesto Bozzano, com tradução primorosa do Dr. Guillon Ribeiro.

Eis um caso relatado por Bozzano, extraído do opúsculo “From Matter to Spirit”, de Morgan, em que o Espírito Dr. Horace Abraham Ackley descreve a sua separação do corpo físico.

“Como sucede a um bem grande número de humanos, meu (eu) Espírito nau chegou muito facilmente a se libertar do corpo. Eu sentia que me desprendia gradualmente dos laços orgânicos, mas me encontrava em condições pouco lúcidas da existência. Afigurando-se-me que sonhava. Sentia a minha personalidade como que dividida em muitas partes, que, todavia, permaneciam ligados por um laço indissolúvel. Quando o organismo corpóreo deixou de funcionar, pôde o Espírito despojar-se dele inteiramente. Pareceu-me então que as partes destacadas da minha personalidade se reuniam numa só. Senti-me, ao mesmo tempo, levantado acima do meu cadáver, a pequena distância dele, donde eu divisava distintamente as pessoas que me cercavam o corpo. Não saberia dizer por que poder cheguei a me desprender e a me elevar no ar. Depois desse acontecimento, suponho ter passado um período bastante longo em estado de inconsciência, ou de sono. Quando tornei a ver o meu cadáver, estava ele em estado de adiantada decomposição.

Logo que voltei a mim, todos os acontecimentos de minha vida desfilaram sob a vista (visão panorâmica), como num panorama, eram visões vivas, muito reais, em dimensões naturais, como se o meu passado houvesse tornado presente. Foi todo o meu passado o que revi, compreendido o último episódio: o da minha desencarnação.

Eu ouvira dizer, pelos espíritas, que os Espíritos desencarnados eram acolhidos no mundo espiritual pelos seus parentes ou por seus Espíritos guardiões. Não vendo ninguém perto de mim, concluí que os Espíritos se haviam enganado. Mas, apenas este pensamento me atravessou o Espírito, vi dois Espíritos que me eram desconhecidos e para os quais me senti atraído por um sentimento de afinidade...chamaram-me pelo meu nome, embora não o houvesse pronunciado, e me acolheram com uma familiaridade tão benévola, que me senti agradavelmente reconfortado. Com eles deixei o meio onde desencarnara e onde me conservara até aquele momento. Pareceu-me nebulosa a paisagem que atravessei; mas dentro dessa meia obscuridade, fui conduzido a um lugar onde vi reunidos numerosos Espíritos, entre os quais muitos havia que eu conhecera em vida e que tinham morrido há algum tempo...”

Este relato data de 1857, informa Bozzano, quando era lançado, em Paris, “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” e anos antes de “O CÉU E o INFERNO”, o que sem dúvida, corrobora e autentica os ditados mediúnicos, a respeito, acolhidos e examinados pelo Codificador da Doutrina Espírita.

Poder-se-ia transcrever, aqui, fatos outros relativos aos trâmites da desencarnação, descrito pelos próprios Espíritos que os vivenciaram, incluídos, por Ernesto Bozzano em “A CRISE DA MORTE”. Entretanto, aconteceu, na Cidade de Salvador, um caso, na década de 1950, que merece ser recontado. Trata-se do relato de autoria do Espírito OTÍLIA GONÇALVES, através do médium e tribuno Divaldo P. Franco, que deu origem ao livro “ALEM DA MORTE”. O Espírito da antiga colaboradora da “Mansão do Caminho” dirige-se à sua filha, nestes termos:

“Desde o momento em que o anjo da morte me dirigiu, seu

pensamento, enviando-me uma lúgubre mensagem de “angina-pectoris”, um turbilhão indescritível tomou do meu Espírito.

A princípio, com as carnes sacudidas pelos estertores do coração que não mais podia cooperar com a vida física, inenarrável sofrimento tomou-me todas as fibras, do peito ao cérebro e deste aos pés, fazendo-me enlouquecer. Atormentada entre as idéias da “morte” apavorante que eu temia e a ansiedade da “vida” que escapava ao peso cruel do sangue que se negava a irrigar as artérias, veias e vasos, senti que ia tombar.

Reuni as forças que desapareciam céleres, abandonando-me impiedosamente, tentando resistir à violência da dor que me despedaçava toda, e mais não consegui senão emitir gritos desesperados, semilouca. Tinha a impressão de que vigorosa mão de ferro me estraçalhava o coração e, a par da agonia que não posso descrever, sentia que a vida fugia rápida, fazendo-me desmaiar, sem que, contudo, desaparecesse a dor superlativa sombria e inquietante.

Não poderei dizer o tempo em que demorei desfalecida. Guardo, ainda hoje, a impressão de que, em volta, um torvelinho me arrastava, dando-me a sensação de queda, em profundo abismo sem fim.

Subitamente, como se me chocasse de encontro ao solo, despertei agonizante, tateando em trevas, aos gritos de lamentável PERTURBAÇÃO. O peito continuava a doer desesperadamente como se estivesse estilhaçado por violento projétil que o varasse, rompendo carne e ossos e deixando-o a sangrar...

Oh! Jesus, o sofrimento daquela hora!...

O tempo passava sem que eu tivesse notícia, senão através da agonia

que parecia não ter fim.

Gomo a dor não cessasse, simultaneamente impressões diferentes me acudiram ao cérebro turbilhonado, agigantando meu desespero. Frio glacial apoderou-se lentamente dos membros inferiores, ameaçando-me imobilizar-me...

Além do frio, dores generalizadas paralisaram-me os movimentos, enquanto o enregelamento me tornava rígida. O pavor rondava-me implacável...

Desejei levantar-me, andar, comer, suplicar auxílios; estava paralisada, atada a cadeias poderosas. A língua já não se articulava. O cérebro parecia-me devorado por labaredas crepitantes...

Não tinha idéia das horas.

Indagava mentalmente, no martírio, o que me acontecera. Onde estava o companheiro de tantos anos? Os irmãos de fé espírita, onde se encontravam eles que não me socorriam?

(...) sentia-me sair de dentro do casulo carnal, que então pude ver. Encontrava-me deitada no esquife mortuário, e de pé, ao seu lado simultaneamente.”

Após várias e dolorosas constatações, Otília verificou que estava “morta”, sendo acometida de profundo terror. Lembrou-se das explanações do mentor espiritual quando participava de reuniões mediúnicas. Descobriu, então, a sua ignorância em Doutrina Espírita.

Procurou orar, sem o conseguir, atormentada pela inconformação. Aconteceu, a essa altura, o que Bozzano chamou de “Visão panorâmica”: a

recordação de fatos vivenciados na encarnação que acabara de cumprir.

Ao chegar ao cemitério acompanhando o seu corpo, Otília foi recebida pelo Espíritos inferiores que infestam as necrópoles de todas as latitudes terrenas. Entretanto, a recém-desencarnada contava com a proteção dos Espíritos-vigilantes.

Ao acompanhar os despojos carnis à sepultura, entrou em pânico - “...encontrei-me ligada às vísceras mortas, estando viva. Gritei desesperadamente, em lamentável estado, e caí desmaiada.”

Ao recobrar a consciência o Espírito Otília Gonçalves entrou em profunda reflexão, procedendo a uma auto-análise franca, leal, corajosa. Recordou sede Jesus. Sentiu-se a partir daí intimamente revigorada. E a prece “clara e pura” emergiu do fundo d’alma...

Afinal, após tantos e renovadores sofrimentos, surge o socorro, através do Espírito Liebe, a esclarecida e bondosa entidade que a orientava no “Evangelho no Lar”.

E, amparada pela irmã Liebe, Otília Gonçalves ganhou a liberdade, deixando para trás a “Casa dos Mortos”, onde, em pouco tempo, aprendeu a grande lição que o túmulo oferece!

PROVAS DE ESPÍRITOS EM OUTRA DIMENSÃO

Gabriel Delanne em seu livro “A Alma é imortal” dedica um capítulo ao fenômeno das fotografias de Espíritos desencarnados.

Inicialmente, o ilustre autor de “A Evolução Anímica” admite a extrema importância da fotografia de Espíritos, “porque mostra que a famosa teoria da alucinação é notoriamente anaplicável a tais fatos. A chapa

sensível constitui um testemunho científico que certifica a sobrevivência da alma à desagregação do corpo; que atesta conservar ela uma forma física no espaço e que a morte não lhe pode acarretar a destruição”.

Entretanto, a fotografia espírita é vista com uma certa reserva, porque é suscetível de falsificação. Por isso mesmo que se deve cercar a experiência de todas as precauções. Gabriel Delanne aponta um meio pelo qual se pode verificar a autenticidade do fenômeno.

“Consiste esse meio em ver se a pessoa que posa ou os membros da sua família reconhecem a figura que se apresenta na chapa. Se reconhecerem o fenômeno é real”.

Reproduzimos, aqui, em síntese, um caso relatado pelo grande naturalista inglês Alfred Russel Wallace, inserto em sua obra: “Os Milagres e o Moderno Espiritualismo”.

“A 14 de março de 1874, convidado, fui pela primeira vez ao gabinete do Sr. Hudson, acompanhado da Sra. Gruppy, como médium. Contava eu que, se obtivesse algum retrato espírita, fossei o do meu irmão mais velho, (“in cujo nome freqüentes mensagens eram recebidas por intermédio da Sra. Gruppy, com quem eu fizera uma sessão antes de ir ao Sr. Hudson, sessão essa na qual recebera, pela tiptologia, uma comunicação onde se dizia que minha mãe, se fosse possível, apareceria na chapa”.

Após haver posado duas vezes, sempre escolhendo ele próprio, as posições, o Prof. Wallace verificou que a terceira chapa continha um retrato incontestavelmente de sua mãe. Esse retrato também foi reconhecido pelo irmão.

Eis um episódio que não suscita a menor dúvida quanto a sua

veracidade, pelas especiais circunstâncias de que se revestiu.

Mas, Gabriel Delanne prossegue, advertindo que, em alguns casos, há médiuns que registram a presença de Espíritos que não são vistos por mais ninguém. Quando as fotos são reveladas, essas entidades aparecem nitidamente. Cita, a propósito, um fato extraído do livro “Animismo e Espiritismo”, de Alexandre Aksakof:

O “Banner of Light”, de 25 de janeiro de 1873, publicou uma carta do Sr. Bromson Murray (conhecido espiritualista de Nova Iorque) concebida nestes termos:

“Num dos últimos dias do mês de setembro passado, a Sra. W. H. Mumler, residente na cidade de Boston, achando-se em estado de transe, durante o qual dava conselhos médicos, interrompeu-se de súbito para me dizer que, quando o Sr. Mumler me fotografasse, apareceria na chapa, ao lado do meu retrato a imagem de uma mulher, segurando na mão uma âncora feita de flores. Essa mulher desejava ardentemente afirmar sua sobrevivência ao marido e inutilmente procurava até então uma oportunidade de aproximar-se dele. Achava que o conseguiria por meu intermédio. No momento em que me preparava para a “pose”, caí em transe, o que jamais me acontecera. A foto foi batida. Revelada, apareceu a meu lado uma figura de mulher com a âncora e as letras de botões de rosa, como fora predito, formava o nome R. Bonner”.

O Sr. Bromson Murray relatou o fato a várias pessoas na tentativa de identificar o nome registrado na fotografia, que ele sabia que era do viúvo do “fantasma”. Finalmente, R. Bonner apareceu. Diante da fotografia reconheceu a sua ex-mulher. A pose, no retrato, era igual à que ela havia tirado dois anos antes de falecer...

Gabriel Delanne em seu livro “O Fenômeno Espírita”, 1ª edição FEB, dedica um capítulo à Fotografia Espírita.

Afirma, de início, o ilustre autor de “A Alma é Imortal”:

“A fotografia de uma forma espiritual é indubitavelmente uma das melhores provas da existência dos Espíritos”.

E acrescenta:

“Nenhuma teoria pode dar explicação desse fenômeno, sem o recurso da ciência espírita”.

A seguir, Delanne admite que o fenômeno caiu em um certo descrédito, depois do rumoroso processo movido contra o fotógrafo Buquet, em 1875 (O processo a que se refere Gabriel Delanne envolveu as figuras ilustres de Madame Allan Kardec e Pierre Gaetan Leymarie. O momentoso episódio será tratado adiante). Esse fotógrafo não era espírita, mas obteve, acidentalmente, fotografias de Espíritos rigorosamente autênticos.

Eis por que Alfred R. Wallace sugeriu vários procedimentos que não apenas evitariam fraudes, mas dariam a certeza da realidade do fenômeno. Eis as providências a serem adotadas:

01 Se mostrar semelhança incontestável com uma pessoa falecida, totalmente desconhecida do fotógrafo;

02 Se aparecerem, na prova negativa, imagens em relações definidas com a figura daquele que vem retratar-se e escolhe a sua própria posição, sua atitude, seus acessórios: tem-se aí uma prova de que formas invisíveis se achavam realmente no campo da objetiva.

03 Se apareceu uma forma vestida de branco atrás do corpo opaco de

quem retrata, sem se estender sobre ele: há uma prova de que a figura de branco aí se achava ao mesmo tempo, porque as partes sombrias da prova negativa são transparentes, e toda a imagem branca, de qualquer modo que seja, devia aparecer através.

04 Quando não se possa recorrer a alguma dessas demonstrações, se um médium, inteiramente distinto e independente do fotógrafo, vir e descrever uma forma durante a operação, e, na placa, aparecer uma imagem semelhante à descrita: há uma prova de que essa forma aí se achava no campo da objetiva”.

Determinado a prosseguir em seus experimentos sobre fotografia transcendental, Alexandre Aksakof, tentou obter fotos nas quais aparecesse a figura do Espírito materializado ao lado do médium.

Reuniu-se na noite do dia 22 de julho de 1886, em casa de um amigo, em Londres, com o médium Eglinton. Eis o seu relato:

“Às dez horas menos cinco minutos, mais ou menos, Eglinton se retirou para trás da cortina; eu podia ver a hora à luz da pequena lâmpada. Daí a pouco, Eglinton saiu; começou a concentrar suas forças, aproximando-se de nós e como se de nós retirasse fluidos. Retirou-se de novo para trás da cortina e assentou-se na cadeira que correspondia à abertura da mesma, com a frente voltada completamente para nós. Movia-se muito, erguendo e abaixando suas mãos. Vimos alguma coisa branca sobre sua cabeça. Pancadas foram ouvidas: ficamos incertos, e elas se fizeram ouvir de novo... Devemos acender?... Sim, responderam por pancadas. O magnésio foi aceso, o dono da casa descobriu as lentes, e vi, sob essa luz ofuscante, a forma de Eglinton parecendo dormir tranquilamente, com os braços cruzados. Em seu ombro esquerdo estava uma terceira mão com um pedaço de véu branco, e em sua cabeça, perto da

testa, vimos uma quarta mão, que parecia completamente viva. Terminada a exposição, essas mãos não desapareceram, mas seguraram Eglinton pelas costas, e este desapareceu atrás da cortina. O dono da casa correu ao caixilho, e descobriu a outra chapa.

Eu tinha suposto que a sessão estava terminada, que se havia feito tudo o que era possível; mas, apenas o dono da casa se assentou, emergiu de detrás da cortina, e avançou três ou quatro passos, uma grande forma masculina, vestida de branco, com barba negra e turbante na cabeça - “E Abdulhah, notei eu” - “Não, replicou o dono da casa, porque esta figura tem duas mãos”. A forma de Abdulhah, que apareceu nas sessões de Eglinton, em São Petesburgo, só tinha metade do braço esquerdo. Em conseqüência disso, a forma fez um sinal de assentimento, movendo os seus dois braços; e, fazendo uma saudação de reconhecimento, desapareceu atrás da cortina. Alguns instantes depois, apareceu Eglinton e, atrás dele, mostrou-se a mesma forma branca. Ambos se colocaram diante da cortina e uma voz disse: Luz! Pela segunda vez o magnésio brilhou, e vi com espanto a grande forma abraçando e sustentando o médium com o seu braço esquerdo. Eglinton estava em profundo êxtase e mal podia manter-se em pé.

Houve, aí, um problema: Eglinton escapou do abraço do Espírito e caiu ao solo inanimado. A entidade ministrou-lhe passes e o levou para trás da cortina. Joey, um dos guias do médium, aconselhou que, terminada a sessão, dever-se-ia expor o médium ao ar e a dar-lhe aguardente e água.”

Prossegue Alexandre Aksakof:

“Confiei-o (o médium) aos cuidados do dono da casa e da sua senhora, e fui com o Sr. N. ao gabinete escuro para revelar as chapas. Logo que em uma delas o contorno das duas formas começou a aparecer, dirigi-me à sala de jantar para dar a Eglinton a boa nova, pois ele não podia vir conosco,

mas impacientemente esperava notícias do resultado. Quando compreendeu que este era perfeito, suas primeiras palavras foram: - “Será isso bastante para a convicção do Sr. Hartmann?”⁹

AS DECLARAÇÕES DE ALEXANDRE AKSAKOF

Mais tarde, afirmar Alexandre Aksakof:

“Meus esforços em Londres foram coroados de êxito; obtive séries completas das fotografias prometidas, e devo totalmente esse êxito ao círculo que teve a bondade de prestar-se a auxiliar-me nas experiências. Eu sabia que a primeira condição para obter-se bons fenômenos mediúnicos, é o círculo; sabia que tudo dele depende, porém ainda não tinha tido a ocasião de convencer-me dessa verdade de um modo tão seguro.

Além disso, a disposição harmoniosa desse círculo, se juntava a circunstância importante, de já eu ter obtido nele o fenômeno de fotografia transcendental, e de existir aí o elemento mediúnico necessário para o êxito das experiências que eu ia fazer”.

Gabriel Delanne acrescenta:

“Essas experiências tão criteriosamente dirigidas, tão honestas e demonstrativas, estabelecem com a máxima evidência o fato da fotografia espírita”.

Em verdade, os trabalhos do Conde Alexandre Aksakof, sobre fotografia transcendental, não só confirmaram as investigações até então levadas a efeito sobre o assunto, mas sobretudo demonstram que é

⁹ O Dr. Von Hartmann publicou um livro “O Espiritismo” (“Der Spiritismus”), em que negava, peremptoriamente, as manifestações dos Espíritos, no que foi refutado por Alexandre Aksakof em seu livro “Animismo e Espiritismo” (Animismus und Spiritisnts).

perfeitamente possível fotografar Espíritos em plena obscuridade.

E conclui, taxativo, Gabriel Delanne:

“Esses notáveis trabalhos passaram em silêncio: nenhuma voz se ergueu na ciência oficial para discutir esses fatos ou dar-lhes uma explicação plausível; todos os pontífices do saber recuaram diante desses fenômenos imprevistos, que vinham destruir suas teorias materialistas, esperando, sem dúvida, que jamais a opinião pública julgasse o seu procedimento.

Entretanto, chegou o dia em que é preciso que se expliquem. Ou todas as narrações precedentes são falsas, e todos os grandes homens citados não são mais que pobres iludidos/vítimas dos charlatães, ou esses homens, e é tempo de expelir esse torpor dos que estão satisfeitos com o seu saber, de abandonar suas teorias caducas, substituindo-as por ensinamentos mais verdadeiros, mais justos, mais em harmonia com as descobertas contemporâneas”.

AS EXPERIÊNCIAS DO DR. ENRICO IMODA

O Dr. Enrico Imoda, de Turim (Itália), realizou várias experiências, no início do século XX (1908) relativos a fotografias mediúnicas. Obteve êxito notável nas sessões realizadas com a médium Linda Gazzera¹⁰, uma jovem de 22 anos, e elaborou um trabalho que foi publicado logo após a sua morte, sob o título “Fotografie di Fantasmi”. Essas fotografias foram tiradas pelo antigo sistema de lâmpadas e magnésio, o que basta para confirmar que as formas materializadas resistem à luz, por mais forte que esta se apresente.

¹⁰ Aos 52 anos de idade, Linda Gazzera residia na Cidade de São Paulo, onde cultivava, segundo informação de Osório César (vide a Revista “O Revelador” de outubro de 1941) vida social, frequentando teatros e participando de festas.

A propósito, Linda Gazzera, que aos 17 anos participara de sessões de materialização, em casa do Prof. Cesare Lombroso, com a médium Eusápia Paladino, apresentava uma mediunidade curiosa, capaz de produzir fenômenos físicos com extrema rapidez, mal se apagava a luz. Guilherme de Fontenau, experimentador francês, que participou das sessões, observou que em menos de um minuto os fenômenos começavam a produzir-se, de maneira intensa e variada. Entretanto, a médium não suportava a luz, e o seu guia-espiritual, Vincenzo, exigia sempre que se fizesse plena escuridão na sala dos trabalhos. De qualquer maneira, os fenômenos obtidos pelo Dr. Imoda, e depois pelo Pro. Charles Richet, com Linda Gazzera, provam a excelência de sua faculdade mediúnica.

OS SERES ESPIRITUAIS DA NATUREZA ECOLÓGICA

FRANCES GRIFFITHS e ELSIE WRIGHT

A partir da primeira Guerra Mundial, FRANCES GRIFFITHS, uma adolescente inglesa, escrevia uma carta a uma amiga da África do Sul, datada de 9 de novembro de 1918. O conteúdo dessa carta causaria, ao longo dos anos, interminável polêmica.

Eis o discutidíssimo trecho da missiva de FRANCES GRIFFITHS:

“(...) Estou mandando duas fotos minhas: numa estou em traje de banho, no nosso quintal, foi o tio ARTHUR quem a tirou; na outra estou com algumas fadas perto do riacho, essa foi tirada por ELSIE...”

Consta que FRANCES e sua prima ELSIE WRIGHT não se surpreenderam quando viram as fadas. Era como fizessem parte do ambiente natural de Cottingley, nos arredores de Bradford, West Yorkshire, Inglaterra.

A fotografia das fadas sofreu inúmeras reproduções. A câmara que bateu a fotografia, uma Midg, do pai de ELSIE, fora tomada de empréstimo pelas meninas, numa tarde de sábado (julho de 1918) para tirar fotos de FRANCES perto do riacho. Quando ARTHUR WRIGHT revelou as chapas, ficou surpreso ao constatar a presença, na fotografia, de pequeninos seres, vestidos de branco. Elsie que estava com ele na câmara escura dizia que eram FADAS...

No mês seguinte (agosto), FRANCES pede a máquina emprestada; ela e ELSIE dirigiram-se ao bosque de carvalhos, onde tirou uma foto de Elsie com um GNOMO! Arthur, revelou, mais uma vez, a chapa. Quando viu o GNOMO com a filha, julgou que as meninas quisessem brincar com ele. Assim pensando, passou, juntamente com a esposa, POLLY, a examinar os pertences das jovens em busca de elementos de prova da fraude, como esboços, recortes etc. Nada encontraram.

A PESQUISA DE CONAN DOYLE

O caso ganhou notoriedade, despertando a atenção de pesquisadores e de curiosos. Em 1920, POLLY WRIGHT, sempre intrigada com as fotos tiradas por Frances e sua filha Elsie, entra em contato com o ocultista de Bradford, EDWARD GARDNER, que procurou instruir-se junto ao perito fotográfico FRED BARLOW, visando ampliar e imprimir maior nitidez às fotos. O objetivo de Edward Gardner foi plenamente alcançado, despertando o interesse do pesquisador e escritor SIR ARTUR CONAN DOYLE (o genial criador de SHERLOCK HOLMES) que estava se preparando para escrever um artigo sobre DUENDES para o número de novembro da revista “STRAND MAGAZINE”.

A reação do autor de “THE HISTORY OF SPIRITUALISM”, diante

das fotografias das fadas, foi, a princípio, de dúvida. Levou-as à apreciação do Professor SIR OLIVER LODGE, da SOCIETY FOR PSICHICAL RESEARCH - SPR, de Londres, que lhes negou autenticidade, admitindo que “talvez se tratasse de um grupo de dançarinas fantasiadas de fadas”. Mas, não apenas o autor de “RAYMOND” se pronunciara, desfavoravelmente, sobre as já célebres fotos. Opiniões de médiuns, de ocultistas e de técnicos em fotografia surgiam de todos os lados. Acusava-se SIR CONAN DOYLE de procurar demonstrar a existência de uma dimensão imponderável onde vivem os Espíritos e que, no caso das FADAS E GNOMOS, seriam SERES ESPIRITUAIS DA NATUREZA, que lhe PRESERVA ECOLÓGICA E ESPIRITUALMENTE O EQUILÍBRIO, ante as agressões perpetradas pelo homem. A despeito, porém, desses ataques, o “GIGANTE DE EDIMBURGO”, prosseguia em suas investigações, tal como faria o detetive SHERLOCK HOLMES.

A Revista “STRAND MAGAZINE” é dada a público, trazendo a matéria de SIR CONAN DOYLE sobre as fadas e gnomos de Cottingley, inclusive as fotografias ampliadas por iniciativa de EDWARD GARDNER¹¹. A edição da STRAND esgotou-se em pouco tempo, suscitando, contudo graves reações. Levantou-se, até, a hipótese de que as fotografias poderiam provocar, nas crianças, “manifestações e doenças nervosas, e perturbações mentais”...

Vários órgãos da imprensa londrina também emitiram os seus pareceres sobre o inusitado assunto e as discutidíssimas fotografias de fadas e gnomos. Todos saíram em defesa da preservação do mundo de fantasia das crianças, comprometido pela veracidade que SIR CONAN

¹¹ O autor, para resguardar a integridade ótica e social de FRANCES GRIFFITHS e ELSIE WKIGIIT, usou dos pseudônimos “ALICE” e “IRIS”, respectivamente.

DOYLE emprestava às fotografias. FADAS, DUENDES, GNOMOS saíam do universo encantado e deslumbrante dos sonhos para se projetar em meio à frieza da vida real. Prefeririam, os contestadores, que não se anulasse o aspecto nefelibatário da existência desses pequeninos seres. Diria, a propósito, um desses jornais, o “CITY NEWS”:

“Parece que a esta altura temos que acreditar no incrível mundo das fraudes fotográficas”.

Houve, até, investigações nos locais em que ocorreram os fenômenos procedidas por repórteres de jornais e revistas de Londres. Entrevistaram as meninas FRANCES e ELSIE, bem como ARTHUR e POLLY WRIGHT, e nada fora constatado que desabonasse a integridade moral dos envolvidos no estranho caso.

NOVAS FOTOGRAFIAS DAS FADAS

Em agosto de 1920, a SRA POLLY WRIGHT convida FRANCES GRIF- KITI IS para passar uns dias em Cottingley, ao lado da PRIMA ELSIE. Informava, na ocasião, que EDWARD GARDNER chegaria de Londres, com novas máquinas fotográficas com o objetivo de colher, caso fosse possível, outros flagrantes com as fadas e gnomos.

EDWARD GARDNER levou para a experiência duas câmaras e duas dúzias de chapas fotográficas secretamente marcadas. O encontro do pesquisador com as jovens médiuns é relatado por Gardner em seu livro: “FAIRIES: A BOOK OF REAL FAIRIES” (FADAS: UM LIVRO SOBRE FADAS DE VERDADE), dado a lume em 1945.

Ele deixou o equipamento aos cuidados da FAMÍLIA WRIGHT. Elsie e Frances tiraram algumas fotografias nos mesmos lugares onde conseguiram os primeiros registros das presenças das fadas. Apenas em três

chapas estavam impressas as figuras brancas dos delicados seres da floresta. GARDNER recebeu de volta as câmaras e as chapas já reveladas por ARTHUR WRIGHT com os flagrantes antecitados. E escreveu uma longa carta a SIR CONAN DOYLE que se encontrava na Austrália, dando-lhe ciência do acontecimento. Mais tarde, essas três fotografias seriam utilizadas, por SIR CONAN DOYLE, em um segundo artigo na “STRAND MAGAZINE”, e em seu livro “THE COMING OF THE FAIRIES” (“A CHEGADA DAS FADAS”), lançado em 1922.

Mais uma vez as reações avultaram - uns terminantemente incrédulos, outros extraordinariamente convencidos da veracidade dos fatos. Entre estes a educadora MARGARET MCMILLAN, que assim se expressou:

“E maravilhoso que este dom tenha sido concedido a estas queridas crianças”.

Em “THE COMING OF THE FAIRIES” (1922), SIR CONAN DOYLE interpreta a quinta e última fotografia das fadas, considerada a mais intrigante. Eis, pois, as conclusões a que chegou o sábio inglês:

“Sentada do lado esquerdo, com a asa bem visível, está uma fada desnuda, aparentemente imaginando se já não é hora de se levantar. Uma outra, mais velha, vista à direita, possui pé, cabelos abundantes e asas maravilhosas. Seu corpo, ligeiramente mais denso, pode ser vislumbrado através do etéreo vestido”.

O relato de SIR CONAN DOYLE causou polêmicas acerbadas. Duidava-se de sua sanidade mental. Achavam que a idade avançada lhe obnubilava o raciocínio, levando-o a se conduzir como uma criança que acredita em toda a sorte de fantasias. Acreditamos que um Espírito do porte de um CONAN DOYLE não iria comprometer a sua reputação e o seu

equilíbrio psíquico ante os seus contemporâneos, se não estivesse absolutamente certo de estar assumindo uma posição coerente e lógica após analisar os fatos que se apresentavam à luz de seu raciocínio.

Quem duvidava da integridade mental (e moral) de SIR CONAN DOYLE eram, evidentemente, os céticos, aqueles que em nada acreditam, mesmo que as disposições em contrário sejam taxativas. Assim, criaram uma série de alternativas de fraude, de enganos e mentiras. Para essa gente, (sempre igual não importa a época) todos que tentam provar a IMORTALIDADE e a SOBREVIVÊNCIA DO SER, são corruptos, prestidigitadores, fraudulentos etc.

Não se cogitou, por exemplo (e um exemplo fundamental), que as jovens FRANCES e ELSIE fossem duas excelentes médiuns de ECTOPLASMIA, servindo-se os Espíritos dessa substância orgânica que emanava de seus corpos e se tornassem visíveis, como aconteceu com as “FOTOGRAFIAS PSÍQUICAS” analisadas por CESARE LOMBROSO, ERNESTO BOZZANO, GABRIEL DELANNE, CHARLES RICHEL e outros eminentes pesquisadores dos séculos XIX e XX. Além do mais, os Espíritos imprimem ao seu PERISPÍRITO a aparência que desejar, conforme elucidam as entidades espirituais que se comunicaram com KARDEC. Deve-se observar, destarte, que ambas as médiuns assim como entraram em contato com FADAS e GNOMOS, poderiam contatar com Espíritos de aparência grotesca, aberrante, como os ÍNCUBOS e SUCUBOS da Idade Média, que muitos levam à conta de fantásticas criações das mentes desarmonizadas de solitários e trancafiados religiosos de conventos e mosteiros. Será que essas criaturas tenebrosas, espécies de vampiros, existiram? E as criaturas demoníacas que arrebataram JESUS, depois de sua estada no deserto? Será que os EVANGELISTAS (MATEUS, MARCOS e LUCAS) criaram essa fantasia? Até que ponto é

verdadeiro o episódio?...

FRANCES E ELSIE ENTREVISTADAS

Em 1971 (54 anos depois de Cottingley), a famosa emissora de rádio e TV, BBC, de Londres (Inglaterra) realizou uma histórica entrevista com FRANCES e ELSIE, ambas idosas, no programa “NATIONWIDE”. As perguntas, sempre diretas e irreverentes, tentavam confundir as protagonistas do inusitado “affair”, que se saíram com muita serenidade.

Ao ser insinuada a “colaboração” de ARTHUR WRIGHT, pai de ELSIE, na produção dos fenômenos, ELSIE jurou, pela Bíblia, que ele se limitara, apenas, a revelar as fotografias onde apareciam as figuras das FADAS e do GNOMO. O entrevistador, perguntou se ela também poderia jurar pela Bíblia que não fez nenhum truque. Ela respondeu que tirou as fotografias... três, e FRANCES duas... O entrevistador insistiu e ELSIE, educadamente, deu por encerrada a entrevista.

Em setembro de 1976, FRANCES e ELSIE concederam entrevista à YORKSHIRE TELEVISION. O entrevistador segue as mesmas pegadas de seu colega da BBC: tenta levar as médiuns à contradição e a uma possível confissão de fraude. Não consegue o seu intento, movido por idéias preconcebidas a respeito das fotografias transcendentais. Essa postura do pessoal da Yorkshire Television, se evidencia quando deu crédito à teoria das fadas de papelão de AUSTIN MITCHELL, que mereceu ampla divulgação na TV. Buscava-se levar ao ridículo o caso das fadas, utilizando-se de métodos anti-éticos, embora houvesse quem, na ocasião, considerasse justa a atitude dos entrevistadores. AUSTIN MITCHELL chegou a afirmar a ELSIE WRIGHT que “UMA PESSOA RACIONAL NÃO VÊ FADAS...” Não se sabe por que motivo o entrevistador da BBC chegou a essa dogmática conclusão, pondo um ponto final na questão do aparecimento às

médiuns das FADAS e GNOMOS. Conforme demonstraram as fotografias. Na verdade, assuntos dessa natureza suscitam atitudes profundamente refratárias de parte da maioria das pessoas, que se comporta como se entendesse profundamente da questão.

Diante dos fatos, tudo leva a crer que FRANCES e ELSIE viram e fotografaram FADAS e GNOMOS, Espíritos que assumiram essa aparência provavelmente para chamar a atenção dos homens para o problema crucial da IMORTALIDADE. Nada mais impressionante poderiam utilizar-se os invisíveis para despertar o interesse e acerbos polêmicas. Tudo parece ter saído a contento. Até hoje se discute a autenticidade ou não das fotografias tiradas por FRANCES e ELSIE...

A BAHIA E SEUS MISTÉRIOS ASSOMBROSOS

A segunda parte deste trabalho é dedicada ao relato de fatos acontecidos na Bahia, mais precisamente na Cidade do Salvador. Serão omitidos, por questão ética, os nomes dos seus protagonistas encarnados, bem como os locais exatos onde ocorreram. Afinal de contas, o que vale, mesmo, é o fato em si, com os seus trâmites que raíam, na concepção do leigo, ao mistério, ao maravilhoso, ao sobrenatural. Entretanto, a ação dos seres espirituais neste nosso plano grosseiro, vem se realizando desde eras imemoriais, acionando-se todo um formidável mecanismo de forças psíquicas, ainda não devidamente identificadas pelos criteriosos pesquisadores do passado e do presente.

Diante desta realidade, é que nos propusermos a fundar, em Salvador, um grupo de pesquisas, instalado no ano de 1985. A dificuldade maior surgiu de imediato: onde encontrar um médium de ectoplasma capaz de possibilitar a atuação ostensiva dos Espíritos?

Vários lestes foram levados a efeito com alguns médiuns da instituição espírita que dirigíamos. Conseguíamos ralos (e raros) fenômenos. Mas o nosso ânimo era inquebrantável. E, assim, prosseguimos na difícil tarefa de encontrar o médium tão desejado por nós encarnados do grupo de pesquisas, e pelos próprios Espíritos, ansiosos de se comunicarem conosco. Isto o sentíamos, no decorrer das reuniões, às portas fechadas, em nossa residência, seguindo todas as orientações dos grandes investigadores da fenomenologia espiritual de épocas transatas. Ademais, não descuidávamos das necessárias precauções, a vários níveis, incluindo alimentação, estado de espírito, abstinência do álcool e do fumo etc, pois qualquer componente dado a esses vícios, prejudicaria o trabalho. Estes procedimentos eram considerados vitais para o sucesso de uma reunião de eleitos físicos e/ou de materialização, exigidos, diga-se a bem da verdade, pelas entidades orientadoras dos trabalhos.

Certo dia, uma jovem médium de efeitos físicos bateu à nossa porta. Vinha sofrendo sistemático assédio de Espíritos inferiores, em sua casa, localizada em um populoso bairro de Salvador. Ela nos convidou, então, para conhecer, de “visu”, o problema.

Num domingo, à tardinha, dirigimo-nos (eu e Lúcia) à residência da médium. Ela já nos esperava aflita. Os Espíritos, em atitude aparentemente de represália, porque ela conseguia, apesar do terrível assédio, reagir e procurar ajuda, “pintaram e bordaram”, na noite anterior, não deixando ninguém dormir em paz. Provocaram, às expensas da faculdade mediúnica da jovem, uma série de fenômenos que não ficaram a dever àqueles promovidos pelos Espíritos do primeiro mundo. Ruídos de todo o gênero foram nitidamente ouvidos pelos moradores da casa, que se amontoaram em só quarto, apavorados com as atitudes raivosas dos invisíveis. As janelas da casa foram abruptamente abertas, as luzes acendiam e apagava, e, em

meio a tudo isso, ouvia-se uma espécie de tropel de cavalos. Na madrugada de sábado para domingo, os moradores daquela casa sofreram horrores!...

Quando percorríamos o longo corredor da casa, considerada pelos seus habitantes, como “mal-assombrada”, sentíamos, particularmente, estranhos arrepios e um esquisito tremor interno, realmente inexplicável. Eles, certamente, nos observavam. A atmosfera do ambiente era “pesada”, denunciando a saturação de energias deletérias. Dir-se-ia que estávamos numa espécie de barril de pólvora prestes a explodir e levar tudo pelos ares. Era esta a sensação que se tinha, naquela fim-de-tarde, na primavera de 1987.

Jamais, caro leitor, experimentáramos tamanha inquietação ante a presença de Espíritos. De repente, as portas movidas por forças invisíveis começaram a bater. Pretendiam, percebemos, nos assustar. Mas, o tempo e o reiterado contato com os Espíritos deixaram-nos um tanto e quanto insensíveis a essas manifestações, encarando-as com naturalidade. Pareciam, na realidade, crianças rebeldes a quem se nega alguma coisa que gostariam de ter ou de fazer. Dirigimo-nos a essas criaturas do Além, tentando levar-lhes, na medida do possível, os esclarecimentos de que necessitavam naquela fase obscura e comprometedora de suas vidas.

A reação foi violenta. Vimos a hora de arrebentarem as portas dos quartos que davam para a sala de jantar da antiga residência, cuja construção data do século XIX. Por fim, e continuando as nossas advertências às entidades, quanto, especialmente, à violação dos ordenamentos da lei natural, tudo cessou. A atmosfera de franca opressão energética desfez-se, a pouco e pouco, e sentimos, todos, que o ambiente suavemente se transmudava. Saímos da casa tranqüilamente, à noite, convictos, ambos, eu e Lúcia, do amparo reiterado dos Espíritos amigos

nos momentos mais difíceis de nossas existências. Iniciaríamos, a partir daquele dia, um tratamento de limpeza daquele ambiente, com a ajuda de médiuns da equipe que dirigíamos.

Mas, o caso dessa jovem médium não para por aí. Num sábado, à tardinha, saíram ela e a família para o aniversário de um parente que morava em um bairro relativamente distante. Tomaram um táxi. Ao chegarem ao destino, verificou-se que o presente do aniversariante ficara esquecido sobre algum móvel da sala de jantar. A médium resolve, então, buscá-lo, sozinha no mesmo veículo.

Ao chegar, pediu ao motorista que a esperasse. Abriu a porta e entrou. Dentro, não pôde conter um grito de surpresa. Em sua casa, estava acontecendo uma festa! As pessoas iam e vinham, alegres, bebendo e comendo. As roupas, reparou bem, eram de modelo antigo, provavelmente do início do século XX, tipo “bele époque”. Chegaram, até, a lhe oferecer uma fatia de bolo! Ela a recusou. A música, inteiramente desconhecida, saía não se sabia de onde, estava a todo o volume, a ponto de ser ouvida pelo motorista de táxi. A médium procurou, nervosamente e tremendo de medo, o presente, encontrando-o sobre a cristaleira da sala. Saiu, lentamente, como se não quisesse ser notada pelos participantes da festa, fechou a porta e entrou no táxi. Foi aí que o motorista, testemunha do estranhíssimo fato, sem nada, entretanto, ter percebido, disse com um sorriso meio irônico - “E... a coisa aí dentro está muito boa...”

Há de indagar o leitor: Que houve, na realidade, na casa da jovem médium? Como aconteceu aquela festa tão esquisita, em que as pessoas se vestiam à moda antiga? É claro que esse fenômeno só pode ser encarado sob o prisma da suposição.

Isto quer dizer que não há referenciais, a nível de pesquisa científica,

que permitam uma avaliação racional e coerente. Teria a médium “penetrado”, sem o querer, na dimensão imponderável, onde estava tendo lugar a festa? Esta hipótese poderia ser a correta, se não houvesse a informação do motorista de táxi de estar ouvindo a mesma música registrada pela médium. O caso, na realidade, é de uma profunda complexidade, e raro nos anais dos fenômenos psíquicos, catalogados ao longo do tempo por eminentes e criteriosos investigadores.

O trabalho de pesquisa realizado em vasta bibliografia, revelou a existência de apenas um caso análogo, ocorrido em Versailles, na França, no ano de 1901. O episódio foi considerado, pelos cientistas da Society for Psychical Research - SPR, a mais controvertida história de fantasma do presente século (XX), embora surgissem, como sempre surgem, os contestadores de plantão para quem nada existe, a não ser a solidão tenebrosa do túmulo, após a falência inexorável do corpo físico. Mas, o caso da jovem médium baiana guarda singular semelhança com o que sucedeu a duas inglesas, ao visitarem o Petit Trianon, em Versailles.

A fim de que o leitor tire as suas próprias conclusões, eis como se desenrolou a história.

No verão de 1900, a Srta. Jourdain esteve em Paris pela primeira vez, e, no ano seguinte, convidou a Srta. Morberly a ir visitá-la naquela cidade.

“Decidimos ir a Versailles certo dia, embora com bastante relutância, pois achávamos que seria um desvio de nosso plano (de conhecer a região histórica de Paris numa espécie de ordem cronológica) ir até lá cedo demais. Eu não sabia o que esperar, uma vez que era extrema minha ignorância do lugar e de seu significado”.

Primeiramente as duas mulheres visitaram o palácio de Versailles -

relata Andrew Mackenzie - e, como houvesse tempo de sobra, resolveram ir aos dois Trianons (o pequeno e o grande).

“Por não indagarmos o caminho, demos uma volta desnecessariamente longa - pela grande escadaria que sai das fontes, descendo pela avenida central até a extremidade do extenso lago”, disse a Srta. Moberiy. “Fizera muito calor a semana inteira, mas, nesse dia, o céu estava um pouco nublado e o sol encoberto. Soprava uma brisa alegre, os bosques estavam com sua melhor aparência e nós sentíamos particularmente cheias de vitalidade. Foi uma caminhada extremamente agradável.”

Os leitores da resenha de “An Adventure”, livro que conta todos os trâmites do episódio de Versailles nas Atas da SPR, puderam consultar um mapa desenhado por um amigo da Sociedade, M. Sage, que morava em Paris e havia caminhado por aquela área, tendo em mãos os relatos da Srta. Moberly e da Srta. Jourdain. O croqui de M. Sage fornecia uma representação ampliada de uma parte de um mapa dos palácios e jardins de Versailles feitos por M. Marcel Lambert, arquiteto das Propriedades de Versailles e dos Trianons. O traçado e os dizeres do croqui explicavam a visão do M. Sage sobre a rota seguida pelas Srtas. Moberly e Jourdain. Cabe observar que os croquis apresentados no livro dessas autoras (Ad Adventure) não pretendiam ser mais do que diagramáticos.

Em meio ao caminho do Petit Trianon, começaram, ambas as turistas, a sentir-se como se estivessem perdidas e como se houvesse algo errado. “Uma depressão extraordinária se abatera”, disse a Srta. Moberly. Já era o final da tarde; sentiam-se cansadas. Acharam, entretanto, que a fadiga seria resultado e não causa das sensações incômodas.

A Srta. Jourdain descreve a sensação como de estranheza, culminando na impressão de algo enigmático (...) ao penetrarem no jardim, viram dois

homens, a quem descreveram como vestidos de “casacos verde-acinzentado com pequenos chapéus de três pontas”. Essa descrição não correspondia aos trajes dos funcionários e jardineiros do Petit Trianon, naquela época 1901, mas de cavaleiros do século XIX.

As pesquisas revelaram que esses homens seriam os dois irmãos Bersy, acompanhadas da Rainha Maria Antonieta que, provavelmente, teriam unido de guarda em algum ponto próximo àquele local, em 1789. As percipientes pediram a esses homens que lhes informassem o caminho e foram orientadas a seguir em frente. Deparam com um quiosque, completamente diferente do quiosque existente no mesmo local em 1901. Ademais, disseram elas que havia, adiante, outro quiosque igual ao primeiro e uma ponte rústica. Estas duas construções, já não existiam à época citada.

“Esses dois aspectos” - esclarece Andrew Mackenzie - “são muito enfatizados como provas de uma visão supranormal”. Perto do quiosque, acrescentaram as autoras de “An Adventure”, sentava-se um homem de capa e chapéu de abas moles, cuja aparência desagradou as duas moças. Mais tarde, elas acharam que a visão teria sido o Conde de Vaudreuil, famoso na corte de Maria Antonieta.

Na junção das alamedas, um homem correu até elas, vindo de trás, e indicou-lhes a direita como sendo o caminho da casa, mas não o viram aproximar-se. Perto da Casa (o Petit Trianon), viram uma dama usando um fichu verde claro, sentada num banco sobre a relva. Na ocasião, tomou-a por uma turista, mas acreditou, depois, que tenha sido uma visão da própria Maria Antonieta que, segundo constataram, possuía, em 1789, corpetes verdes e fichus brancos. Um corpete verde com um fichu de musselina branca sobre ele parecia, realmente, esverdeado. A suposição das autoras

se fortaleceria em função de um histórico relato sobre certas preferências de Maria Antonieta que, regularmente, era vista sentada no jardim frontal ao Petit Trianon, com um chapéu leve e esvoaçante vestido verde claro...

Aí está, em resumo, um dos casos que, em nosso século, abalou os alicerces da SPR. As investigações realizadas tenderam, a maioria, para negar, peremptoriamente, o fenômeno vivenciado pelas duas inglesas. O livro que escreveram - “An Adventure” tornou-se, sem embargo, um documento valioso para o futuro, a despeito de toda e qualquer disposição em contrário das pesquisas preconcebidas.

Voltando, no entanto, ao início de nossas considerações, acerca desse intrigante fenômeno, certa ocasião, ao chegar em casa, à noite, a jovem médium baiana “viu” uma menina abraçada a sua filha de quatro anos. Esta apresentou a “amiguinha” à mãe, abraçando-a ainda mais fortemente. A fisionomia da estranha criança transfigurou-se de repente em um verdadeiro monstro, arrancando da médium um grito terrível. A visão desapareceu imediatamente, enquanto a menina caía desmaiada no soalho da sala.

O que estava acontecendo, na verdade, era um processo de vampirismo, isto é, a entidade assumia a aparência de uma criança e, assim, conseguia aproximar-se da menina e nutrir-se de sua energia vital. Este artifício vinha sendo operacionalizado há algum tempo e a família não desconfiava de nada. Quem iria imaginar que aquela criança, que aparecia e desaparecia, despercebidamente, era um tenebroso obsessor? Ele agia com a maior desenvoltura, porque estava “protegido” pela total (e muita vez irrevogável) incredulidade da esmagadora maioria das pessoas. Assim, fortemente escudado, o Espírito agia sem pressa, sem receios, sem atropelo, tendo, até, em certa ocasião sugerido à menina que se atirasse do sótão da casa que ela (no caso o Espírito) a apararia embaixo. Garantia que a menina

iria se divertir bastante.

Diante de tantos e apavorantes acontecimentos, a médium resolveu submeter-se a um teste mediúnico em nosso núcleo de experimentação Ambroise Paré, nome posteriormente atribuído em homenagem ao Espírito Mentor dos trabalhos do médium e tribuno José Medrado, cujas faculdades também pesquisamos e de que falaremos adiante.

A médium começou, pois, a participar de nossas reuniões experimentais.

Nas primeiras, pouca coisa aconteceu, salvo um ou outro batimento. Verificamos, com o passar das reuniões, que ela era uma médium excelente de tiptologia (batimentos). E não erramos.

Numa noite, os Espíritos “fizeram a festa”. Tocaram, a título de comprovação, nas cordas do piano que estava fechado e encostado numa das paredes do aposento. Chegaram a executar um trecho do “Parabéns pra você”

Não poderia haver dúvidas quanto à presença dos invisíveis no ambiente. Através dos batimentos, iniciamos uma conversação com eles, sobre a própria médium e o andamento dos trabalhos. Este contato foi muito interessante, porque os Espíritos que acompanhavam a médium possuíam algum esclarecimento sobre os fenômenos que praticavam, oferecendo-nos preciosos detalhes sobre os mesmos. Era o ensinamento, de “viva voz”, fato que não acontece com freqüência. Aproveitamos, à larga, a oportunidade que se nos era propiciada, desfechando, em direção às entidades, um rol de perguntas que elas respondiam na medida do possível. Ao tempo em que fazíamos a médium participar das reuniões do grupo Ambroise Paré, levamos alguns médiuns a sua casa e lá, sob a proteção dos Espíritos que se

comunicavam conosco nas reuniões experimentais, realizamos reuniões de esclarecimento daquelas criaturas ainda presas a certos e alienantes valores que as escravizavam, por anos a fio, àquele ambiente.

A conversa com esse Espíritos, por seu turno, teve, sem dúvida, a sua almejada repercussão, em ambos os lados: o incorpóreo e o corpóreo. Os desencarnados, a partir do trabalho de doutrinação, caíram em si, reconhecendo que existia toda uma perspectiva de crescimento moral e intelectual à frente, e que eles estavam, a cada dia, adiando, o começo de uma nova vida, não apenas no plano espiritual, mas, também, na esfera carnal, através da reencarnação.

A tarefa de reciclar esses nossos irmãos desencarnados não foi fácil. Entretanto, as dificuldades foram superadas graças à tenacidade, perseverança e amor à causa do grupo de médiuns que desenvolveu o abençoado ministério. De parte dos encarnados, especialmente da família da médium, cremos que aprenderam, junto com os obsessores, uma grande e imorredoura lição, traduzida por posturas que se devem compatibilizar com os salutareos valores éticos dos Evangelhos.

Infelizmente, a médium não pôde dar prosseguimento a seu ministério, afastando-se das reuniões experimentais. Ela não quis mais submeter-se aos testes. Nós respeitamos a sua vontade.

Partimos, de pronto, para conseguir um (a) substituto (a). Médiuns possuidores de faculdades especiais não andam perambulando por aí, rogando sejam pesquisados. Eles, a experiência ensina, são extremamente temperamentais, cheios de “nós pelas costas”, um caso sério! Lidar com uma pessoa assim requer muita paciência e o que, atualmente, chamam de “jogo de cintura”, senão elas se afastam e desaparecem.

A VINGANÇA DO ESPÍRITO

Há alguns anos, dirigíamos uma reunião mediúnica em uma casa espírita da Cidade do Salvador. Os médiuns eram pessoas estudiosas e mudo responsáveis.

Certo dia, uma das dirigentes da instituição levou um homem e uma mulher, já idosos, a fim de serem atendidos. A reunião não era especificamente destinada a atender pessoas com problemas de obsessão. Voltava-se para um trabalho de doutrinação de entidades sofredoras e de entidades rebeldes, que eram trazidas pelos mentores espirituais.

Com a chegada do casal, a reunião, assumiu, naquele dia, uma outra dimensão. Os médiuns, concentrados, após a prece e os comentários evangélicos, como que esperavam que acontecesse alguma coisa. E, de fato, aconteceu.

Por uma dar médiuns veio um Espírito, com certa dificuldade, arfando, como se estivesse cansado, e, dirigindo-se aos visitantes, lançou-lhes às faces uma série de improperios, embora a médium envidasse todos os esforços para discipliná-lo. Por fim, mais calmo, porque envolvido pelas energias pacíficas do ambiente e pelos esforços disciplinares do médium, a entidade contou, na presença do casal, uma incrível história que seria temerário relatar, aqui, *ipsis literis*, pelas suas implicações éticas e, sobretudo, policiais.

Pode-se afirmar, contudo, que a entidade morrera por causa daqueles dois, que foram levados ao centro para uma desobsessão, conquanto não acreditassem em nada. Eram irmãos do comunicante, um ex-fazendeiro do interior do Estado, dono de várias propriedades e de milhares de cabeça de gado. A ganancia dos irmãos levou-os a desejar-lhe a morte, o que se

deu, efetivamente, dividindo, entre si, como legítimos e únicos herdeiros, a imensa fortuna do inditoso irmão.

Enquanto o Espírito contava, com minúcias, o que lhe sucedera, o casal, cabisbaixo, ouvia-o, sem emitir qualquer contestação. Com o passar do tempo, prosseguiu a entidade, ela retoma ao palco de seus desgostos e sofrimentos. Queria vingança! A partir de então, sendo um dos irmãos médium inconsciente (na denominação inconsciente significa ignorar) de efeitos físico, começou a assombrar a velha sede da fazenda principal, assustando a todos que ali habitavam. Estes buscaram todos os meios possíveis para fazer cessar os fenômenos. Promoveram uma sessão de exorcismo, sem resultado positivo; apelaram para a feitiçaria, rezadeiras etc.

Nada conseguia pôr fim às manifestações do Espírito, que, misteriosamente, iniciara um processo que ele próprio não conseguiu nos explicar. O alicerce da casa, sólida construção de época passada, feita para durar por toda a vida, começou a “apodrecer”, este é o termo empregado pela entidade comunicante, se é que um alicerce pode chegar a esse estado. O certo é que a casa, tendo a sua base enfraquecida, desmoronou-se, esparramando seus restos pelo chão, à vista de seus moradores que saíram a tempo.

O casal permanecia em silêncio, chorando baixinho. Ele e ela estavam arrependidos. O que devemos fazer? Perguntou-nos ao terminar a sessão? Que poderíamos dizer àqueles dois violadores da Lei de Deus? Que autoridade possuímos para chamar a atenção de Espíritos moralmente comprometidos? Sinceramente, aquela fora uma das raras vezes em que tentávamos extrair algo no fundo d’alma, e de lá retornava sem resposta. Recomendamos, apenas, que orassem, orassem sempre, e dirigissem, ao

irmão injustiçado, um pedido veemente de perdão, que ficaria, certamente, a seu critério atender ou não. E acrescentamos que, mesmo que fossem perdoados, o que seria um atenuante, eles não deixariam de responder pelo que fizeram. Não se tratava do “olho por olho...”, mas da repercussão do ato perpetrado, dentro, pois, do que preconiza a lei de causa e efeito.

Assim, eles partiram. Esperávamos que volvessem na reunião seguinte. Não apareceram. Nunca mais soubemos dessas duas insensatas criaturas, nem tampouco soubemos o que lhes aconteceu. O seu caso, pela primeira vez dado a público, foi preservado ao longo dos anos. O seu relato é feito com todo o cuidado, respeitando-se nomes, lugares, os detalhes da história etc. O que aconteceu entre essas personagens, no palco da vida, causou-nos viva impressão. Nunca esqueceremos as expressões de ambos os irmãos, enquanto a médium que não os conhecia dava oportunidade ao Espírito divulgar o que somente os três sabiam e mais ninguém. Foi uma prova substancial da sobrevivência da alma e da importância da mediunidade que, devidamente orientada, se constitui na ponte que liga as duas esferas da existência e onde transitam encarnados e desencarnados.

AS PESQUISAS DO GRUPO AMBROISE PARÉ

“AMBROISE PARÉ”¹²

“Deus ajuda a quem porfia”, esta frase é o fecho de uma magnífica Parábola do Mestre, inserida num Evangelho considerado “apócrifo”: surgiu um outro médium!

¹² Ambroise Paro, cirurgião Francês (Bourg-Hèrsent, perto de Lavai, 1509 - Paris 1590). Considerado o pai da cirurgia moderna, introduziu numerosos métodos novos, dentre os quais a ligadura das artérias, que substituiu a cauterização com ferro incandescente ou com óleo fervente, após a amputação dos membros. Reintroduziu a versão podálica (manobra obstétrica que consiste em mudara posição do feto, num parto difícil, para que a apresentação seja feita pelos pés. Escreveu “Méthode Curative des Plaies et Fractures de la Tête Humaine, avec le Portrait des Instruments” (1561).

O grupo “Ambroise Paré” é o mesmo que fora constituído em 1985. Tomou este nome em homenagem ao Espírito-controle de nossas pesquisas com o médium e tribuno baiano José Medrado. Tudo, porém, aconteceu de uma forma inesperada. Medrado nos convidou para assistirmos a um trabalho que o Espírito Ambroise Paré vinha realizando por seu intermédio no Centro Espírita “Cavaleiros da Luz”, situado no bairro do Uruguai, na Cidade do Salvador. Ele convidara algumas pessoas influentes no movimento espírita local, mas pouquíssimas atenderam ao convite. A assistência, pois, era reduzida. Medrado, ainda bem jovem, lutava para ganhar conceito e credibilidade no âmbito do movimento espírita na Bahia, tarefa realmente que exige perseverança, força de vontade, e, sobretudo, amor à causa. Na verdade, há um que de hermetismo no cerne do Movimento Espírita, não apenas no nosso Estado, mas em todo o Brasil. Parece que tudo já foi dito e feito pelos vultos espíritas do passado remoto e próximo, e ninguém tem mais nada a acrescentar. E mais ou menos por aí que as coisas andam. E condenável essa atitude? Há os prós e contras, evidentemente. Mas, o nosso assunto é bem outro e não a análise do Movimento Espírita, embora, vez por outra, tenhamos que citar algo sobre a reação que suscitou, no ambiente espírita, o trabalho que realizamos, com toda a lisura, com todo o critério, com o nosso amigo e irmão José Medrado. Bem, chegamos (eu e Lúcia) ao “Cavaleiros da Luz”, à hora aprazada, e, lá, estava Medrado já “incorporado” com o Espírito Ambroise Paré, fazendo o que se rotulou de “drenagem”, com um bisturi. A reduzida platéia seguia, atenta, o trabalho da entidade espiritual, cujos resultados estavam surpreendendo pela eficácia. A cada dia, pessoas, principalmente os moradores humildes do bairro, acorriam às reuniões de Ambroise, em busca da cura para os seus males, que a Medicina não pôde resolver. Mas, lá estávamos assistindo àquela demonstração, ao vivo, da medicina espiritual, já nossa conhecida porque, diga-se de passagem, tivemos a oportunidade

de, era 1982, examinar e pesquisar, pioneiramente, por anuência do médium e do Espírito, as primeiras operações do Dr. Fritz, através do médico pernambucano, Dr. Edson Queiroz.

Após a reunião, em que Ambroise atendeu a várias pessoas doentes, incluindo uma pessoa portadora de epilepsia, que melhorava a olhos vistos com o tratamento semanal, convidamos José Medrado a fazer um teste, em nosso modesto laboratório de pesquisas. Ele, sorrindo, não admitiu que era um médium de efeitos físico, quanto mais de materialização. Entretanto, esclarecemos que aquele trabalho de drenagem estava assentado, justamente, em sua faculdade mediúnica de efeitos físicos, e que, provavelmente, seria ele, também, médium de materialização.

Ficou acertado que ele se submeteria aos testes na semana seguinte, numa terça-feira, dia das nossas sessões. Recomendamos-lhe alguns cuidados preparatórios, e nos despedimos. No dia e hora combinados, o grupo se reunia com a presença de José Medrado. Essas sessões, para quem não conhece, são feitas em escuridão absoluta. Para tanto, são usadas cortinas pretas, feitas em tecidos grossos, com forro, a fim de que a luz artificial não penetre, portanto tudo é feito, sempre à noite. Nessa primeira tentativa, nada aconteceu. Silêncio total. Ninguém, contudo, se sentiu decepcionado, a não ser Medrado que disse, em tom de confirmação: - “Viu, eu não disse que não tenho mediunidade de efeitos físicos?” Dê tempo ao tempo, Medrado, respondemos-lhe.

Na segunda sessão, nada!, Ele queria, até, desistir. De nossa parte sentíamos, tanto eu como Lúcia, que algo estava verdadeiramente por acontecer. O nosso pressentimento se confirmou na terceira sessão, coroando de êxito a perseverança e a paciência do grupo. Dir-se-ia que a equipe espiritual estava nos testando...

Os fenômenos, então, começaram. Em princípio um tanto e quanto acanhados, fracos, mas sobretudo expressivos da presença, no ambiente, dos Espíritos. O processo utilizado, aí, foi o da tiptologia, que os ingleses chamam de “raps”. Conversávamos com os invisíveis através de batimentos: uma batida - SIM; duas batidas - NÃO; três batidas - NÃO SEI. A dificuldade de comunicação era muito grande. Serviu, no entanto, para estabelecer, entre as entidades e o grupo um elo de franca fraternidade e de cooperação mútua.

Com o transcorrer das sessões, os trabalhos progrediam. Os Espíritos, com maior desenvoltura, realizavam, tendo à frente, a figura de Ambroise Paré, uma série de demonstrações não só de suas presenças, mas do poder que possuíam sobre a matéria, em todas variantes. Certo dia, avisaram que o médium iria exteriorizar uma alavanca ectoplasmática, saindo do nariz e da boca. Essas alavancas, semelhantes a vergôntes (hastes), que saem do corpo, foram pesquisadas, em primeira mão, pelo Dr. W. J. Crawford, doutor em ciência, professor de Mecânica Aplicada na Universidade de Belfast, Irlanda.

O Dr. Crawford registrou as seguintes características que ele chamou, também, de “projeções flexíveis”: sai diretamente de diversas partes do corpo do médium, como dos mamilos, dos órgãos genitais, ouvidos, boca, nariz e dos poros, (quando as condições são favoráveis, a alavanca chega a medir 1,5); pode descrever um grande ângulo e, assim, fazer mover corpos sólidos; a extremidade livre pode prender um corpo sólido, por adesão, todos os movimentos provêm do interior do corpo do médium; as dimensões são variadas.

A alavanca exteriorizada por José Medrado alcançou dois metros e oitenta, e apresentou uma peculiaridade provavelmente única no campo das

pesquisas sobre ectoplasma: na extremidade da mesma foram “criados” duas espécie de dedos, com os quais a alavanca, sob comando psíquico, pegava objetos, chegando a apertar, suave e firmemente o nosso braço esquerdo. O contato não nos provocou qualquer tipo de sensação, embora da alavanca emanasse uma estranha frieza.

Nas sessões seguintes, já o trabalho se consolidava. Os Espíritos faziam “descer” sobre o grupo tipos variados de flores, como rosas, palmas de Santa Rita, cravos etc. Essas flores exalavam um doce perfume, que impregnava o ambiente. Outras vezes, e em meio às reuniões, sentia-se o cheiro forte do éter, não raramente espargido sobre todos os presentes. O Dr. Ambroise dizia que perfumes e éter e outros odores agradáveis ao olfato, como eucalipto, tinham efeito anticéptico, sobretudo tendo em vista a exteriorização do ectoplasma, cujo exame histológico revelou ser ele constituído de células vivas. Ao final da sessão, o ectoplasma retorna ao corpo do médium, devendo, então, encontrar-se isento de corpúsculo de qualquer natureza estranha ao seu organismo.

Os Espíritos não nos davam permissão de divulgar os resultados das pesquisas. Não era, também, do nosso interesse chamar a atenção das pessoas sobre o importante e pioneiro trabalho realizado na Bahia e, certamente, no Nordeste. Ademais, pouquíssimos iriam acreditar, uma vez que a “síndrome de Tomé” é ainda uma constante nas consciências humanas. Vive-se em função do que os sentidos podem revelar, através de suas manifestações objetivas. A relatar ocorrências do gênero espiritual, que escapam à constatação dos sentidos, deve, o narrador, se preparar para o que der e vier. Não se agastar com as “disposições em contrários”, às controvérsias, à negação pura e simples. Também encontrará pessoas que “crêem sem nada ver”, porque possuem uma natural predisposição, não para aceitar tudo, mas para admitir a “lógica simples do fenômeno espírita”,

na acepção de Farias Brito, eminente filósofo brasileiro, divulgado, entre os espíritas, pela faculdade mediúnica de F.C. Xavier.

Voltemos às sessões com o médium e tribuno José Medrado.

Os trabalhos prosseguiam, como se diz, “a todo o vapor”. A cada sessão, algo de novo e surpreendente acontecia, provocando em alguns companheiros do grupo grande e incontida emoção. Vários Espíritos, nossos conhecidos quando encarnados, vieram juntar-se à equipe dos trabalhos. Não temos permissão de lhe citar os nomes. Apenas um deles, a inesquecível Iracema Pereira, antiga colega de trabalho, terá seu nome registrado, nesta obra, por ter sido protagonista de um extraordinário fenômeno de transporte durante a preparação de uma sessão com o médium José Medrado, conversávamos sobre o tema da noite, extraído de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Tratava-se da “Caridade material”. Lembramo-nos de um episódio ocorrido com Iracema, que se encaixava, como uma luva, ao texto.

Ela chegou cedo ao trabalho, com o firme propósito de, ainda naquela manhã de terça-feira, distribuir pães às pessoas que ficavam à porta da igreja de São Francisco. Rogamos-lhe que tivesse cuidado, porque, entre os necessitados, se misturavam alguns marginais. E lá se foi a nossa querida amiga, (com a qual convivemos por mais de vinte longos anos), a caminho do referido templo religioso, fazer a caridade. As horas se passaram, e nada de Iracema! A manhã estava quase se esgotando, quando ela aparece, toda desgrehada, com a sua peruca em tempo desabar cabeça a baixo...

Iracema, que houve com você? Perguntamos com muita preocupação. Ela não respondeu, e, sorrindo, entrou no banheiro feminino. De lá ouvia-se a sua gargalhada! Era, em verdade, uma “figura” essa Iracema. A Tarde, pôde contar o que acontecera.

No momento em que ia distribuir os pães, avançaram sobre ela, e lhe arrancaram o pacote com o alimento que caiu ao chão, sendo catado, ansiosamente. Na algazarra que se estabeleceu, pessoas corriam, sem rumo, pensando tratar-se de assalto... Naquele desalinho, a caridosa Iracema retornou ao trabalho, jurando que, dali em diante, entregaria os pães aos frades do convento, anexo à igreja, e eles se encarregariam de sua distribuição.

Após tais comentários, iniciaram-se os trabalhos cujos resultados daremos adiante. Concluídos, saímos, todos, ainda impressionados com o que vimos e ouvimos ao correr da sessão. Ao acender-se a luz da sala, Lúcia viu algo no sofá que lhe pareceu um gato. Mas nós não temos gato! As especulações variavam. Chegamos perto, e surpresa das surpresas: era a peruca de nossa amiga Iracema, aquela mesma peruca por ela usada constantemente. A emoção nos dominou. De repente, José Medrado “recebe” Iracema, que ria gostosamente, dizendo que no mundo espiritual também se pode brincar.

Aquele transporte da peruca foi uma prova inequívoca prova da sobrevivência da alma. Não poderíamos, sem dúvida, exigir mais da Espiritualidade. Elevamos, na oportunidade, uma prece, agradecendo às forças espirituais esclarecidas por nos ter concedido o testemunho irrecusável da preservação da individualidade, após a morte, conservando os seus atributos e a sua maneira de ser e agir. Devemos dizer que a peruca estava guardada na casa de uma parenta de Iracema.

Quem possibilitou a realização do fenômeno? O médium José Medrado, naturalmente. Ele também provocaria um outro, em plena sessão, tão extraordinário quanto o da peruca.

Todos os integrantes do grupo estavam em profundo silêncio. Algo, no

íntimo, dizia que qualquer coisa estanha iria acontecer, e aconteceu! O fenômeno começou com leves arranhões, que se intensificaram a pouco e pouco. De repente, ouvimos um baque tremendo no meio do aposento. Era algum objeto pesado que a escuridão não deixava ver. Terminada a sessão, acenderam-se as luzes, aos poucos (instalamos interruptores que controlavam a intensidade da luz), e vimos, no centro do gabinete mediúnico, um enorme cacto, com raízes e terra fresca. A estupefação foi geral. De onde viera o cacto? Era um viçoso espécime, provavelmente oriundo, ou de uma grande estufa ou de alguma região, Deus sabe onde. Os Espíritos não disseram onde o colheram. No dia seguinte, adquirimos um vaso onde plantamos o cactus, que sobreviveu por vários meses. As nossas visitas se admiravam do tamanho e aspecto da planta...

AS MATERIALIZAÇÕES DO ESPÍRITO “NOIVA”

O ponto alto das sessões que realizamos em 1988, foi, sem dúvida, as materializações do Espírito “Noiva”. Afirma-se que este Espírito teria se manifestado em São Paulo, Capital, nas sessões promovidas pelo ilustre Jornalista e pesquisador Odilon Negrão, tendo como médium a sua esposa, D. Hilda. Há registros, em várias partes do mundo, de materializações de entidades vestidas de noiva. Não se sabe se é a mesma personalidade mediúnica que se manifesta nas sessões específicas de efeitos físicos e de materialização, que se realizaram (e se vêm realizando) em diversos países. Algumas sessões antes de se efetivar a primeira materialização de “Noiva”, os fenômenos arrefeceram-se. Estavam, acreditamos, como que acumulando forças para a concretização desse maior objetivo. Entrementes, espoucavam, eventualmente, algumas manifestações, como, por exemplo de “voz direta” (faculdade mediúnica em que os Espíritos falam sem o auxílio direto do aparelho fonador do médium. É conhecida, também, por Autofonia e Mistefonia, segundo o Dicionário Enciclopédico de João

Teixeira de Paula, da Editora Bells.

A voz que procedia do lugar em que se encontrava José Medrado era, normalmente, de mulher, com modulações que iam do suave à musicalidade. Temos a certeza de que o tipo de voz oriundo da cabine do médium, em transe profundo, jamais poderia pertencer a um ser vivo (encarnado). Era diferente; tinha um quê de maravilhoso, de singular, de indefinível... Nela própria, residia a sua autenticidade!

Finalmente, os Espíritos anunciaram a materialização de “Noiva” para a próxima sessão. Cumpriu-se a previsão espiritual. Tão logo começou a sessão, ouvimos, todos as oito (8) pessoas presentes, alguns rumores vindos da cabine mediúnica, inclusive vozes. Lá para tantas, as cortinas são afastadas e surge um vulto todo de branco, com um véu transparente cobrindo-lhe o rosto trigueiro, confirmado posteriormente. Era a “Noiva”. Todavia, ela não conseguira “construir”, por inteiro, a sua fisionomia. Adiantou-se, aumentou a luz vermelha, o bastante para ser vista e fotografada, porque não se podia usar “flash”, cuja intensa luminosidade afetaria, perigosamente, a integridade do médium. Foi usado um filme de 400 ASA, adquirido quando de nossa estada em Londres, alguns meses antes das experiências. A materialização caminhou em nossa direção, a passos lentos, pegou-nos pelos braços e nos suspendeu com facilidade. Andamos, juntos, até à porta da cabine, debaixo da luz, e então pude ver, estarecido, que o Espírito não possuía rosto! Não havia fronte, olhos, nariz, boca!...O susto foi inenarrável. Anunciamos o fato aos companheiros do grupo.

A MATERIALIZAÇÃO PARCIAL DE AMBROISE PARÉ

No intervalo da primeira para a segunda materialização de “Noiva”, manifestou-se, semi-materializado, o Dr. Ambroise Paré. Intencionava

operar-nos do coração, vez que tivéramos um enfarto de certa gravidade há alguns anos. A materialização só pôde ser realizada da cintura para cima, ficando o resto do corpo (perispírito) na invisibilidade. Enrolou-se o médico-Espírito na cortina que separava a sala da cabine do médium, realizando, com muita serenidade, a operação. Anos depois submetiamonos a um cateterismo, e lá estava o resultado da cirurgia espiritual: uma “ponte-safena”...

Na sessão seguinte ao aparecimento do Dr. Ambroise Paré, os Espíritos avisaram que “Noiva” iria se materializar. Tudo transcorreu como da vez anterior, com uma diferença: ela havia constituído o seu rosto, que era, por sinal, muito belo. Ela repetiu o gesto anterior, suspendendo-nos e levando-nos até à entrada da cabine, sob a luz vermelha, quando vimos, sob o véu, a sua expressiva fisionomia.

A terceira materialização aconteceu na semana seguinte. “Noiva” já estava completamente formada, embora as mãos apresentassem certas deformações, em virtude, provavelmente, de carência do próprio ectoplasma. Isto serviu, porém, para dar maior autenticidade ao fenômeno. Desta vez o Espírito falou. Não chegamos a estabelecer uma conversação corrente; foram breves palavras, pronunciadas em voz fraca, mas audível. As fotografias, sem flash, foram batidas. Ao serem reveladas destacou-se o vestido da aparição - era como se fosse de parafina, detalhe que emprestava ao fato singular peculiaridade.

As materializações de “Noiva”, após a sua divulgação, suscitariam uma série de especulações. Como aconteceu aos pesquisadores célebres do passado, em que se destacam as figuras de William Crookes, Alfred Russel Wallace, Frederic Zollner, Cesare Lombroso, Ernesto Bozzano e outros, descarregaram sobre o nosso trabalho um amontoado de crítica, infundadas,

tentando levar o grupo, e nós particularmente, ao descrédito e ao ridículo. E o pior, lamentavelmente, é que os mais acerbos ataques tiveram origem no próprio movimento espírita. Houve, até, troca de cartas entre espíritas deste e de outros Estados, comentando, desfavoravelmente, e sem provas, as nossas pesquisas.

Quando saiu uma substancial reportagem na Revista “Manchete”, de autoria de Ney Bianccini ilustrada com a foto de “Noiva” e de José Medrado, todo o País tomou conhecimento dos trabalhos que realizamos com tanto cuidado e absoluto amor à causa. Por outro lado, vieram a Salvador, técnicos e jornalistas de um canal de TV da Holanda, atraídos pela reportagem da “Manchete”. A equipe entrevistou José Medrado e filmou o local onde se realizaram as pesquisas.

Cinco anos decorrido, e essa gente, refratária à nossa pesquisa, continua batendo pé firme, sem quaisquer fundamentos, apenas por espírito de sistema ou qualquer subalterno sentimento, que tudo não passou de fraude.

Na noite em que “Noiva” se materializou pela terceira vez, José Medrado queria sair às pressas, dizendo que estava cansado e com sono. Advertimos que ele, depois de um trabalho daquela natureza, deveria esperar alguns minutos antes de ir embora. Não adiantou. Saiu porta a fora. Em casa, trancou-se no quarto, fechou as cortinas, escurecendo o quarto, que, assim, facilitou a tarefa de Espíritos menos esclarecidos que desejavam vê-lo afastado das sessões experimentais. Provocaram, destarte, o que se chama de Parapirogenia, impropriamente chamada de “combustão espontânea”. Tudo se deu em função, primordialmente, do acúmulo de resíduos de ectoplasma gasoso na psicofera do médium. Os Espíritos valeram-se dessa fonte de energia e iniciaram um princípio de incêndio que

adquiriu certas proporções, ao contato das chamas com materiais de fácil combustão. Houve necessidade de chamar os bombeiros para apagar o fogo...

Daí em diante, e sem entrarmos no mérito da questão, o amigo José Medrado, não mais compareceu às sessões experimentais. Respeitamos a sua postura.

Acontece, contudo, que apareceu uma médium de pintura, vinda da região do São Francisco, na Bahia, solicitando-nos orientação. Marcamos um teste, com ela, na instituição espírita que dirigimos, e convidamos José Medrado. Durante os trabalhos, Medrado sentia ímpetos de pintar; uma força interna queria que ele assim o fizesse. Ele resistiu tenazmente. Sugerimos que ele fizesse um teste conosco. Dois dias depois, Medrado estava sentado na mesma sala onde se verificaram as materializações com “Noiva”. Presentes, além dele, eu e Lúcia. De início a pintura saiu um tanto imprecisa, sem perspectiva, primária. Com o passar das experimentações, a coisa foi mudando de figura, começando a surgir alguns pintores conhecidos. Finalmente, apresentou-se Renoir, que seria o coordenador dessa atividade mediúnica do jovem médium baiano. Na atualidade, José Medrado corre o mundo, a convite de instituições e organizadores de seminários e congressos no território nacional e no Exterior. A Arte dos Espíritos pintores é notável, ressaltando-se os trabalhos de Picasso, Renoir, Lautrec, Matisse, Tarcila do Amaral, Van Gogh etc.

Não nos sentimos, eu e Lúcia, privilegiados pela Espiritualidade Maior. Somos, verdadeiramente, trabalhadores que procuram, com luta e muito esforço, realizar algo de substancial em prol da Doutrina dos Espíritos, sem visar qualquer benefício material. Tudo o que fazemos é por idealismo. E, se não fazemos muito mais, é porque nos falta tempo e

oportunidade. A essa altura de nossa militância no movimento espírita, podemos afirmar, de sã consciência, que cumprimos (e continuaremos a cumprir) com o nosso dever.

É provável que outro médium de efeitos físicos e/ou de materializações venha bater em nossa porta. Não nos importaremos de começar tudo de novo, porque sabemos que os resultados, não reconhecidos pelos intolerantes, serão, mais tarde, objeto de análise e estudo por pessoas honestas e equilibradas, canalizando o acervo das experimentações ao enriquecimento da própria Doutrina Espírita.

A CONVERSA DOS ESPÍRITOS

A senhora que trabalha em nossa casa há vários anos, possui, sem o saber, faculdade mediúnica de vidência e de audiência. E algo que acontece de uma forma bastante natural, causando-lhe medo, quando as entidades que lhe falam e ela as registra, visualmente, são atrasadas. Mas, os Espíritos mais adiantados a nível moral não lhe deixam, quando aparecem e/ou quando ela os ouve, qualquer má impressão. Pelo contrário, sente-se bem, tranqüila, pacificada. Era muito comum esta senhora captar vozes que vinham do aposento onde eram realizadas as nossas experiências. Pelas palavras que ela repetia, os seres invisíveis estavam traçando os planos para as sessões de efeitos físico e de materialização. Dizia-nos, que entre as vozes, distinguiam-se duas ou três de mulher, que por sinal, observou, se expressavam num timbre muito suave. Certa ocasião, ela não se conteve e pôs o ouvido direito de encontro à porta que ficava sempre fechada, e pôde ouvir, nitidamente: - “A curiosa já está aí nos ouvindo”. Levou um grande susto, ao ser descoberta, enquanto as entidades riam certamente de seu abraço. Ela não sabia, e continua não sabendo que para os Espíritos, especialmente os mais esclarecidos, não existem obstáculos à sua visão. Os

movimentos da “vidente” estavam sendo perfeitamente observados, sem que ela o suspeitasse. Outras vezes, “via” pessoas saindo do aposento e atravessando as paredes. Ela quase desmaiava. Entretanto, isso não quer dizer que a nossa residência estivesse enfeitada de maus Espíritos, porque ali realizávamos sessões experimentais; de jeito nenhum! A nossa “secretária” possuía, como dissemos antes, a faculdade de vidência e de audiência, e, assim, captava a presença e as conversas dos amigos espirituais que cuidavam, com zelo e muita responsabilidade, das sessões que, no plano físico ficam sob a nossa direção. Ademais, aqueles Espíritos, seres harmonizados, conscientes de seus deveres para com a Lei de Deus, jamais iriam criar qualquer problema tanto para a vidente, ignorante de tudo quanto se refere à pesquisa espírita, e, ainda mais, para alguém da família. Eles transitavam com a desenvoltura própria dos que nada têm a temer, assim como nada têm a ver com a vida pessoal dos que os acolheram, como nós os vimos, imbuídos de acendrado espírito de confiança e de credibilidade. Lidávamos, pois com criaturas que, durante o tempo que trabalharam lado a lado conosco, não deram qualquer motivo de queixa. Eram moralmente irrepreensíveis.

Estamos nos reestruturando, a fim serem retomados os trabalhos interrompidos. No momento, estamos realizando alguns testes com pessoas que apresentam um certo potencial mediúnico. O grupo é outro, menor, conservando, no entanto, a mesma denominação: “Ambroise Paré”. Temos a certeza de que encontraremos o que procuramos e, aí, as pesquisas terão prosseguimento.

O DIA EM QUE A AGÊNCIA DE PUBLICIDADE PAROU

As assombrações de Espíritos numa agência de publicidade de Salvador, começaram no início do ano de 1986. Por essa época, tinha a meu cargo uma

reunião de desobsessão em uma das mais tradicionais casas espíritas da cidade. Trabalhavam comigo, há alguns anos, vinte e cinco médiuns, todos estudiosos da Doutrina codificada por Allan Kardec. Vez que outra, saímos, em caravana, para atendimento a certos e especiais casos em que os Espíritos se manifestavam de modo ostensivo. Nessas incursões, muito se aprendia com as próprias entidades comunicantes, que agiam sob a influência de energia desprendida por algum médium presente.

Com o correr dos atendimentos (íamos várias vezes ao mesmo local) identifica-se o que os parapsicólogos chamam de “epicentro”, ou seja, o sensitivo que fornecia o ectoplasma (termo criado pelo médico francês Charles Richet) necessário à execução dos fenômenos. Era comum os Espíritos produzirem efeitos físicos surpreendentes que causavam um misto de medo e de admiração. Os habitantes desses locais (casas, escritórios e até clínicas) nada sabiam acerca de tais manifestações. Consultavam livros de parapsicologia ou, então, iam em busca de esclarecimento junto a religiosos, que prescreviam uma série de procedimentos exorcizantes. Entretanto, a tese que encontrava maior receptividade entre os aprendizes das concepções parapsicológicas, referia-se à atividade subreptícia (e jamais explicada) do Inconsciente, de onde sai, conforme afirmou o Dr. Carlos Imbassahy, notável escritor espírita baiano, o que nunca entrou...

O desdobramento da tese em questão raiava à fantasia, porque destituída de qualquer fundamento de ordem científica. Na verdade, pretendia-se rejeitar a realidade da intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, já devidamente demonstrada por criteriosas pesquisas laboratoriais. No decorrer das intervenções, chegava-se realmente à conclusão que os fenômenos observados procediam, de fato, da ação desenvolvida por entidades espirituais, levadas a tanto por múltiplos e enigmáticos fatores. Nas casas antigas, construídas há mais de um século,

detectava-se, de ordinário, a presença do elemento escravo, criaturas que nasceram, viveram e faleceram naquele sítio assombrado, presas de ódio e entranhado desejo de vingança. Assim se apresentavam, quando a oportunidade se lhes oferecia. Caíam, não raro, em estado de estupefação quando, ao longo do paciente trabalho de doutrinação, verificavam que os moradores da casa não eram aqueles mesmos que outrora os fizeram sofrer. A ignorância de alguns, no entanto, impedia-os de raciocinar, de concatenar as idéias, agindo, por isso mesmo, de uma forma profundamente instintiva.

O trabalho com “essa gente” exigiu, de todo grupo, muita diplomacia, muita compreensão, muita tolerância. O problema não era convencer os Espíritos a deixarem simplesmente o lugar, porque indesejáveis; absolutamente! Procedia-se de maneira a levá-los, a pouco e pouco, a um estado de conscientização compatível com a situação em que se encontravam. Não pertenciam, por assim dizer, ao mundo físico, embora pudessem dele participar pelo processo mediúnico. Conseguimos, com a indispensável ajuda dos mentores espirituais, levar a maioria deles a admitir que precisavam efetivamente, de uma reciclagem. Desse modo, a equipe espiritual que subsidiava os nossos esforços, conduzia-os a instâncias no plano imponderável, onde recursos terapêuticos concorriam para o desejado reequilíbrio psíquico. Os ódios e ímpetos de vingança, arrefecidos pelas reiteradas ponderações, ficavam para trás. Dava-se lugar a um incipiente processo de reabilitação. Outros, porém, muito obstinados, não queriam abandonar a arena de suas lutas e sofrimentos, mergulhados que estavam em profundo obscurantismo. Nada os fazia mudar de idéia. Era de nosso dever respeitar-lhes o livre arbítrio, conquanto exercitado de uma forma bastante comprometedora. Eles se convenceram de que aquele seria o caminho justo e certo para a consecução de seus propósitos. O tempo, sem dúvida, se encarregaria de levá-los ao caminho do arrependimento.

Entre os mais estranhos e significativos casos que pesquisamos, desponta o que se registrou numa agência de publicidade instalada em um bairro nobre da capital baiana.

Corria o ano de 1986.

Na empresa em referência, o ambiente era de perfeita harmonia entre os empregados e entre estes e os empregadores. De repente, aquele clima de tranqüilidade desapareceu, dando lugar a uma estranha inquietação, li tudo começou a acontecer, justamente após a inauguração das novas instalações da agência, em novo prédio próximo ao já existente. Aos poucos, os fenômenos foram se intensificando, provocando verdadeiro pânico.

Certo dia do mês de abril, objetos e materiais de escritório “criaram vida” e passaram a se locomover por conta própria, para espanto de todos os empregados. Os homens, mais comedidos, tentando não demonstrar o medo que sentiam e as mulheres ostensivamente apavoradas. Assim, os clips de papel voavam e caíam no carpete, provocando estranho e surpreendente ruído. “Os ânimos estavam francamente exaltados, diante desses misteriosos fenômenos. Ainda assim, as hipóteses sobre a sua gênese eram levantadas pelos assustados empregados, não se chegando a nenhuma conclusão. Foi, então, que alguém propôs que se fizesse uma sessão com o copo, processo primitivo e perigoso para quem não possui conhecimento sobre a intervenção de Espíritos no mundo corpóreo.

No dia e hora combinados, lá estavam todos, à volta de uma mesa, onde puseram o alfabeto e o copo. Durante a sessão, o copo andou, mas sem apontar qualquer letra ou conjunto de letras. Contudo, um fato a todos surpreendeu, aumentando, conseqüentemente, o medo: uma pesada cadeira elevou-se do assoalho, como que suspensa por mãos invisíveis. Na verdade,

os Espíritos estavam se utilizando do ectoplasma despendido por algum médium (ou por mais de um médium) presente.

A partir daí, os fenômenos recrudesceram. As cadeiras se deslocavam com rapidez e bruscamente. Objetos pesados voavam, com liberdade, no espaço, e as máquinas elétricas despencavam de suas mesas. O desassossego era geral. Como trabalhar naquele conturbado ambiente? Alguma coisa leria que ser feita.

Os dirigentes da empresa não sabiam como enfrentar o enigma. Jamais poderiam supor que, um dia, teriam de conviver com seres invisíveis, tal como acontece em filmes de terror.

Mais uma providência foi adotada: acender uma vela de “sete dias”, práticas exorcistas dessa natureza nada resolvem; os Espíritos não as levam a sério, considerando-as fruto do misticismo e da ingenuidade. Esses recursos vêm sendo postos em prática “contra” os Espíritos desde a Idade Média, sem qualquer resultado positivo. Ademais, houve (e haverá) uma intensa propaganda a respeito através de filmes fantásticos ao sabor hollywoodiano. E os fenômenos continuaram a acontecer cada vez com maior criatividade, intrigando aquela gente tão estreitamente ligada à mídia. Os Espíritos, também faziam, de certo modo, a mídia da sobrevivência da alma.

Surgiu, entre os empregados da agência, uma idéia que parecia a mais acertada de todas: contratar uma missa que seria realizada nas dependências das novas instalações. Pensava-se resolver, definitivamente, o problema, além de proceder-se ao benzimento do espaço então conquistado pela empresa. Ledo engano!

Contrataram, pois, um sacerdote que iria, numa manhã (1º de maio)

com seus pretechos “sagrados”, espantar os seres do outro mundo que atenazavam a vida daquela gente. O religioso, ciente de tudo quanto estava ocorrendo, ao chegar à porta do prédio assombrado, desistiu, abruptamente, de seus propósitos, borrifando, porém, de água-benta a entrada da construção. A resposta dos Espíritos não demorou. No mesmo dia, desencadearam uma série de pequenos fenômenos, mostrando que não estavam nem um pouco satisfeitos pela maneira como vinham sendo tratados: com absoluta rejeição. Aliás, são esses os procedimentos adotados pela esmagadora maioria das pessoas, diante dos processos de assombração. As atitudes assumidas são as mais estapafúrdias possíveis. Não se tenta identificar as causas dos fenômenos. A intenção primeira é a de neutralizá-los. Para tanto, lançam mão de mecanismos obsoletos, que servem, apenas, para intensificá-los. A falta de esclarecimento é total.

Mas os invisíveis continuaram, “tranqüilamente”, com as suas diatribes: um guarda-chuva voou, de um lado a outro de uma das salas, indo chocar-se na parede; cestas de lixo eram viradas, espalhando o seu conteúdo pelo chão, sem falar nas “batatinhas fritas voadoras”, que se encontravam num prato sobre um arquivo. Era demais! Que fazer? No calor das sugestões, alguém sugeriu que se procurasse uma instituição espírita da Capital.

No dia seguinte (sexta-feira), dois espíritas interessados na fenomenologia mediúnica, chegavam à tardinha, na sede da empresa. Nesse dia, alguns fatos foram registrados. O mais interessante, todavia, é que os fenômenos começaram a acontecer, também, no prédio central da agência. A essa altura, grande parte dos funcionários já procurava se desligar da empresa, pois não suportava mais a situação.

A esposa do empregador achando que tudo se originava de conflitos

entre os empregados, resolveu fazer uma reunião de confraternização e, para isso, levou um delicioso bolo para ser consumido no horário da merenda. Qual não foi a surpresa geral na hora da confraternização, ao verificar-se que “alguém” já provara de uma substancial fatia da merenda, demonstrando que estava com bastante “fome”. Enquanto isso, a Central Telefônica recebia estranhos chamados, nunca identificados.

Dentre os empregados, um merece destaque pela coragem, pois se tratava de uma moça, ela, apesar de confessar ter medo, procurava acalmar os colegas que se encontravam à beira de um colapso nervoso. Por isso ela foi alvo de alguns “ataques”, na tentativa, talvez, de amedrontá-la e fazê-la recuar. Atiraram sobre ela uma fita cassete que se espatifou na parede às suas costas. Usaram, até, de um recurso muito raro em situações que tais - voz direta, isto é, o próprio Espírito, utilizando-se, naturalmente, do ectoplasma, manifestou-se de viva voz. Foi, então, que uma estátua, de considerável tamanho, usada como decoração, explodiu, ou melhor, implodiu, transformando-se em mil pedaços, tão pequenos que impossibilitavam a sua restauração.

A minha participação começa justamente a partir desse incidente. Iniciei, com grupo de médiuns que dirigia (aproximadamente vinte médiuns por cada sessão) uma série de reunião, na sede da agência, em ambos os prédios que eram, na realidade, sessões de desobsessão. Os Espíritos, através da “incorporação” (processo conhecido por “interpretação psíquica”) informaram que aquelas manifestações que tantas apreensões causavam, estavam sendo provocadas por uma falange de escravos que ali tinha encontrado a morte, após uma vida inteira de sofrimentos.

O sítio onde se construíram, há muitos anos, os prédios que serviam de sede à agencia de publicidade, pertencia a uma antiquíssima fazenda. A

despeito das pesquisas levadas a efeito, não se identificou o epicentro causador dos fenômenos, porquanto nem todos os empregados, a maioria jovem, se submeteram aos testes por medo ou por puro preconceito. Entre as jovens pesquisadas uma se destacou por oferecer a energia necessária a determinado Espírito que produzia uns gemidos e, assim, se comunicava. Aproveitando o fenômeno, estabeleci um método de conversação sobremodo peculiar: um gemido sim, dois não e três não sei.

A conversa que mantive com a entidade espiritual confirmou a informação conseguida na sessão de desobsessão sobre a procedência dos fenômenos. E nada mais se pôde obter desses Espíritos. Após as sessões, os prováveis médiuns que davam ensejo, energeticamente, aos fenômenos, passaram a freqüentar o Centro Espírita onde era responsável por um trabalho mediúnico de desobsessão. Alguns desses médiuns se tornaram espíritas e outros querem esquecer totalmente o que aconteceu naquele período de notória assombração promovida pelos invisíveis. Até o tribuno Divaldo Franco foi procurado para o esclarecimento do estranhíssimo caso, tendo ele colaborado de forma efetiva para a solução do problema.

O resultado é que os fenômenos arrefeceram e finalmente deixaram de existir. Tudo retornou à normalidade nas dependências da agência de publicidade.

Foram tantas as testemunhas que, a bem da Verdade, os fatos não podem ser negados, todos evidenciando, sem embargo, a sobrevivência da alma e a sua intervenção neste nosso plano físico.

O FAZENDEIRO QUE ATIROU NUM FANTASMA

Esta história, verídica, aconteceu no Município de Santo Estevão, próximo a Feira de Santana, interior do Estado da Bahia, no Sítio Três Irmãos, de propriedade

do Dr. Everaldo Alves, médico veterinário, 52 anos, aposentado, casado com a Sra. Noêmia Alves.

O imóvel foi adquirido pelo Dr. Everaldo para o lazer de sua família, especialmente nos fins-de-semana e nos feriados prolongados. É um lugar aprazível, com pés de frutas e um bem cuidado laranjal. A casa, ampla, é cercada de varandas.

No dia o Dr. Everaldo, após descansar de um rápido almoço com dois de seus empregados, saiu com os mesmos em direção ao laranjal, a fim de leliar os troncos de laranjeiras mortas e transportá-los para um lugar perto do Sítio. Essa operação foi realizada por três vezes consecutivas, oportunidades em que, tanto o Dr. Everaldo como os seus empregados, constataram que as portas da casa, ora a dos fundos, ora a da frente, apareciam abertas a cada retomo das curtas viagens que faziam transportando a madeira. Isso os deixou bastante intrigados. Eles, intimamente, percebiam que algo de muito estranho estava acontecendo. Da última vez, um fato novo ocorreu: percebeu, um dos empregados, que a luz de um dos cômodos da casa estava acesa. Eram quase seis horas da tarde. O Dr. Everaldo abriu a porta da frente e entrou. Na sala, sobre a mesa, estava a sua pasta, de onde retirou um revólver. Imaginava que se tratava de um ladrão, o queria surpreendê-lo. Começou a correr a casa. Ao dirigir-se ao aposento em que a lâmpada fora acesa, não viu ninguém. Ele passou, então, para o terceiro quarto, que fica próximo ao corredor que leva à cozinha. De repente, lhe apareceu um “cidadão” (expressão do protagonista) com os braços abertos como se pretendesse abraçá-lo. Apavorado, o Dr. Everaldo atirou por duas vezes em direção ao indivíduo, que levou ambas as mãos ao peito, caindo, de frente, ao chão. A porta da cozinha que fora anteriormente fechada, estava escancarada mais uma vez. O Dr. Everaldo saiu em disparada, na certeza de que houvera liquidado o

ladrão. Ao encontrar um dos empregados, disse que tinha atirado em um homem. O empregado perguntou-lhe onde estava o corpo. Ele respondeu que se encontrava na cozinha. Ele não o encontrou. Os outros empregados entraram e também nada viram. O corpo sumiu completamente. Os vizinhos, que ouviram os tiros, acorreram ao local, participando das buscas. Reviraram a casa pelo avesso. E nada! O Dr. Everaldo começou a ficar assustado. Pensou que tivesse criado a imagem de alguém que sumiu sem-que-nem-para-quê, após ser baleado duas vezes. As balas sumiram também. Um Delegado de Polícia da região, amigo do Dr. Everaldo, procedeu a uma rigorosa perícia no local, não encontrando qualquer vestígio dos projéteis. O sumiço das balas derrubaria a tese de um processo de teleplastia, ou a “construção” de aparências com formas humanas e mesmo de animais, projetadas por pessoas dotadas de especiais faculdades psíquicas. O caso em tela, não pode ser enquadrado nessa espécie de fenômeno anímico. Dir-se-ia que o Dr. Everaldo vira, de fato, um fantasma. Aliás, em entrevista com ele, declarou que a visagem lembrava as características físicas de antigo proprietário do Sítio, conforme identificação dos vizinhos, à luz de sua descrição. Este episódio vem demonstrar que tais aparições, oriundas de outras dimensões, não apenas fizeram época no passado remoto; mas, tais criaturas, que nada mais são que as almas dos homens desprendidas de seus corpos, pela morte, continuam a interferir no plano corpóreo, indiferentes à crença ou a descrença de quem quer que seja. Ademais, o que sucedeu em Santo Estevão, no sertão baiano, poderia suceder em algum lugar na Europa, nos Estados Unidos da América do Norte ou em alguma outra parte do nosso mundo. Na verdade, “O Espírito sopra onde quer”, afirmando, assim, o seu caráter universal. O Problema é que as pessoas nunca estão preparadas para enfrentá-lo, face a face. E quando isso acontece, entram em pânico. Raros os que conseguem manter a serenidade, o equilíbrio. Criaram, com o tempo, uma auréola de medo em torno dos mortos, levando

os “vivos” ao desespero quando eles lhes aparecem. A reação do Dr. Everaldo não foi diferente das que registram os anais das pesquisas em torno das aparições dos mortos. Abalado, profundamente, com o episódio, que não conseguia explicar com racionalidade, sentiu-se mal. Procurou, logo, um médico de Santo Estevão, onde foi examinado. Veio, depois, para Salvador, estando, já, em estado de choque, sendo internado no Hospital Aliança, onde permaneceu, na Unidade de Tratamento Intensivo, apresentando um quadro de edema pulmonar. Verificou-se, com os exames realizados, que o trauma foi de tamanha intensidade que provocou uma ruptura arterial. O Dr. Everaldo relatou aos médicos o que na realidade aconteceu. Eles disseram que a parte física era da atribuição deles; entretanto, os aspectos transcendentais deveriam ser investigados pelos parapsicólogos...

O Sítio Três Irmãos tem uma história para contar, anterior ao que ocorreu com o Dr. Everaldo. Foram registrados, ao longo do tempo, fatos surpreendentes provocados por forças invisíveis desconhecidas, como batimentos, vozes, gemidos, objetos que caem sem razão de ser etc. Seria oportuno que se realizasse uma sessão experimental na casa, com o objetivo de identificar-se os Espíritos que ali se homiziam. Essas entidades vêm se portando de uma forma característica, própria dos que se recusam a admitir, conscientemente, o estado em que se encontram. Há necessidade de os esclarecer. Por isso mesmo, será providenciado a ida de um grupo de médiuns que, sob a orientação do autor de “OUTRAS DIMENSÕES”, desenvolverá um trabalho de esclarecimento. Este procedimento, deve-se observar, vem sendo posto em prática, há muitos anos, conseguindo-se positivos resultados.

O RESTAURANTE ASSOMBRADO

Corria o ano de 1970. Giuseppe Aprile, filho dos italianos Silvano Aprile e Gabriella Iciarretta Aprile, vinha da Cidade de Feira de Santana para Salvador, a fim de instalar um restaurante na Boca do Rio, localidade situada na orla marítima da capital baiana.

Alugou-se uma casa pertencente a D. Hercília Carvalho e ao decorador Moisés Carvalho. As pessoas do local falavam que a casa era mal-assombrada. Entretanto, um ano transcorreu sem que nada de anormal acontecesse. No segundo ano em diante, começaram a ocorrer os problemas com Paula, Irmã de Giuseppe. Ela passou a ver “coisas”; acordava no meio da noite gritando. Via vultos, chegando a identificá-los como negros, assim como bolas de fogo. O ponto preferido das assombrações passou a ser, inexplicavelmente, o banheiro, no momento em que Paula ia tomar banho. Um dos “divertimentos” dos fantasmas era jogar no chão todos os objetos que estavam sobre a bancada de mármore da pia. Perguntaram a Moisés Carvalho se ele sabia algo a respeito daquelas estranhas ocorrências. Ele informou que a casa tinha sido a Senzala da antiga fazenda que se desmembrou para constituir o próprio bairro da Boca do Rio. Desmembramento feito, diga-se de passagem, de forma singularmente desordenada, dando ensejo às inúmeras invasões. Ali, na Senzala, os escravos ficavam “estocados” (como se fossem mercadorias) a espera de compradores ou de leilões, que eram realizados com freqüência. Muitos escravos não resistiam a travessia da África para a Cidade do Salvador, onde desembarcavam em atracadouros rudes construídos ali mesmo na Boca do Rio, e faleciam. Os seus corpos eram jogados em um poço fundo, que ei a, depois, fechado. Sobre esse túmulo improvisado, construiu-se, mais tarde, um dos aposentos da casa, local, por sinal, de maior intensidade dos fenômenos, embora, com o correr do tempo, eles se alastrassem por

Iodos os seus cômodos.

Durante o dia pouca movimentação espiritual era observada. À noite, porém, quando as luzes se apagava, os fenômenos adquiriam uma força extraordinária. Painéis eram derrubados, abriam-se as portas das geladeiras, ruídos de toda a ordem eram ouvidos pelos apavorados habitantes da casa-restaurantes.

Os Espíritos tanto agiam dentro do estabelecimento como no gramado que o circundava. Fatos impressionantes ali aconteciam, o que provocava a saída apressada de muitos garçons. Eles ficavam aterrorizados. Não era raro aparecerem fantasmas se fazendo passar por fregueses. Enganavam a todos, especialmente os garçons que, ao chegarem, solícitos, viam essa “gente” evaporar-se ante os seus olhos arregalados de medo. Resultado: havia uma intensa rotatividade de garçons. E a notícia que o LA GÔNDOLA era mal-assombrado estava correndo solta...

Uma certa feita, quando a família estava discutindo a ida ou não de Paula ao Rio de Janeiro para tratamento em um terreiro de Umbanda (uns queriam, outros achavam um absurdo, especialmente o avô), após terem recorrido a tudo, os ânimos se exaltaram. Todo mundo sabe como os italianos discutem: é uma algazarra total; falam todos ao mesmo tempo. De repente, uma faca (tipo peixeira, usada para cortar carne) saiu de sobre a mesa onde se encontrava, com a ponta para frente, e foi impulsionada em direção ao Caixa do restaurante, àquela hora vazio, atravessando, com suavidade, o enorme vidro que o separava da cozinha e, por onde, através de uma abertura redonda se faziam os pedidos. Ela passou de um lado para o outro sob os olhares atônitos dos presentes, que, com o fato, pararam de discutir. O fenômeno causou grande impacto nos espíritos dos que o testemunharam. Não se falou em outra coisa durante vários dias. Ficavam

a lembrar o episódio da faca atravessando o grosso vidro, “como se fosse água”, disse Giuseppe. Era demais! Antes que aconteça algo irremediável, lembrou alguém, é melhor a gente entregar esta casa maldita. Isto aqui não presta, arrematou.

Antes do fenômeno da faca, relata Giuseppe Aprile que o pai, Silvano Aprile, viu uma cabeça de homem dentro da churrasqueira! O susto foi estupendo. Ele não se conteve de tanta emoção. Disse Giuseppe que se seu pai sofresse do coração cairia, ali mesmo, com um violento e fatal enfarto. Dias depois, uma empregada do restaurante encarregada de acender essa mesma churrasqueira, também viu a tal cabeça, que se aproximou dela com os dentes, graúdos, arreganhados. A pobre coitada desabou, desmaiada, sendo necessário ser levada a uma clínica para ser atendida de urgência. O seu estado emocional, informou Giuseppe, “dava pena”. Nunca mais retornou ao restaurante. Disse, até, quem nem pela porta passaria. Quando alguém da família contava esses acontecimentos, ninguém acreditava. Levava-se à conta da imaginação ou do que os técnicos chamam de “estados alterados da consciência”.

Por essa época o movimento no restaurante começou a diminuir sensivelmente. Apareciam trabalhos de macumba na porta. Paula, que voltara do Rio de Janeiro, recebera o Espírito de uma preta velha que recomendou a saída daquela casa o mais rápido possível. A permanência ali poderia trazer sérios problemas, porque as entidades não iriam, de modo nenhum, se afastar. Houve, finalmente, a entrega do prédio aos seus proprietários, alugando-se uma ampla casa na Rua Manoel Dias da Silva, na Pituba, defronte da Rua Baraúna. Duas pessoas ficaram para providenciar a mudança dos equipamentos do restaurante para o novo endereço: Giuseppe Aprile e o empregado José Raimundo. Durante o dia, eles coordenavam o transporte dos móveis e utensílios, e, à noite, faziam o

papel de vigias. Só conseguiram ficar uma noite, devido à intensidade dos fenômenos provocados pelos irados Espíritos que infestavam aquele local. “A primeira coisa que aconteceu” - relata Giuseppe - “foi faltar luz. E faltou apenas na casa. Tinha na frente, nos lados, nos vizinhos, menos na casa!” O mais impressionante é que os dois não conseguiam sair, por mais que tentassem. A porta da rua, pesada, não abria de jeito nenhum. As vidraças pareciam feitas de aço: jogavam tudo contra elas, e nada! Ficavam inteirinhas; nem mesmo ficavam arranhadas. Estavam prisioneiros dos Espíritos. “Fato semelhante aconteceu em uma cidadezinha dos Estados Unidos da América do Norte - Amiteville, numa casa assombrada, onde, algum tempo antes, houve a chacina de toda uma família, por um se seus membros, um jovem de dezoito anos, segundo consta-possuído por um Espírito maligno. Nesta casa, os primeiros moradores faziam, às escondidas, em um cômodo subterrâneo, cerimônias demoníacas (missas negras) atraindo, assim, Espíritos moralmente atrasados, profundamente ligados a toda a ordem de perversão. A família que adquiriu a casa, que estava à venda, há muito tempo, por uma bagatela, não sabia de seu passado escabroso nem tampouco dos crimes que em seu interior foram perpetrados. Essa família foi barbaramente atacada pelos invisíveis, ao longo de uma noite, mediante a incidência de uma série de tenebrosos fenômenos: gritos, gemidos, fezes que escorriam pelas paredes, sangue que brotavam do teto e caíam sobre os apavorados moradores, animais, como porcos, passavam, velozes, por entre os componentes da família, que ficavam sempre juntos, uns agarrados aos outros, plenos de medo. Quando tentaram abrir a porta da rua ou a porta dos fundos, não conseguiram. Jogaram objetos pesados contra as vidraças, sem resultado positivo. Pareciam feitas de aço (iguais as das aquelas do restaurante da Boca do Rio). De repente, uma das crianças (eram três crianças e os seus pais), sugeriu que todos se dessem as mãos e orassem com todo o fervor, de todo o coração. A partir daí os fenômenos

foram diminuindo de intensidade, até que cessaram por completo. As portas e janelas se abriram e a família saiu para nunca mais voltar. A casa foi incendiada pela população do lugarejo em meio a conjuros, orações etc. Outros fatos semelhantes têm sido registrados por este mundo a fora. Nas Filipinas caso idêntico ocorreu, provocando, todavia, reações absurdas em seus protagonistas, como a loucura irreversível e o suicídio. Há de o leitor perguntar, com justa razão, diante de tais e terríveis acontecimentos: Por que Deus permite que os Espíritos procedam dessa forma? Responde-se com esta pergunta: Por que Deus permite que os homens se matem e se desgraçam uns aos outros? E mais: Qual a diferença? Uns estão fora do corpo físico, pelo fenômeno da morte; outros estão ainda no corpo físico. Mas, ambos pensam e se determinam; ambos, pois, possuem o livre arbítrio, pondo-o em prática muita vez impensada e tresloucadamente. Estando aqui, na dimensão corpórea ou lá, na dimensão incorpórea, as coisas, de certa forma, e, a níveis moral e intelectual, não mudam. O ser é o mesmo aqui como lá. E preciso a gente entender essa realidade. Infelizmente, as religiões criaram espécies de condicionamentos teológicos que impediram e vêm impedindo que o próprio homem admita-se um ser eterno e participe desse “continua” existencial...

Continua Giuseppe: “O jeito foi acender velas, um pacote de velas”. Por incrível que pareça, com a luz das velas a algazarra dos Espíritos cessaram. Seria por causa das velas? Teriam elas algum poder oculto? Não. Eles precisavam da escuridão para realizar os fenômenos, uma vez que a energia despendida por Giuseppe ou por José Raimundo, ou pelos dois, o ectoplasma, (na denominação do pesquisador francês Charles Richet, prêmio Nobel de Medicina), não resiste a certos tipos de luz. Fizeram da casa, mais especificamente do salão, onde os dois vigias se encontravam, uma espécie de “cabine mediúnica”, que deve ficar sempre às escuras, como

manda a boa técnica posta em prática pelos grandes pesquisadores em várias partes do mundo. Eles sentiam e viam os Espíritos tentando apagar as velas, e conseguiam, de repente, provocando um vento direcionado. Acendiam-nas imediatamente. O único lugar onde os Espíritos não conseguiam apagar as velas era sob o oratório de um santo ali existente. A imagem era muito antiga, venerada pelos primeiros moradores da casa. Acreditamos que os Espíritos guardavam um forte resquício de misticismo, não se aproximando, em sinal de respeito, da imagem do santo. Resolveram, os protagonistas, dormir: estavam exaustos. Os Espíritos não deixaram, promovendo uma bateria de ruídos, acompanhados de gritos e gargalhadas. Giuseppe e José Raimundo estavam sempre armados: o primeiro com um revólver carregado e o segundo com dois longos espetos de churrasco. Mas, onde e em quem usar as armas? Nada viam de concreto. E quando viam, desaparecia como fumaça. Em princípio, eles não pensavam que se tratasse de fantasma, daí as armas. Quando entenderam o que realmente acontecia, as coisas mudaram de figura. Os fenômenos aumentaram. Viram uma “pessoa” negra do lado de fora da porta principal do ex-restaurant, porta esta de madeira e vidraças. Parecia que queria entrar no salão. Ela era do tamanho da porta - a porta tinha dois metros de largura e dois metros e meio de altura! Giuseppe não pestanejou: mandou chumbo sobre a tal “pessoa”. Foram três tiros certos. Verificou-se, mais tarde, que os três orifícios por onde passaram os projéteis estavam lá, nas vidraças, perfeitos, como se fossem feitos por uma máquina especial. “O cidadão” - esclareceu Giuseppe - “pegou fogo, incendiou-se, virou uma tocha diante de nossos olhos apavorados! “De dentro de um dos quartos ouvimos uma estrepitosa gargalhada...

Resolveram, por último, dormir no salão, sob as mesas que eles mesmo arrumaram umas sobre as outras. Lá para tantas, quando parecia que iam

realmente dormir, tudo recomeçou. Iniciaram pelos colchões: foram puxados e sacudidos com violência, acordando-os assustados. De repente, as mesas desabaram. Decidiram, então, levar os colchões para debaixo do oratório, onde ficaram entre sustos e cochilos até que o sol raiar. Com a luz, as trevas e os seres das trevas se foram...

Eis a história do restaurante LA GÔNDOLA, contada por um de seus proprietários. Mais tarde, a casa foi alugada por um empresário português que ali inaugurou um restaurante, o ALFACINHA Passou, o português e a sua família por sérios apuros com os mesmos e perturbadores Espíritos que infernizaram a vida dos italianos. Certa feita, conta, ainda, Giuseppe, o português viu, no fundo da casa, uma mulher que o advertiu quanto aos perigos que ele e a família corriam naquele lugar. E disse que, se ele ficasse, iria perder um de seus bens mais preciosos. O proprietário do ALFACINHA não deu muita importância à advertência. Pensou tratar-se de alguma louca. Na verdade, era um Espírito que estava tentando livrar aquela gente das garras dos obsessores. Um dia, o filho do português, jovem estudante de um colégio em Itapoã, colega de Giuseppe, ao tentar subir em um ônibus pela porta traseira, escorregou e um dos pneus esmagou-lhe a cabeça. O pai, desgostoso, fechou o restaurante e voltou, segundo consta, para a sua terra natal. A casa continua de pé, provavelmente com seus terríveis e invisíveis habitantes, esperando que alguém abra outro restaurante, pois a área é, turisticamente, propícia. Ou, então, qualquer ramo de negócio. Seria mais certo abrir-se, ali, uma casa espírita. Você não acha, prezado leitor?...

E O ESPÍRITO LEVOU O CARTÃO POSTAL PARA O ALÉM

Antes de cada sessão, conversávamos através do médium, com o orientador espiritual, Ambroise Paré, sobre assuntos ligados à fenomenologia mediúnica. Justamente na última sessão em que o Espírito “NOIVA” apareceu materializado,

trocamos idéias sobre os fenômenos de transporte: transporte de objetos de fora do ambiente para dentro dele e vice-versa. O tema provocou salutar discussão entre a entidade espiritual e a equipe de pesquisadores. Naquela sessão, “NOIVA” pediu que lhe fizéssemos presente de um cartão postal, em policromia, de Allan Kardec. Esse cartão fora adquirido quando estivemos, eu e Lúcia, em visita ao famoso cemitério Pere Lachaise, em Paris, onde estão depositados, em belíssimo Dólmen (monumento megalítico celta) os restos mortais do Codificador do Espiritismo. Deve-se assinalar que tanto o referido cartão, como livros, e revistas, foram comprados na única livraria espírita existente, no mundo, dentro de um cemitério... Imediatamente, passamos às mãos do fantasma o cartão solicitado, que foi assim transportado para o plano espiritual, utilizando-se o espírito de mecanismo que ainda precisa ser analisado em maior profundidade, embora o próprio Kardec, especialmente no “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, de sua autoria e dos Espíritos, tenha registrado, com objetividade, o fenômeno. O certo é que nunca mais o cartão postal foi visto. Ficara em poder do Espírito. Como ele se encontra no mundo espiritual? - Parece que fica em estado imponderável, estando, pois, de acordo com a estrutura molecular da dimensão em que se encontra. Não seria coerente admitir que ele, em tal esfera, permanecesse íntegro, isto é, como estava no plano corpóreo. O evento, estranho sob todos os títulos, é aqui assinalado, convidando os investigadores dos “fenômenos inabituais” (segundo nomenclatura parapsicológica) a proceder de forma mais equilibrada e adequada na busca de suas causas reais.

BIBLIOGRAFIA

- BARRET, Sir W. *Umbrais do Além*; tradução do inglês por Isidoro Duarte dos Santos (Lisboa, Portugal-Estudios Psíquicos Editora, 1947)
- BOZZANO, E. *Animismo ou Espiritismo?* (Rio de Janeiro - Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, s/data)

BOZZANO, E. *Fenômenos de Transporte* (São Paulo-Edições FEESP - Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1982)

DE PAULA, J.F. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado-Espiritismo, Metapsíquica, Parapsicologia* (Porto Alegre-R.S.-Editora Bels S.A, 1976)

DELANNE, G. *O Fenômeno Espírita*. Tradução da 5a. edição francesa pelo Marechal Francisco Raymundo Ewerton Quadros (Rio de Janeiro - Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, s/data)

DENIS, L. *No Invisível*. Tradução do francês por Leopoldo Cirne (Rio de Janeiro-Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, 1946)

FODOR, N. *Encyclopaedia of Psychic Science* (United States of América, University Books Inc., 1974)

GAULD, A. *Mediunidade e Sobrevivência* (São Paulo-Editora Pensamento, 1978)

GRANJA, P. *Afinal, Quem Somos?*. Prefácio de Monteiro Lobato (São Paulo-Editora Brasiliense Ltda., 1949)

GREAVES, H. *A Roda da Eternidade* (São Paulo-Editora Pensamento, 1978)

MAYNARD, N. C. *Sessões Espíritas na Casa Branca*. Tradução do inglês por Wallace Leal V. Rodrigues (Matão-S.P.-Editora O Clarim, 1981)

KICHKT, C. *Tratado de Metapsíquica - TOMO I* (São Paulo-Livraria Allan Kardec Editora, s/data)